



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARY ANGELA BRITO ALVES

MULHERES DO CÍRCULO DE ORAÇÃO:
PODER SIMBÓLICO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS

ARACAJU - SERGIPE

2024



MARY ANGELA BRITO ALVES

**MULHERES DO CÍRCULO DE ORAÇÃO:
PODER SIMBÓLICO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sictro Sensu da Universidade Federal de Sergipe para submissão, do grau de Mestre em Ciências da Religião, tendo como orientadora a professora Dra. Maria Jeane dos Santos Alves, professora, permanente, da Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Jeane dos Santos Alves

ARACAJU - SERGIPE

2024



Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da – Universidade
Federal de Sergipe UFS

Alves, Mary Angela Brito

Título da dissertação - Mulheres do Círculo de Oração: Poder Simbólico da
Assembleia de Deus

148- Cento e quarenta e Oito folhas.

Nome do Orientador: professora Dra. Maria Jeane dos Santos Alves

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Federal
de Sergipe, Pró- Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-
Ciência da Religião

1.Assembleia de Deus, 2. Círculo de Oração,3. Poder Simbólico, 4.
Invisibilidade Feminina, 5. Hierarquia Religiosa.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós –Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Linha de Pesquisa: Ciências Empíricas e Aplicadas da Religião.

Projeto de Pesquisa: Mulheres do círculo de oração: poder simbólico da Assembleia de Deus.

Aprovada em 28 de agosto 2024.



BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Maria Jeane dos Santos Alves

Orientadora:

Professora Universidade Federal de Sergipe

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6201104372127330>

Linha De Pesquisa: Religião, Conhecimento e Linguagem

Prof. Dr.^o. João Everton da Cruz Santos

Professor, Universidade Federal de Sergipe- UFS

Lattes:

Linha de Pesquisa: Religião, Conhecimento E Linguagem

Prof.^o Dr.^o. João Eudes Rocha de Jesus

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4164422161941001>

Professor da Faculdade Católica de Feira de Santana - Bahia

Professor da Faculdade Anísio Teixeira – Feira de Santana – Ba.

Linha de Pesquisa: Filosofia

Aracaju- SE

Porquanto, ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas, todavia, eu me alegrarei no SENHOR, exultarei no Deus da minha salvação. Habacuque 3: 17-18



Dedicatória

Dedico este trabalho ao meu marido, (In memoriam) pastor Jonas Alves da Silva Filho que tanto trabalhou, como pastor e pastor presidente durante mais de 25 anos, na Assembleia de Deus no sertão da Bahia e nas caatingas da Bahia, levando sol e chuva, abrindo campos e implantando igrejas, levando o evangelho genuíno. Ganhando almas e a todo tempo foi integro e fiel a Deus e a igreja. Sendo querido e amado o por todas as igrejas por onde passou. E como marido tanto me ensinou a palavra de Deus e me instruiu. Um homem dotado pelo dom da palavra e admirável por sua conduta. E que me amou com um amor sem igual. E na sua morte não foi respeitado, pelo sistema Assembleia de Deus, Onde que foi fazer o culto fúnebre estava mais preocupado com o campo, com os bens e com as entradas financeiras e quem iria ocupar o campo. Não se preocupou em acalantar a viúva, filho, mãe e familiares do pastor Jonas Alves e nem tão prestar homenagem póstuma ao falecido. foi violado seus direitos não recebendo as honras merecidas. Mas eu estou aqui, meu marido, para te honrar e levar seu nome e o seu legado em todo lugar por onde eu andar.

Agradecimentos

Agradeço, ao meu Deus, autor e consumidor da minha fé. O meu tudo o Alfa e o Ômega, O princípio e O fim. O Deus a quem amo e tenho alegria dEle ter-me feito ovelha do Seu pasto. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor, para todo sempre amém, amém e amém

Agradeço, mais uma vez, ao meu esposo, (In memoriam) Jonas Alves, pastor, teólogo e foi pastor presidente, filiado a CEADÉB com o número 7169-2. Não tenho palavras para agradecer, pelo apoio e dedicação, durante todo esse tempo do curso do mestrado, levando-me incansavelmente para Aracaju ou então me incentivando com palavras de carinho. E nesse tempo, muitas vezes em situações adversas, mas ele estava presente. Ficando lá me esperando, o dia inteiro. Não tem preço que pague. Obrigada Jonas Alves, meu amigo, companheiro, marido e pastor, que falta você me faz meu companheiro, meu mentor, meu namorado.

Aos meus filhos: Edeilson Brito Santos possui graduação em Engenharia Elétrica e especialista em Automação, Controle e Robótica e especialização em Engenharia de Segurança do trabalho. E a minha filha Monalisa Dejean Brito Santos, advogada Fiz questão de destacar as vossas profissões e habilidades, para dá ênfase que foi através de muita oração e jejum, dessa sua mãe, dirigente de Círculo de Oração, que há mais de 35 anos, anda, de vigília em vigília de monte em monte, colocando vossos nomes em caixa de oração dos Círculo de Oração para conseguir forças para formar vocês. Pois uma mulher negra, pobre criada em orfanato, se não tivesse fé, jamais chegaria onde cheguei, com a força a misericórdia e propósito de Deus, “anda com fé eu vou que a fé não costuma faia” (Gilberto Gil) e a minha nora Marluce Cristina Hilário Santos graduada em Administração e especialista em Gestão Recursos Humanos , que também foi revelada através de um profeta que seria mulher do meu filho, sendo fruto das orações dessa velha dirigente de círculo de oração, que sempre pediu a Deus, para que meus filhos cassasse pessoas temente a Deus, de boa índole e que venham agregar valores na nossa família Ainda continuo orando para que Deus também conceda a minha filha um varão valoroso e que a ame e seja temente a Deus e trabalhador. Obrigada minha família.

A professora Dr^a e orientadora Maria Jeane Alves, professora permanente da Universidade Federal de Sergipe que no (momento de grande angústia que passei com o falecimento do meu marido e a expulsão da igreja, somente por ser mulher e está exercendo, com a autorização do meu marido quando vivo, a função pastoral fui humilhada e rejeitada pelo sistema. Mas a professora Dra. Maria Jeane me ajudou e como psicóloga me apoiou e

dectou que eu estava em quase depressão. Essa professora sem medir esforços procurou profissionais da área para acompanhar-me nessa guerra do bem contra o mal.... quase cheguei a desistir, literalmente, da vida. Obrigada professora Jeane, por não desisti de mim.

Agradeço a Universidade Federal de Sergipe, pelo apoio nesse momento de tanta dor. Agradeço aos professores da UFS, professor Péricles, Professor Calvani, Professor Glaucio cada um na sua maneira foi canal de benção na minha vida. Agradeço a secretaria Kate. Agradeço aos meus colegas pelo apoio e palavras de incentivo.

Agradeço a Faculdade Católica de Feira de Santana por me receber tão bem para conclusão do Tirocínio. Agradeço ao professor Marçal diretor da instituição. Ao coordenador do Curso de Teologia padre Rodrigo. Agradeço a secretaria todos muito solícitos. Em especial agradeço ao professor monsenhor padre Luís Rodrigues pelo carinho, ensinamento, apoio. Obrigada meu mestre querido, professor Luís Rodrigues.

Agradeço ao querido mestre o Dr. Professor Joao Rocha de Jesus, meu professor de Filosofia e Logica Jurídica no curso de Bacharel em Direito da FAT (Faculdade Anísio Teixeira). Um professor exemplar, um grande incentivador que tanto me ajudou nessa jornada. Ao mestre com carinho o meu salve!!!

Agradeço a professora Dr^a Marina Aparecida Oliveira dos Santos Côrrea, doutora e Mestre em Ciências da Religião - na área de concentração Religião e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais (RELEP) e Membro do grupo de pesquisa OBSERVARE. Muito obrigada por todo incentivo e ensinamentos. Meus agradecimentos.

Agradeço a cada mulher do Círculo de Oração que conheci durante a minha trajetória de vida e que tanto me ensinou. Deixo aqui representado todas essas mulheres, através dos nomes dos ícones (Irma Ilza, Irma Conceição, Irma Sonia, Irma Didi (in memoriam) Irma Vavá e Irma Graça, Irma Barbara, Ima Antônia de Cachoeira, Irma Edna.... ai meu Deus!!! Muitas histórias passamos juntas e cada história um GLORIA DEUS!!!!!!

Agradeço a cada pastora, bispas e apostolas do COMMFE (Conselho Federal de Mulheres Ministras do Evangelho e Femininas). Todas vocês que cuidaram de mim, naquele momento de dor (falecimento do meu marido). Em nome das: bispa Patrícia Araujo, bispa Antônia Claret, bispa Marcia Hurbart, pastora Joelma, pastora Luciana Duque, (pastora Elda que saiu do COMMFE) pastora Jane Amaral, pastora Michele, quero agradecer a todos vocês, pelas orações e cuidado.... todas do COMMFE, não citei os nomes de todas vocês, mas sintam-se lembrada.

Agradeço aos meus vizinhos, muito obrigada a dona Wilma, a Fernanda, a Luciana, ao Sandra, ao pastor Leo e esposa, ao Sr. Paulo, a Jean a Junior. Meu muito obrigada. Em momento de dor e aflição vocês estavam comigo.

Agradeço ao pastor Itamar, a pastora Alda Fernandes, a irmã Maria Alice e ao pastor Menezes os únicos assembleianos que vieram me visitar e se importaram com a minha dor. Que o Deus todo poderoso recompense vocês com ricas bençãos

Por fim agradeço a mim mesma...você Mary Ângela é matéria prima tirada do chão que não se intimida, você se reinventa Deus amassa e te faz chorar.... Mas lhe faz e refaz a cada dia. Você é maravilhosa Mary Ângela Brito Alves.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como tema "As Mulheres do Círculo de Oração: o poder simbólico da Assembleia de Deus", visa investigar a falta de visibilidade das mulheres na Assembleia de Deus e examinando o poder simbólico que exercem dentro da comunidade religiosa. A pesquisa tem como objetivo preencher uma lacuna na literatura acadêmica sobre o impacto e a função das mulheres na religião, especialmente considerando que, historicamente, elas têm sido desvalorizadas de posições de poder religioso formal, muitas vezes sendo vistas apenas como subalternas. O estudo é composto por entrevistas, observações e análises de documentos para explorar as dinâmicas do Círculo de Oração. Com base nas teorias do poder simbólico e político, procura-se compreender como essas mulheres, embora muitas vezes não sejam reconhecidas formalmente, exercem uma influência significativa na igreja e na comunidade. Os resultados demonstram que, apesar das limitações formais, como a proibição de exercer funções pastorais ou administrativas, as mulheres do Círculo de Oração desempenham papéis relevantes dentro da Assembleia de Deus. Elas não se limitam a fornecer apoio espiritual e emocional, mas também influenciam decisões relevantes dentro da comunidade, demonstrando resiliência e capacidade de articulação. Essas mulheres são reconhecidas por sua capacidade de manter e propagar o poder em uma estrutura predominantemente masculina. A pesquisa concluiu que as mulheres do Círculo de Oração têm um "poder invisível" que afeta profundamente as dinâmicas religiosas e sociais da comunidade. Apesar de não ser oficialmente reconhecido, esse poder é indispensável para a manutenção da igreja e demonstra a importância simbólica que essas mulheres têm dentro da Assembleia de Deus. Este estudo tem implicações relevantes para a compreensão acadêmica das dinâmicas de gênero em contextos religiosos e desafia as normas que limitam o papel das mulheres. Realmente, aumenta a importância das contribuições femininas, podendo inspirar uma repensar os papéis de gênero nas igrejas, estimulando debates sobre igualdade de gênero e poder em instituições religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Assembleia de Deus; Círculo de Oração; Poder Simbólico; Invisibilidade Feminina; Hierarquia Religiosa.

ABSTRACT:

This research paper addresses the theme "The Women of the Prayer Circle: the symbolic power of the Assemblies of God," investigating the lack of visibility of women in the Assemblies of God and examining the symbolic power they wield within the religious community. The research aims to fill a gap in the academic literature on the impact and role of women in religion, especially considering that, historically, they have been marginalized from formal religious power positions, often being seen only as subordinates. The study comprises interviews, observations, and document analyses to explore the dynamics of the Prayer Circle. Based on theories of symbolic and political power, it seeks to understand how these women, although often not formally recognized, exercise significant influence in the church and community. The results demonstrate that despite formal limitations, such as the prohibition from holding pastoral or administrative roles, the women of the Prayer Circle play significant roles within the Assemblies of God. They do not merely provide spiritual and emotional support but also influence important decisions within the community, demonstrating resilience and articulative capacity. These women are recognized for their ability to maintain and propagate power within a predominantly male structure. The research concluded that the women of the Prayer Circle possess an "invisible power" that profoundly affects the religious and social dynamics of the community. Although not officially recognized, this power is indispensable for the church's maintenance and highlights the symbolic importance these women hold within the Assemblies of God. This study has relevant implications for the academic understanding of gender dynamics in religious contexts and challenges the norms that limit women's roles. It indeed enhances the importance of female contributions, potentially inspiring a rethinking of gender roles in churches, stimulating debates on gender equality and power in religious institutions.

KEYWORDS: Assemblies of God; Prayer Circle; symbolic power; female invisibility; religious hierarchy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 ORIGEM DA ASSEMBLEIA DE DUES	26
1.1. A ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL.....	28
1.1.1 A origem da Assembleia de Deus: o contexto religioso e social	28
1.2 O Pentecostalismo no Brasil	31
1.3. Principais Marco Histórico e Momentos de Expansão das Assembleias de Deus no Brasil	34
1.4. O Primeiro Culto Pentecostal.....	34
1.5. Primeiro Estatuado da Assembleia de Deus	35
1.6. Crescimento e as Primeiras Congregações	36
1.7. Consolidação e Expansão Nacional	37
1.8- Expansão das Assembleias de Deus Pelas as Regiões do Brasil	38
1.8.1- Assembleia de Deus Regiao Norte	38
1.8.2. Assembleia de Deus Regiao Norte.....	39
1.8.. Assembleia de Deus Regiao Sudeste.....	42
1.8.4. Assembleia de Deus Regiao Sul	42
1.8.5. Assembleia de Deus Regiao Centro Oeste	43
2. HISTORICO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NA BAHIA	45
2.1. Chegada da Assembleia de Deus na Bahia	48
2.2. A Expansão da Assembleia de Deus na Bahia	49
2.3. Introdução e Estabelecimento da Assembleia de Deis na Bahia	47
2.4. Crescimento e Consolidação da Assembleia de Deus na Bahia	48
3. AASSEMBLEIA DE DEUS EM FEIRA DE SANTANA	51
3.1 História e Implementação da Assembleia de Deus em Feira de Santana	51
3.2. Expansão e Projetos Sociais	52.
3.3. Peculiaridades e Desafios da Regiao de Feira de Santana	53
3.4. Impacto Social	53
4 PODER E NÃO PODER DAS MULHERES DO CIRCULO DE ORAÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DEUS.....	56
4.1- Origem do Círculo de Oração	59
4.2. Definição do Circulo de Oracao.....	59
4.3 Estrutura organizacional do Círculo de Oração	62

4.4. Discursos e Temas do Círculo de Oracao.....	69
4.5. Círculo de Oração um Espaço Feminino	77
4.5.1 O Círculo de Oração como espaço de poder das mulheres na Assembleia de Deus.....	95
4.5.2 A atuação das Mulheres do Círculo de Oração como Capital Simbólico	95
4.5.3. Resistencia e Subversão do poder: Bourdieu e Foucault na prática.	97
4.5.4. Ivone Gebara e a interseccionalidade nas experiencias femininas.....	98
4.5.4 . A influencia e a resistêcia das mulheres na Assembleia de Deus.....	98
Considerações Finais.....	101
REFERENCIA BIBLIOGRAFICA.....	114
DECLARACAO ENTREVISTA E DEPOIMENTO.....	116
Anexo I	116
Anexo II	140
Anexo III	144
Anexo IV.....	145

Anexo I – Entrevistas

Anexo II

Figura 1 - Frida Vingren

Figura 2 - Frida Vingren Ensinado, no presídio, estudos teológicos

Figura 3- Celina Albuquerque a primeira crente pentecostal do Brasil

Figura 4- Emilia Costa a primeira diaconisa do Brasil

Figura 5 Emilia Costa na Convenção do Rio de Janeiro, a única mulher negra presente na convenção em lugar de destaque. Ela era diaconisa.

Figura 6. Pastora e dirigente de Oração Ednalva Barbosa exemplificando, através do símbolo, o “Coque. O poder simbólico”

Anexo III – Mapas com as devidas datas de implantação das Assembleias de Deus no Brasil.

Mapas das Regiões do Brasil

Mapa 1- Região Norte

Mapa 2- Região Nordeste

Mapa 3 - Região Sudoeste

Mapa 4 – Região sul.

Mapa 5 Região centro oeste

LISTAS DE SIGLAS

AD – ASSEMBLEIA DE DEUS

ADBOC- ASSEMBLEIA DE DEUS BOCA DO CORREGO

CEADEB- CONVENÇÃO GERAL DA ASSEMBLEIA DE DEUS NA BAHIA

CGADB- CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

CO – CÍRCULO DE ORAÇÃO

EBD – ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

MA – MARY ALVES

UFS- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho de pesquisa, versa sobre “as mulheres do círculo de oração: poder simbólico da Assembleia de Deus”, investigando os motivos da falta de visibilidade das mulheres participantes do processo de construção, ao longo da história das Assembleias de Deus. E compreendendo o poder simbólico que exercem. A pesquisa busca preencher uma lacuna na literatura acadêmica ao examinar o impacto e a função dessas mulheres na comunidade religiosa. Historicamente, a religião sempre teve um papel essencial na vida das pessoas, influenciando suas jornadas e moldando e mudando as culturas e a sociedade. E o campo religioso é muito vasto e está interligado as áreas como: Antropologia, Sociologia, Direitos Humanos e Política. No entanto, existem lacunas, significativas, em aberto, quanto à visibilidade e reconhecimento dessas mulheres em funções religiosas formais que venham causar impacto ao relatar a História da Religião. Os relatos, históricos, enfatizam, quase sempre, essas mulheres do outro lado do poder, na subalternidade. Mas será que realmente é assim? Para Doneda 2018 “há uma confusão semântica entre humildade e humilhação, que contribuem para a perpetuação da dominação sobre a mulher, nessa estrutura hierárquica de poder religioso, limitando os espaços de atuação da mulher.” As pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes são confiados, ou dados, é que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina. Todavia, elas, reproduzem esse poder não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato controlam o poder. Isso significa dizer que o domínio patriarcal ou masculino apresenta uma sociedade distinta e com manifestações desiguais de poder. Como diz (DONEDA 2018, p.85) “as normas pelas quais as mulheres são medidas nada tem de universais”.

Dessa forma, mesmo sendo proibidas de exercerem a função de pastoras ou cargos administrativos significantes, as mulheres das Assembleia de Deus são presença marcante dentro das suas comunidades, sendo consideradas “anônimas” por muitos, contrariando a muitos, estas sabem articular opiniões como ninguém, fazendo prevalecer suas posições nas decisões importantes (CORREA, 2013, p.241). Segundo (GEBARA 2018, p.13) a cultura de dominação do feminino faz parte de muitas outras religiões, não sendo apenas pertencente a uma religião que delegam aos homens papéis de autoridade e mando. No século XX as mulheres tomam consciência feminina, como fenômeno cultural, social e político e se descobrem colonizadas, proletárias e inferiorizadas. A classe dominante da igreja vê a mulher

de forma abstrata e monolítica, proveniente do pensamento hierárquico, que resulta na falta de direitos às mulheres, gerando políticas retrógradas. Diante deste contexto:

As atitudes tomadas pelos administradores assembleiano me fazem lembrar a saga de Maria, a mãe de Jesus. Segundo as narrativas bíblicas, antes da concepção do seu filho foi visitada pelo anjo Gabriel, um fato extraordinário. Por que então Maria foi silenciada pela história e pela Igreja Católica até hoje? As mulheres católicas são silenciadas assim como as mulheres assembleianas. Somos serviçais religiosas sem voz! Lembrando as palavras de Maria mãe de Jesus em (Lucas., 1, 46-48): “Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu salvador, porque olhou para sua pobre serva[...]”. Posso pensar que tanto os pastores quanto os padres leram apenas “pobre serva”, ou estou enganada? (CORREA, 2018, p.15).

As mulheres prestam um importante papel na história do Evangelho. Desde o dia que Jesus outorgou as mulheres permanecerem em Seu ministério não somente ajudando financeiramente, mas acompanhando-lhe de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, conforme descreve na Bíblia Sagrada no Evangelho de Lucas 8:1-3, elas têm atuado com afinco e com muita maestria. Partindo desse pressuposto, as mulheres exercem papéis fundamentais para elucidação do Evangelho. E com os seus bens, elas ainda colaboram na construção de igrejas. Isso desde os primórdios da proclamação do evangelho. Cada mulher tem uma missão específica com suas características peculiares, demonstrando firmeza, empatia, coragem, sensibilidade e sabedoria. Dessa feita, nada mais justo que o reconhecimento oficial das mulheres que militam na obra da propagação do reino de Deus.

Poderia citar vários relatos, e nomes de muitas mulheres, entretanto deixarei como exemplo Frida Vingren.¹ Entendendo que cada mulher que milita na obra de Deus é uma Frida Vingren. Ela foi a primeira pessoa a exercer um ministério de evangelismo dentro de um presídio masculino, ensinando a palavra bíblica aos detentos. Conforme (ALENCAR,2000 p.39), “o ministério de evangelismo em um presídio brasileiro teve como vanguarda a figura protagonista feminina de Frida Vingren, que com muita coragem e amor executou uma obra de superação e persistência junto aos detentos ao ensinar e promover naquele ambiente uma palavra de esperança e fé. Segundos relatos do BBC News Português, datado de 2018: “Na capital carioca, Frida expande seu trabalho”. Torna-se a primeira mulher da religião cristã a

¹ Frida Vingren: A missionária sueca perseguida no Brasil, internada em hospício e 'esquecida' pela História. morreu aos 49 anos, no dia 30 de setembro de 1940, na Suécia, nos braços da filha. Abatida, ela pesava 23 quilos.

dirigir uma Escola Bíblica Dominical, fundada em uma prisão também inicia o jornal Som Alegre, através do qual passa a defender o ministério feminino. Em 1929 Frida Vingren obteve uma permissão da casa de detenção, para ensinar as palavras da Bíblia Sagrada. O casal Gunnar Vingren e Frida Vingren passa a liderar uma equipe de irmãos que passam a realizar cultos dominicais na unidade prisional, um trabalho que produziu muitas conversões (Araujo, 2015, p. 100). Entre os dias 5 e 11 de agosto de 1929, ocorreu a primeira Escola Bíblica que reuniu todos os obreiros da região, com a participação dos palestrantes Gunnar Vingren e Frida Vingren, importantes figuras do movimento pentecostal no Brasil. Segundo Isael Araujo, 2015, p.101 durante o evento, houve a separação de três novos evangelistas, incluindo Deolinda Evangelista, a primeira mulher a ser reconhecida nesse papel, destacando a relevância feminina na expansão das Assembleias de Deus desde suas primeiras décadas de atuação. Entretanto em setembro de 1929, Samuel Nystron escreveu uma carta severa a Gunnar Vingren, expressando sua oposição ao ministério feminino na igreja. A motivação para essa crítica foi o trabalho notável de Frida Vingren, cuja atuação pastoral e evangelística, além das ordenações de mulheres, gerou controvérsia entre alguns líderes da Assembleia de Deus. Segundo Isael Araujo, 2007, p.33 a carta de Nyström refletia a resistência de setores mais conservadores da igreja em aceitar o papel das mulheres no ministério, mesmo diante do impacto positivo que figuras como Frida já exerciam na expansão do movimento pentecostal.

[...]em 28 de setembro, Vingren recebeu uma carta dura, com ameaças, do missionário Samuel Nystron, pastor da Assembleia de Deus de Belém do Pará na época e era, desde 1923, o diretor-gerente do jornal Boa Semente, órgão oficial e nacional das Assembleias de Deus no Brasil. Possivelmente, o assunto dessa missiva teria sido a sua posição contrária ao ministério da mulher na igreja (ARAUJO, 2015, p.102).

Do ponto de vista histórico, é inegável que as mulheres desempenharam papéis importantes na vida da Igreja. Estudos e evidências mostram que, no início da Igreja, elas participaram em pé de igualdade com os homens, sendo inclusive reconhecidas por suas contribuições. Para Cristiane Monteiro 2008, p. 45 “ao longo dos séculos, esse papel foi progressivamente questionado, levando à exclusão das mulheres de espaços de tomada de decisão.”

"Reafirmando o tema central desta investigação, as mulheres integrantes do círculo de oração nas Assembleias de Deus exercem papéis fundamentais, apesar de permanecerem em uma condição de invisibilidade. Conhecidas popularmente como "as irmãs do coque", essas mulheres não recebem o reconhecimento oficial que lhes é devido. No entanto,

paradoxalmente, sua influência não se reduz; elas detêm um poder simbólico significativo tanto na igreja quanto na comunidade. Segundo Marina Correa destaca, "as mulheres religiosas exercem um papel elementar na construção da identidade e da comunidade" Correa,2010, P.123. Nesse sentido, as mulheres do círculo de oração das Assembleias de Deus são exemplares. Também, Ivone Gebara afirma que "as mulheres têm sido capazes de criar espaços de poder e resistência dentro das estruturas religiosas" Gebara,2018, p.187. Essa afirmação se reflete na realidade das mulheres do círculo de oração, que exercem um poder simbólico que transcende sua invisibilidade. Essa dinâmica de poder e influência é um tema recorrente na literatura das relações sociais e da religião e merece ser explorado mais a fundo.

Na Igreja Assembleia de Deus, o Círculo de Oração (CO) exerce um papel fundamental, sendo conhecido como um lugar de oração e intercessão. Além de ser um espaço de compartilhamento de experiências, o Círculo de Oração acolhe pessoas desmotivadas, desiludidas, desempregadas e as que enfrentam sofrimentos diversos oferecendo-lhes alento e apoio. As mulheres que participam do Círculo de Oração desempenham um papel ativo na comunidade, oferecendo suporte espiritual e emocional, realizando visitas às casas, ajudando famílias, e prestando assistência em presídios e hospitais, além de participarem ativamente das atividades da igreja. Apesar de desempenharem trabalhos evidentes e reconhecidos pela membresia, as mulheres do Círculo de Oração raramente são reconhecidas pela liderança eclesiástica como líderes com um chamado pastoral. Seu poder é considerado secundário em comparação ao dos pastores e líderes masculinos. Embora estejam proibidas de exercer a função de pastoras ou ocupar cargos administrativos significativos, as mulheres do Círculo de Oração nas Assembleias de Deus possuem uma presença marcante na igreja e são amplamente reconhecidas, pelos fiéis, por seu papel social e espiritual fundamental dentro da comunidade. Consideradas 'anônimas' por muitos, essas mulheres demonstram grande habilidade em articular suas opiniões e fazer prevalecer suas posições em decisões importantes, contrariando assim as expectativas tradicionalmente atribuídas ao gênero feminino. Portanto, é fundamental analisar as razões subjacentes ao apagamento histórico dessas figuras femininas e compreender como, mesmo diante de tais desafios, elas conseguem manter e exercer sua influência simbólica dentro do contexto eclesiástico.

A origem e o desenvolvimento das reuniões de oração na Assembleia de Deus, desde sua gênese até sua chegada em Feira de Santana, serão analisados em, se possível, profundidade. Onde destacaremos os eventos, locais históricos e fatos que influenciaram esse processo, buscando compreender as dinâmicas sociais e religiosas que moldaram essa

trajetória. Este estudo tem como objetivo oferecer uma visão abrangente das motivações e influências que moldaram as práticas religiosas dentro da Assembleia de Deus, com ênfase no papel fundamental desempenhado pelas mulheres dentro dessas tradições. Conforme (CORREA 2010, p.123) "as mulheres religiosas exercem um papel essencial na construção da identidade religiosa contribuindo para um discurso místico na igreja". Gedeon de Alencar também destaca que "as mulheres têm sido capazes de criar espaços de empowerment dentro das estruturas religiosas, mesmo quando enfrentam barreiras institucionais" (ALENCAR 2012, p.147). Essas afirmações refletem a realidade das mulheres que apesar de serem frequentemente marginalizadas, continuam a exercer uma influência significativa nas comunidades eclesíásticas. Portanto, este estudo busca contribuir para uma compreensão do papel das mulheres nas reuniões de oração da Assembleia de Deus, tanto, Brasil, Bahia e principalmente em Feira de Santana, destacando suas contribuições e influências nas práticas religiosas.

"O tema 'As Mulheres do Círculo de Oração: Poder Simbólico na Assembleia de Deus' reveste-se de grande relevância tanto no contexto religioso quanto acadêmico. Esta pesquisa visa preencher uma lacuna na literatura acadêmica ao explorar o papel das mulheres do Círculo de Oração, concentrando-se em suas participações nas reuniões de adoração ao longo da história do movimento pentecostal no Brasil. Conforme Pierre Bourdieu "o poder simbólico é uma forma de poder que se exerce através da construção de significados e da definição da realidade"(BOURDIEU,2012, p.127). No contexto da Assembleia de Deus, as mulheres do Círculo de Oração exercem um poder simbólico fundamental na construção e no desenvolvimento do movimento pentecostal. No Brasil, o movimento pentecostal, especialmente na Assembleia de Deus moldou significativamente a cultura e a sociedade brasileira. No entanto, os registros históricos tendem a retratar as mulheres apenas em funções informais, sem dar a devida ênfase à sua importância e magnitude na construção e no desenvolvimento do movimento. Vale destacar que, na maioria das vezes, antes de se formar ou construir uma igreja em uma cidade, inicia-se um Círculo de Oração, nas casas, geralmente composto majoritariamente por mulheres. E após a implantação da igreja o primeiro departamento estabelecido é, geralmente o Círculo de Oração. Ou seja, dando continuidade o que já havia começado nos lares.

Mesmo assim, a invisibilidade dessas mulheres contrasta diretamente com sua profunda influência simbólica dentro da igreja e na comunidade. Apesar de serem frequentemente referidas de forma pejorativa como "as irmãzinhas do coque" e de não

receberem o devido reconhecimento oficial da liderança eclesiástica masculina, essas mulheres exercem um poder significativo que merece atenção e uma pesquisa de estudo. Segundo Pierre Bourdieu descreve esse tipo de poder como “invisível”, mas profundamente enraizado na estrutura social, conferindo às mulheres um papel político e simbólico, mesmo que não formalmente reconhecido (BOURDIEU,1989, p.7). Essa influência, apesar de silenciosa e, muitas vezes marginalizada, sustenta grande parte do dinamismo comunitário e espiritual da igreja, demonstrando que o poder simbólico pode ser exercido mesmo sem a chancela oficial de posições formais. O poder dessas mulheres, ainda que oculto e informal, reflete uma estrutura de dominação simbólica, como apontado por Bourdieu que a ausência de um reconhecimento formal não apaga sua relevância dentro do campo religioso. A falta de visibilidade reforça a divisão de poder entre gêneros, mas também desafia essa hierarquia, pois as mulheres continuam a serem pilares fundamentais no funcionamento e no crescimento das Assembleias de Deus, mesmo sem uma nomeação oficial devidamente merecida.

A teoria de (FOUCAULT,1972, p. 89) sobre a circulação do poder em rede, oferece um arcabouço essencial para compreender o papel das mulheres do Círculo de Oração na Assembleia de Deus. Embora permaneçam no anonimato, essas mulheres atuam como centro de propagação de poder dentro da comunidade religiosa, exercendo significativa influência política e social. Suas raízes profundas no bairro onde residem, aliadas ao reconhecimento social e espiritual, conferem-lhes autoridade e respeito. Essa influência muitas vezes supera a dos próprios pastores, demonstrando uma dinâmica em que o poder circula e se manifesta de formas não convencionais, conforme sugere Foucault. A hierarquia eclesiástica não reconhece formalmente essas mulheres como pastoras, mas a influência e poder que elas tecem reflete a complexidade da distribuição do poder. Michel Foucault (1972) afirma que o poder não é detido por indivíduos ou instituições, mas sim, circula e se exerce em rede, o que se evidencia no papel dessas mulheres. De acordo com a teoria de Foucault, o poder não é exclusivo das instituições formais, mas circula através de práticas e relações sociais. No caso das mulheres do Círculo de Oração, sua atuação dentro da comunidade, através da assistência espiritual, visitas e acolhimento, cria um círculo de poder simbólico que desafia as estruturas tradicionais da igreja. Assim, mesmo sem ocupar posições formais de liderança, elas exercem uma influência significativa e contínua, moldando o ambiente religioso e social à sua volta.

Esta pesquisa pretende analisar as razões por trás do apagamento histórico das mulheres no contexto eclesiástico e investigar como elas mantêm e exercem sua influência simbólica na Assembleia de Deus. Através da exploração das sutis estratégias de poder e

articulação política que utilizam. O estudo busca compreender como essas mulheres impactam nas decisões dentro da igreja, apesar da falta de reconhecimento formal. Além disso, a pesquisa examinará como essas práticas influenciam não apenas a comunidade religiosa, mas também a vida espiritual e social dos necessitados e desfavorecidos da igreja. A pesquisa revela, também, um cenário em que, embora essas mulheres não tenham acesso aos cargos formais de poder, exercem uma autoridade significativa através de suas ações cotidianas e do trabalho comunitário. Essa influência simbólica, conforme teorizado por Bourdieu, se manifesta de maneira "invisível", mas tem efeitos profundos na vida da igreja e da comunidade. Elas utilizam práticas de intercessão, cuidado pastoral e engajamento social para ocupar espaços de poder, ainda que não institucionalizados. Assim, a pesquisa não apenas aborda o apagamento das mulheres na história oficial, mas também destaca a relevância dessas mulheres na manutenção e expansão do movimento pentecostal e na sustentação dos grupos sociais e espirituais da igreja. Além disso, ao investigar as raízes e a evolução do Círculo de Oração na Assembleia de Deus, tanto no Brasil, como na Bahia e em Feira de Santana, busca-se compreender as motivações e influências que moldaram essa prática, bem como o papel principal desempenhado pelas mulheres. Esta pesquisa visa enriquecer a literatura acadêmica sobre a participação feminina na religião, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de poder e de gênero na sociedade brasileira. A pesquisa reflete uma preocupação em destacar a importância das mulheres em um contexto religioso que, historicamente, tende a marginalizar suas contribuições. Ao abordar "motivações e influências" que moldaram a prática do Círculo de Oração, a pesquisa visa revelar o papel oculto, porém central, das mulheres na sustentação da igreja e de suas atividades espirituais e sociais.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de dar visibilidade e reconhecimento ao poder simbólico das mulheres do Círculo de Oração, destacando sua relevância no contexto religioso e social da Assembleia de Deus. Ao realizar essa análise, espera-se promover um maior entendimento e valorização das contribuições femininas dentro dos espaços religiosos, além de incentivar debates sobre igualdade de gênero e poder nas instituições religiosas. O texto aponta para a necessidade de correção histórica e simbólica em relação ao papel das mulheres no contexto da Assembleia de Deus. O poder simbólico que essas mulheres exercem é frequentemente invisibilizado pela hierarquia eclesiástica, embora elas desempenhem funções essenciais no apoio espiritual, emocional e social das comunidades em que estão inseridas. O reconhecimento desse poder é um passo importante não apenas para resgatar a

história das mulheres dentro do movimento pentecostal, mas também para abrir novas perspectivas de compreensão sobre as dinâmicas de poder e desigualdade de gênero no meio religioso. Além disso, o trabalho busca promover uma mudança de paradigma, fomentando discussões mais amplas sobre igualdade de gênero dentro das igrejas e outras instituições religiosas. Isso é especialmente relevante em um contexto em que o poder formal é predominantemente masculino, mas o trabalho informal e simbólico realizado pelas mulheres sustenta muitas das atividades essenciais da comunidade. Ao abordar essa questão, o estudo pode contribuir para uma maior justiça social e igualdade de reconhecimento dentro das práticas religiosas e, potencialmente, fora delas também. Em suma, este trabalho é uma contribuição para a inclusão das mulheres nos debates sobre poder e liderança religiosa, oferecendo uma visão mais justa e equilibrada sobre sua importância e influência.

Mesmo ocultas pela presença masculina dos pastores, é incontestável o papel de destaque que as mulheres exercem no poder religioso. Segundo Pierre Bourdieu (1989), elas representam o que ele chama de "poder invisível" dentro dessa comunidade religiosa. Em determinadas circunstâncias, essas mulheres possuem mais influência religiosa e política do que os próprios pastores. Por terem um profundo conhecimento das famílias e da comunidade em que vivem, elas conseguem obter informações privilegiadas, tornando-se imprescindíveis no processo de dominação sutil e na manutenção das dinâmicas de poder.

Para Foucault:

[...] tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras, mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1972, p. 183.)

Embora as mulheres do Círculo de Oração atuem no anonimato, elas possuem uma inegável articulação político-religiosa. Elas conhecem profundamente a situação dos membros da igreja e mantêm uma proximidade maior com a comunidade religiosa do que o próprio pastor. Detentoras de uma conduta mística e moralista, poderiam até ser definidas como uma forma de "antroposofia". Essas mulheres conseguem acessar áreas sensíveis da vida familiar que talvez outras pessoas não conseguiriam. Como afirma (CORREA 2013, p. 43) o Círculo

de Oração da Assembleia de Deus exerce uma influência extremamente política na comunidade religiosa.

Nesta pesquisa, questiona-se por que essas mulheres permanecem no anonimato. As mulheres das Assembleias de Deus representam um pilar de poder político invisível dentro da denominação? Esse poder seria transferido de mãe para filha? E por que, então, essas mulheres mantêm absoluto silêncio? Seria esse comportamento um resquício do patriarcalismo que ainda domina o pensamento dessas mulheres, ou uma estratégia política deliberada? O texto levanta questões importantes sobre o silêncio e a invisibilidade das mulheres no contexto das Assembleias de Deus, sugerindo que elas podem desempenhar um papel fundamental, mas oculto, no poder político-religioso. Ao explorar a possibilidade de uma transmissão geracional de poder entre as mulheres, e o silêncio como uma forma de resistência ou estratégia, o texto abre caminho para uma análise crítica das relações de gênero e poder dentro da igreja.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as origens históricas do Círculo de Oração no Brasil, especificamente no estado da Bahia e, principalmente, no município de Feira de Santana, além de identificar os principais personagens, datas e eventos relevantes que marcaram seu surgimento e suas motivações. Busca-se também entender o que o Círculo de Oração se tornou nos dias atuais, bem como identificar seus principais expoentes e fatos marcantes, além de analisar o impacto dessa prática na doutrina da igreja Assembleia de Deus, tanto no Brasil quanto na Bahia e em Feira de Santana. Além disso, a pesquisa visa identificar os principais pressupostos do Círculo de Oração em linhas gerais. Não se pretende analisar detalhadamente cada aspecto ou afirmação do Círculo de Oração, mas sim focar em seus principais pilares doutrinários, proporcionando uma compreensão ampla de sua relevância. Os objetivos específicos incluem: identificar os principais expoentes e fatos marcantes, assim como seu impacto na doutrina da igreja Assembleia de Deus em Feira de Santana; compreender as razões pelas quais as mulheres do Círculo de Oração desenvolveram uma linguagem própria; e analisar o poder político dessas mulheres dentro do Círculo de Oração, por meio de observações empíricas e entrevistas, observando a relação entre as dirigentes do Círculo de Oração, a comunidade e os pastores.

O referencial teórico apresentado nesta pesquisa tem como objetivo proporcionar uma compreensão que relacione o discurso com a prática do tema em estudo, abrindo perspectivas que informam e demonstram dados e fatos ocorridos no Brasil. Dessa forma, o estudo fundamenta-se em uma variedade de fontes literárias e acadêmicas, abordando temas que vão desde a construção de memórias e a análise das experiências históricas até as

dinâmicas de poder em contextos religiosos. Além disso, inclui vozes femininas na pesquisa e oferece uma crítica à exclusão causada pelo androcentrismo no campo do conhecimento. O referencial teórico desta pesquisa também explora a interseção entre poder e saber, abordando a pedagogia emancipatória e as estruturas de poder simbólico, situando essas discussões no contexto mais amplo das ciências da religião e das ciências sociais. Ao fazer isso, a pesquisa possibilita uma análise crítica das tradições religiosas, como o Círculo de Oração, proporcionando uma compreensão das bases teológicas que fundamentam essa prática, além de examinar o desenvolvimento de seu papel dentro da igreja. Além disso, o estudo promove uma reflexão crítica entre a membresia e os líderes religiosos, incentivando-os a questionar e reavaliar suas práticas à luz de uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder, gênero e hierarquia que permeiam essas instituições. Essa abordagem amplia o escopo da pesquisa ao incluir o papel do saber como forma de poder, conforme teorizado por Foucault, e também ao integrar discussões sobre pedagogia emancipatória, que visa libertar sujeitos de relações opressivas e abrir espaço para vozes marginalizadas, como as das mulheres. Ao explorar essas dimensões, o estudo não só analisa o Círculo de Oração dentro de sua tradição, mas também situa essa prática dentro de um contexto sociopolítico mais amplo, ressaltando como a articulação entre teologia e a prática social pode refletir e, ao mesmo tempo, transformar a realidade vivida pelas mulheres e pela comunidade religiosa.

Segundo Laverdi (2012), ao enfatizar as experiências das minorias que frequentemente são marginalizadas, é possível trazer uma visão ampla e diversificada, que ajuda a desconstruir narrativas dominantes e a desenvolver uma maturidade discursiva capaz de compreender como essas narrativas foram implantadas com o objetivo de submeter o que se denomina "classe minoritária". Parafrazeando a autora, esta pesquisa busca construir e resgatar memórias e informações que valorizem e reconheçam o trabalho das mulheres do Círculo de Oração, trazendo à tona suas narrativas, muitas vezes ocultadas ou subestimadas, no contexto religioso e social.

Laverdi (2012) aborda a importância de trazer à tona as vozes das minorias, especialmente em contextos onde a dominação simbólica e discursiva tende a marginalizar esses grupos (LAVERDI,2012, p.123). No caso das mulheres do Círculo de Oração, sua contribuição dentro da igreja é historicamente subestimada, sendo que a estrutura patriarcal das Assembleias de Deus muitas vezes as mantém fora das narrativas oficiais. A pesquisa se apropria desse arcabouço teórico para desafiar as narrativas dominantes, buscando reconhecer o valor dessas mulheres e suas práticas. A ideia de "maturidade de fala" (LAVERDI,2012,

p.145). mencionada por Laverdi, refere-se ao desenvolvimento de uma consciência crítica que permite não apenas falar, mas entender as estruturas de poder que silenciam determinados grupos. Nesse sentido, a pesquisa não se limita a contar histórias ou coletar depoimentos; ela visa, de forma crítica, construir uma nova narrativa que desafie a invisibilidade imposta às mulheres do Círculo de Oração, evidenciando suas influências simbólicas e sociais dentro da comunidade religiosa. A aplicação desse conceito à análise do Círculo de Oração amplia o debate sobre as formas de opressão e poder nas instituições religiosas e revela a necessidade de repensar o papel das mulheres como agentes ativos, cuja influência e liderança são fundamentais para a igreja, mesmo que de maneira informal ou "invisível" para as hierarquias dominantes. Michel Foucault (2002) discorda que as narrativas, especialmente aquelas ligadas à história e à memória, exploram uma gama variada de sentimentos, incluindo sofrimentos, alegrias e aspectos banais do cotidiano. Essas narrativas não apenas revelam como vivências individuais, mas também se tornam ferramentas para a constituição de fontes que dão voz a experiências subjetivas muitas vezes negligenciadas pelos discursos oficiais. A autorização para o uso desses relatos e a forma como os testemunhos são incorporados nas análises refletem a preocupação ética com as consequências e o respeito pelas subjetividades envolvidas. Ao abordar o uso de testemunhos, Michel Foucault (2003) sublinha a importância de considerar "o poder que reside nas narrativas pessoais e a forma como essas podem ter, tanto reafirmar quanto questionar as estruturas de poder determinantes" Foucault, 2003, p.18.

Para a elaboração dessa pesquisa, foram utilizadas fontes literárias de Marina Correa (2013), como "Assembleia de Deus: Ministérios, Carisma e Exercício de Poder", sua tese de mestrado em Ciências da Religião. Em seu livro, Correa (2013) aborda a dinâmica organizacional das igrejas Assembleia de Deus e a relação entre poder e carisma, bem como sua aplicação política. Marina Correa (2013) relata que os ministérios das Assembleias de Deus se constituem de forma a acomodar os interesses de suas lideranças, garantindo-lhes espaço de atuação e poder de maneira relativamente independente, através das convenções. Outro autor Gedeon Freire de Alencar, (2013) Em sua tese de doutorado, "Matriz Pentecostal Brasileira – Assembleia de Deus 1911-2011", Gedeon Alencar (2013) analisa os principais pressupostos do movimento pentecostal no Brasil, suas origens e personagens mais importantes, oferecendo uma visão equilibrada e objetiva. Em "Assembleias de Deus – Origem, Implantação e Militância 1911-1946", Gedeon Alencar (2013) apresenta a origem, implantação e identidade do pentecostalismo das Assembleias de Deus no Brasil, abordando misticismo, dogmas e fé. No livro "Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses sobre a (não)

Contribuição Evangélica à Cultura Brasileira", Gedeon Alencar (2013) discorre sobre o desenvolvimento do protestantismo no Brasil e como suas raízes exclusivistas foram enfraquecendo, levando grupos religiosos a rever suas bases doutrinárias. Também outra autora, Ivone Gebara, "Rompendo o Silêncio" (2000), descreve como o conhecimento historicamente controlado por homens resulta em um conhecimento limitado e excludente, reforçando a sociedade patriarcal. Ivone Gebara (2000) discute como a sociedade patriarcal valoriza mais o referencial teórico masculino do que o feminino. Sendo assim, a autora afirma que "um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão" (GEBARA, 2000, p.117). Evidentemente, o poder de contar a história e escrevê-la ficou na mão de homens. Cabe esclarecer não se tratar de uma referência a todos os homens, mas, a um padrão normativo androcêntrico, que domina e controla inclusive os homens, fortalecendo a sociedade patriarcal que privilegia pouquíssimas pessoas. Justamente isso que acontece nas religiões cristãs. Sendo assim, a história seria de fato narrada apenas, por um gênero? Para Ivone Gebara (2017), a "sociedade patriarcal significa que a maneira pela qual somos educados é marcada por concepções que valorizam um referencial teórico masculino mais do que o feminino" (GEBARA, 2017, p. 19).

Referencial teórico também, Michel Foucault, em "Microfísica do Poder", (2017), aborda os mecanismos de poder exercidos fora, abaixo e ao lado do aparelho do Estado, mostrando a relação entre poder e saber nas sociedades modernas para produzir "verdades" dominadoras. Michel Foucault (2017) explica que a "verdade" é produto de coerções reguladas pelo poder dominante, colocando o intelectual como promotor dos discursos burgueses a serviço do capitalismo. Michel Foucault, (2017), parte do princípio de que existem dois âmbitos em que se consolidam as práticas de poder, cada uma com seus mecanismos próprios de legitimação atuam como "centros" de poder. O poder não tem uma única fonte nem uma única manifestação. Tem, pelo contrário, uma extensa gama de formas. Quando um grupo social é capaz de apoderar-se dos mecanismos que regulam determinada manifestação a põe a seu serviço e elabora uma estrutura que se aplica a potenciais dominados. É criado, assim, um discurso que se apresenta como "natural" e procura bloquear as possibilidades de aparição de outros discursos que tenham capacidade questionadora. Essa necessidade de se contar com um discurso de respaldo, com uma determinada forma de verdade, leva necessariamente a estabelecer uma relação entre poder e saber.

Outra obra que norteou essa pesquisa foi "O Feminino da Igreja e o Conflito" de Bárbara Pattaro Bucker (1995), onde ela aborda as questões de gênero dentro do contexto eclesial, na Igreja Católica, que se diga de passagem não é tão diferente das igrejas protestantes ou evangélicas. A autora examina as dinâmicas de poder, as limitações e os desafios enfrentados pelas mulheres nas estruturas eclesiais, discutindo como essas questões refletem conflitos de maior amplitude sobre papéis de gênero e autoridade religiosa. Sendo uma obra importante para questões de ordem religiosa, gênero e poder, porque destaca as lutas enfrentadas pelas mulheres nas estruturas eclesiais, apontando caminhos possíveis para uma reforma e renovação que possa beneficiar toda a comunidade eclesial.

A importância de Pierre Bourdieu como referencial teórico em uma dissertação reside em sua capacidade de oferecer uma lente robusta para a análise das estruturas sociais, das dinâmicas de poder e da reprodução social. Em seu livro, "O Poder Simbólico", Pierre Bourdieu (2022) desenvolve o conceito central de poder simbólico, que descreve a capacidade de importar significados e valores como legítimos de forma que sejam aceitos e internalizados pela sociedade sem questionamento. Essa teoria é particularmente útil para analisar contextos em que as relações de dominação não são facilmente visíveis ou materialmente definidas, mas são reproduzidas. Pierre Bourdieu amplia a compreensão do campo social como um espaço de relações de força e disputa. Ele propõe que as lutas e dinâmicas em um campo social abrangem tanto questões econômicas quanto culturais e simbólicas, envolvendo agentes que disputam posições de poder e reconhecimento por meio de capitais variados (econômico, cultural, social e simbólico). Para uma dissertação, o referencial de Pierre Bourdieu permite que o pesquisador analise como práticas e opiniões, como as observadas no Círculo de Oração, se consolidam como formas de poder simbólico. Por exemplo, a maneira como as mulheres criam e sustentam espaços de legitimidade e pertencimento dentro de um ambiente dominado por normas patriarcais padroeiro. O habitus reflete as disposições internalizadas pelos agentes sociais que orientam suas ações e percepções de mundo, moldando seu comportamento de forma quase inconsciente, mas profundamente influente. Bourdieu também oferece uma base para entender como essas práticas simbólicas podem se perpetuar e reforçar o desenvolvimento social existente, mesmo quando parecem desafiá-la. A ideia de que a objetividade do mundo se estabelece pela concordância das subjetividades — ou seja, pelo consenso coletivo que legitima uma determinada ordem social — é essencial para investigar como as mulheres, por meio de suas práticas e espiritualidade no Círculo de Oração. Fazem para se manter nesse poder. Portanto, o uso de Bourdieu como referencial em

uma dissertação que aborda a dinâmica de poder em contextos religiosos fornece uma estrutura poderosa para desvendar como as relações de poder são construídas e sustentadas, não apenas através de mecanismos econômicos, mas também por meio de práticas culturais e simbólicas. Essa análise oferece um entendimento profundo das formas sutis de dominação.

A obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” de Max Weber (2017) é de grande importância como referencial teórico em uma dissertação que analisa o poder simbólico e a dinâmica de liderança dentro do Círculo de Oração da Assembleia de Deus. Uma análise de Max Weber sobre a relação entre a ética religiosa e o desenvolvimento econômico pode ser adaptada para compreender as formas pelas quais a religiosidade molda e justifica as práticas sociais e as estruturas de poder, mesmo em contextos diferentes como o de grupos religiosos pentecostais. Max Weber argumenta que a ética protestante, particularmente influenciada pelo calvinismo, promoveu comportamentos que valorizaram o trabalho árduo, a frugalidade e o acúmulo de capital como sinais de virtude religiosa. Essa ética resultou na formação de uma nova classe social que desafiava as estruturas de poder tradicionais dominadas pela nobreza. Para a dissertação sobre as mulheres do Círculo de Oração, os conceitos weberianos podem ajudar a entender como as normas do Círculo de Oração atuam na sobriedade de costumes. A abordagem de Max Weber destaca que a religião tem o poder de transformar valores e práticas culturais em elementos que sustentam novas dinâmicas de poder. Isso é relevante para analisar como as mulheres do Círculo de Oração podem, por meio de sua dedicação, moralidade e práticas espirituais, ganhar uma forma de poder e reconhecimento simbólico. A ética interna do Círculo de Oração valoriza não apenas a oração e a espiritualidade como atos de fé, mas também como ferramentas que fortalecem o papel da mulher como líder espiritual e agente de influência social. Portanto, a perspectiva de Max Weber oferece uma estrutura para entender como a ética religiosa clara da Assembleia de Deus, semelhante à ética protestante descrita por Max Weber, contribui para uma forma de reconhecimento feminino que, embora não desafie abertamente a ordem patriarcal, permite que as mulheres exerçam um espaço de liderança e reconhecimento simbólico. Isso é importante para discutir o papel e a influência das mulheres dentro da igreja, evidenciando como a religião e a ética se entrelaçam para criar novas expectativas.

Uma revisão de literatura evidencia a profundidade e complexidade dos conceitos envolvidos, que são essenciais para compreender o objeto desta pesquisa. Autores como Michel Foucault, Paulo Freire, Pierre Bourdieu, Ivone Gebara, Marina Correa, Bárbara Pattaro Bucker e Gedeon Freire de Alencar fornecem uma base teórica robusta para analisar as

relações de poder, as dinâmicas organizacionais e o papel das narrativas e memórias na formação do conhecimento. Além disso, outros autores de igual relevância foram consultados e devidamente citados na bibliografia, contribuindo para uma fundamentação teórica ampla e abrangente. Michel Foucault é essencial para compreender como as relações de poder se estruturam e se manifestam nos micros contextos sociais, influenciando as práticas religiosas e a organização do Círculo de Oração. Sua abordagem sobre poder, saber e as práticas discursivas ajuda a decifrar as formas sutis de controle e resistência que podem existir em comunidades religiosas. Pierre Bourdieu complementa esta análise com seus conceitos de poder simbólico e habitus, permitindo uma investigação sobre como as práticas e valores do Círculo de Oração modernos para a legitimação de um poder. Paulo Freire, com sua ênfase na pedagogia crítica, traz um olhar importante sobre a conscientização e a transformação social. Sua teoria é aplicável para entender como as mulheres do Círculo de Oração podem desenvolver uma consciência crítica sobre sua posição na igreja e na sociedade, possibilitando estratégias que desafiam estruturas de poder opressivas. Ivone Gebara oferece uma perspectiva de gênero fundamental, explorando as interseções entre gênero e religião. Sua obra é importante para analisar o Círculo de Oração como um espaço de resistência e reconhecimento, onde as mulheres criam grupos de apoio e reafirmam sua identidade e liderança em meio às tradições patriarcais. Marina Correa e Bárbara Pattaro Bucker apresentam análises contemporâneas sobre o gênero e a inserção de mulheres em espaços religiosos, enfocando como as práticas de liderança feminina são construídas e negociadas. Essas autoras ajudam a destacar as complexidades e as contradições. Gedeon Freire de Alencar é relevante por sua análise histórica e sociológica das Assembleias de Deus, fornecendo um panorama detalhado sobre a origem, os desdobramentos e a evolução dos movimentos pentecostais no Brasil. Sua obra ajuda a contextualizar o Círculo de Oração dentro de uma perspectiva histórica mais ampla, evidenciando como as mulheres se desenvolveram para o crescimento e a consolidação do movimento, mesmo que muitas vezes em papéis menos reconhecidos.

A utilização de uma abordagem analítica-descritiva é essencial para estudar as suposições e as práticas do Círculo de Oração. A parte analítica se aprofunda na doutrina e nas dinâmicas internas do movimento, enquanto a parte descritiva contextualiza o ambiente em que surgiu e se desenvolveu. Examinar a influência política e social do Círculo de Oração, bem como sua acessibilidade e relevância histórica na igreja, permite uma compreensão mais completa de sua importância.

Refletir sobre os referenciais teóricos não apenas amplia a compreensão do tema, mas também destaca a necessidade de adotar múltiplas perspectivas para uma análise inclusiva e aprofundada. Promover um diálogo crítico com esses autores enriquecedores a pesquisa, possibilitando uma abordagem multidimensional que aborde tanto as dinâmicas de poder e resistência quanto a construção de identidade e liderança. Segundo Denzin e Lincoln (2011), uma pesquisa qualitativa bem planejada requer uma visão integrativa e multidisciplinar para captar as nuances de características específicas (DENZIN LINCOLN, 2011, p. 120-125).

No método descritivo, as técnicas utilizadas para a obtenção de informações incluem o estudo de caso e o levantamento de dados, com o objetivo de apresentar um quadro detalhado. É importante salientar que já existe um significativo de material de pesquisa, incluindo entrevistas, com cerca de quinze entrevistas realizadas com dirigentes do Círculo de Oração da cidade de Feira de Santana, abrangendo uma faixa etária diversificada e diferentes tempos de atuação. Convém destacar que conseguir uma entrevista com as mulheres do Círculo de Oração apresenta desafios consideráveis, em virtude da subjetividade envolvida na abordagem desses participantes. Em razão dessa dificuldade, os nomes das entrevistadas foram alterados e serão usados nomes fictícios, como Frida 1, 2, 3, 15 para preservar a identidade dos participantes. Essa abordagem não apenas resguarda a ética da pesquisa, mas também garante a proteção da privacidade das entrevistadas, garantindo um ambiente seguro para a coleta de dados sensíveis e ao tema.

A presente pesquisa tem como foco as mulheres que participam do Círculo de Oração na Assembleia de Deus, buscando explorar tanto a invisibilidade quanto o poder simbólico que essas mulheres exercem dentro dessa comunidade religiosa. O objetivo principal é compreender as dinâmicas de poder e as formas de atuação dessas mulheres nas estruturas sociais e simbólicas da igreja, revelando como elas encontram e utilizam espaços de influência e legitimidade, mesmo em um contexto dominado por normas patriarcais. O texto está estruturado em quatro capítulos, cada um dedicado a contextualizar e analisar aspectos específicos relacionados ao tema.

O primeiro capítulo da presente dissertação consiste na introdução, onde será apresentado de forma clara e objetiva o objeto de estudo, a justificativa que embasou a realização da pesquisa, a problemática central que norteia a investigação, o referencial teórico adotado como fundamentação e o método utilizado para a coleta e análise dos dados. Nesse capítulo inaugural, serão abordados os seguintes tópicos: Objeto de estudo: uma descrição detalhada do tema em foco, destacando sua relevância e importância no contexto atual.

Justificativa: uma explanação clara das razões que motivaram a realização da pesquisa, incluindo a identificação de lacunas e necessidades. Problematização: uma formulação precisa da questão central que orienta a investigação, incluindo a identificação de variáveis e hipóteses. Referencial teórico: uma apresentação crítica do arcabouço teórico que sustenta a pesquisa, incluindo autores, conceitos e teorias. Metodologia: uma descrição detalhada do método utilizado para coletar e analisar os dados, incluindo procedimentos, instrumentos e técnicas. Essa introdução fornecerá uma visão geral da pesquisa, permitindo que o leitor compreenda o contexto e o objetivo da investigação.

O segundo capítulo da presente dissertação aborda a história e a estrutura da Assembleia de Deus no Brasil, desde sua fundação até sua expansão e diversificação ao longo do tempo. Esse capítulo visa fornecer uma compreensão das raízes e do desenvolvimento da instituição, destacando suas principais características e transformações. Além disso, será dada especial atenção às peculiaridades das Assembleias de Deus na Bahia e em Feira de Santana, buscando contextualizar o ambiente onde as mulheres do Círculo de Oração estão inseridas. Essa análise regional permitirá uma compreensão mais fina das dinâmicas locais que influenciam o papel dessas mulheres. Nesse capítulo, serão abordados os seguintes tópicos: História da Assembleia de Deus no Brasil: uma visão geral da fundação, crescimento e expansão da instituição. Estrutura organizacional: uma descrição detalhada da hierarquia e dos órgãos diretivos da Assembleia de Deus. Peculiaridades regionais: uma análise das características específicas das Assembleias de Deus na Bahia e em Feira de Santana. Contextualização do Círculo de Oração: uma descrição do ambiente em que as mulheres do Círculo de Oração estão inseridas, incluindo suas relações com a comunidade e a instituição. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda do contexto em que as mulheres do Círculo de Oração exercem seu papel, fornecendo uma base sólida para a análise que se segue.

No terceiro capítulo da presente dissertação, será realizada uma análise dos diversos papéis desempenhados pelas mulheres dentro da Assembleia de Deus, transcendendo as funções tradicionalmente reconhecidas e explorando as nuances das lideranças informais e responsabilidades específicas nos ministérios, com destaque especial para o Círculo de Oração. Essa análise visa compreender como esses papéis foram moldados ao longo do tempo, bem como os desafios enfrentados pelas mulheres nesse contexto religioso, onde as estruturas patriarcais ainda exercem significativa influência. Nesse capítulo, serão abordados os seguintes tópicos: Lideranças informais: uma análise das formas como as mulheres exercem

liderança dentro da Assembleia de Deus, mesmo sem ocupar cargos oficiais. Responsabilidades específicas: uma descrição detalhada das funções desempenhadas pelas mulheres nos ministérios, como o Círculo de Oração. Evolução histórica: uma análise de como os papéis das mulheres dentro da Assembleia de Deus foram moldados ao longo do tempo. Desafios enfrentados: uma discussão sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres nesse contexto religioso. Essa abordagem permitirá uma compreensão do papel, da mulher, dentro da Assembleia de Deus e como as mulheres contribuem para a vida da igreja.

O quarto capítulo da presente dissertação explora de forma detalhada o Círculo de Oração como um espaço fundamental para as mulheres na Assembleia de Deus, analisando como elas exercem poder simbólico e influência na igreja. Essa análise é realizada através de relatos de experiência que revelam suas histórias de vida e contribuições significativas para o grupo. No primeiro momento, serão apresentados os relatos de experiência das mulheres do Círculo de Oração, destacando suas trajetórias pessoais e religiosas. Esses relatos fornecerão uma visão profunda das formas como as mulheres exercem liderança e influência dentro da igreja. No segundo momento, serão analisados os resultados de entrevistas e pesquisas de campo realizadas com as mulheres do Círculo de Oração. Esses dados serão contextualizados com teorias sobre gênero, religião e poder, proporcionando insights sobre as dinâmicas de poder na Assembleia de Deus. Nesse capítulo, torna-se essencial: Compreender as formas como as mulheres exercem poder simbólico e influência na igreja. Analisar as relações sociais e simbólicas dentro da comunidade religiosa. Identificar os desafios enfrentados pelas mulheres nesse contexto. Ampliar o entendimento das contribuições das mulheres para a vida da igreja. No desfecho da presente pesquisa sobre as mulheres do Círculo de Oração na Assembleia de Deus, evidencia-se que elas não apenas desempenham papéis significativos dentro da igreja, mas também exercem um poder simbólico que influencia diretamente a dinâmica religiosa e social da comunidade. Ao explorar suas histórias individuais e coletivas, foi possível observar e compreender melhor como elas moldam e são moldadas pela estrutura religiosa em que estão inseridas.

Essa análise revelou que as mulheres do Círculo de Oração assumem/vestem uma roupagem mística e glamorosa, que transcende as fronteiras tradicionais de gênero e poder. Elas se tornam agentes ativos na construção da identidade religiosa e social da comunidade, exercendo influência sobre a dinâmica eclesial e a vida cotidiana dos fiéis. Além disso, a pesquisa demonstrou que: As mulheres do Círculo de Oração desempenham papéis fundamentais na manutenção e reprodução da fé elas exercem poder simbólico através da

liderança, da oração e da assistência social. Suas histórias individuais e coletivas revelam estratégias de resistência e adaptação. A estrutura religiosa é moldada e influenciada pelas mulheres. Esses achados contribuem para uma compreensão mais profunda da dinâmica de gênero e poder dentro da Assembleia de Deus e destacam a importância das mulheres na vida da igreja.

1 ORIGEM DA ASSEMBLEIA DE DEUS

A história e a estrutura da Assembleia de Deus no Brasil, desde sua fundação até sua expansão e diversificação ao longo do tempo foi percorrido por caminhos que agora serão descritos, dando especial atenção às narrativas históricas das Assembleias de Deus na Bahia e em Feira de Santana, particularmente no que diz respeito ao contexto do ambiente onde as mulheres do Círculo de Oração estão inseridas. A Congregação Cristã Brasileira (CCB), fundada em 1910, e a Assembleia de Deus (ADs), fundada em 1911, são as duas principais igrejas pentecostais no Brasil. Ambas se concentram na glossolalia (falar em línguas) e na cura divina. Essas igrejas foram fundadas por imigrantes europeus pobres que conheceram a doutrina pentecostal nos Estados Unidos, mas também apresentam algumas diferenças significativas que as tornam distintas (ALENCAR, 2022).

A Assembleia de Deus encontrou um ambiente de mudanças religiosas e sociais favorável para o crescimento no Brasil. As condições econômicas e políticas da época, marcadas por crises e desigualdades, levaram muitos brasileiros a buscarem refúgio e respostas na fé pentecostal. A mensagem de esperança e renovação espiritual proferida pela Assembleia de Deus causou um impacto significativo na população, especialmente nas classes menos favorecidas. Além disso, a estrutura descentralizada e o foco na experiência pessoal com o divino permitiram uma rápida adaptação e disseminação da igreja em diferentes regiões do país. A participação ativa dos missionários e pastores e mulheres, aliada à organização eficiente da igreja, possibilitou a criação de novas congregações e a formação de líderes locais (ALENCAR, 2022) Esse crescimento foi ainda mais impulsionado pelo uso estratégico de meios de comunicação, como jornais e programas de rádio, que aumentaram o alcance da mensagem pentecostal. A Assembleia de Deus se tornou uma das maiores denominações religiosas no Brasil, exercendo uma influência relevante não apenas no campo espiritual, mas também no social e cultural. A expansão e a adaptação às necessidades locais garantiram a relevância e o impacto duradouro da Assembleia de Deus na sociedade brasileira (ALENCAR, 2022).

A história da Assembleia de Deus começa em 19 de novembro de 1910, quando chegaram ao Brasil os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, oriundos da Igreja Batista nos Estados Unidos, onde foram batizados pelo Espírito Santo em uma convenção em Chicago. De acordo com (PEREIRA,2021, p.116) os dois jovens missionários “desembarcarem do vapor e encontraram uma praça, onde oraram agradecendo a viagem e pediram orientação”. Com apenas 16 mil réis, dirigiram-se a um hotel, onde encontraram o endereço do pastor

Justus Nelson, da Igreja Metodista. Este os encaminhou ao pastor Raimundo Nobre, da Igreja Batista, que lhes ofereceu acomodação nas dependências da igreja, onde começaram a trabalhar na igreja, pregando e orando diariamente (PEREIRA, 2021; CONDE, 1960) A Assembleia de Deus é uma das maiores denominações pentecostais do mundo, com uma presença significativa em vários países, especialmente no Brasil. Este artigo explora as origens e a expansão da Assembleia de Deus no Brasil, desde sua fundação até os principais marcos históricos que moldaram seu crescimento e impacto na sociedade brasileira. Examinando os momentos principais da sua trajetória a fim de entender como esta igreja se tornou uma das maiores forças religiosas no Brasil.

(..)As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica (...) não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o "pentecostalismo" (FRESTON, 1993, p.64).

Essa adaptação pode ser vista como as igrejas pentecostais respondem às necessidades espirituais e sociais de suas congregações. Elas ajustam suas práticas doutrinárias e organizacionais a fim de alinhar-se às mudanças da sociedade. Entretanto essa flexibilidade pode ser uma fonte de inquietação de diferentes grupos dentro da igreja que podem ter visões divergentes sobre a direção que a igreja deve tomar. (FRESTON 1993, p.64) aponta que as mudanças dentro das igrejas pentecostais são "frequentemente objeto de lutas", faz referência aos conflitos que os fiéis podem se envolver em disputas sobre a doutrina, a liderança, práticas litúrgicas ou a direção geral da igreja. O pentecostalismo é movimento religioso vivo em constante evolução, que desafia a cognição simplista. Dito isso, assevera-se que o pentecostalismo se transforma à medida que enfrenta novos desafios e oportunidades. É importante reconhecer que o pentecostalismo possui uma capacidade intrínseca de adaptação e transformação, características que lhe permitem responder a novas realidades sociais, culturais e políticas. Essa maleabilidade faz com que ele seja um movimento que transcende fronteiras e contextos geográficos, mantendo sua relevância em diversas partes do mundo. As lutas internacionais mencionadas por Freston (1993) não devem ser vistas apenas como sinais de conflito, mas também como evidências da vitalidade do movimento, uma vez que refletem debates e negociações contínuas sobre a identidade e os caminhos futuros da igreja. Esses conflitos e adaptações resultaram, em muitos casos, na formação de novas

lideranças e na reinvenção de práticas religiosas que buscam atender às demandas da religião e às realidades de cada comunidade. Assim, o pentecostalismo não é uma entidade estática, mas sim um campo religioso e social em constante movimento, onde o questionamento e a redefinição de normas e práticas são inerentes à sua sobrevivência e expansão. Dito isso, assevera-se que o pentecostalismo se transforma à medida que enfrenta novos desafios e oportunidades, seja em resposta às mudanças internas ou à pressão externa, como o avanço de outras denominações religiosas, mudanças sociais e novas expectativas de seus seguidores. Esse processo contínuo de transformação é um dos fatores que ajudam a explicar a capacidade do movimento pentecostal de manter-se relevante e de continuar crescendo em um mundo marcado por pluralidades religiosas. (FRESTON, 1993, p. 60- 80).

1..1 Origens da Assembleia de Deus no Brasil

1. 1.1 O Contexto Religioso e Social.

No início do século XX, o Brasil estava passando por mudanças significativas em seu panorama religioso. O catolicismo era a religião predominante, mas havia um crescente interesse por novas expressões de fé, influenciado pelo protestantismo e pelos movimentos de reavivamento espiritual que ocorriam na Europa e nos Estados Unidos. No dia 19 de novembro de 1910, chegavam ao Brasil dois suecos, Adolph Gunnar Vingren (conhecido como Gunnar Vingren) e Daniel Gustav Högberg (conhecido como Daniel Berg), ambos da Igreja Batista nos Estados Unidos, sendo batizados pelo Espírito Santo em uma convenção em Chicago. Na narrativa da própria Igreja, os missionários suecos vieram para o Brasil sem nenhum amparo denominacional, na esperança de que Deus desse direcionamento. “Depois eles seguiram o seu caminho. Em todo tempo esperavam que Deus os guiassem. Chegaram em um parque e se sentaram em um banco. Orando a Deus, pedindo a sua ajuda e direção” (ARAÚJO, 2014, p. 03). Com o intuito de se estabilizarem no país, o missionário Daniel Berg trabalhava, enquanto seu companheiro aprendia o português, e a noite ensinava o outro. “Berg, o robusto operário qualificado que fazia longas viagens pelo interior; Vingren, o ‘intelectual proletaróide’ na tradição judaico-puritana” (FRESTON, 1994, p. 79).

De acordo Kelm (2015), quando o pentecostalismo chegou ao Brasil, havia quase 30 anos da assinatura da lei Áurea e, de acordo com Alencar (2010), foi na época em que a Assembleia Deus havia sido implantada, em 1911, e muitos ex-escravizados ainda estavam vivos e nenhuma outra religião naquele momento lhes poderia ser mais conveniente e simpática. Os cultos afros continuavam sendo perseguidos de forma oficial pela polícia. A igreja Católica, além das missas em latim, era a igreja onde frequentavam e estavam seus

antigos senhores e os principais responsáveis pela legitimação da escravatura. As igrejas protestantes, da época, Batista e Presbiteriana, por outro lado, apresentavam em sua direção um pastor com um linguajar etéreo e uma liturgia fria. Em contraposição, a Assembleia de Deus, recém-chegada ao Brasil, oferecia momentos de celebração propiciada de espontaneidade e liberdade religiosa, onde o pobre e marginalizado tinha seu lugar garantido para cantar, pregar e até dirigir um trabalho (KELM, 2015). Convém salientar que a constituição de 1824, que estava em vigor na época em que foi implantado o pentecostalismo no Brasil, afirma em seus artigos²:

Art. 5º A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma algum exterior de templo.

Art. 6º São cidadãos brasileiros: 1º Os que no Brasil tiverem nascido, quer sejam ingênuos ou libertos, ainda que o pai seja estrangeiro, uma vez que este não resida por serviço de sua nação.

E após criada a Constituição de 1824, foi criada a primeira lei de educação, que proibia os negros e doentes de frequentarem as escolas (Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837): “São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiras pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos”. De acordo com Cabral (1974), A constituição legitimou um sistema racial que subordinava negros e perpetuava sua marginalização social e econômica. O autor mostra como a Constituição de 1824, ao mesmo tempo em que proclamava princípios de liberdade e igualdade, reforçava as estruturas de exclusão e racismo que continuariam a moldar a sociedade brasileira institucionalizando a exclusão dos negros e outras populações marginalizadas. Mesmo após a abolição da escravidão em 1888, as desigualdades raciais persistiram, deixando a população negra, em grande parte, “sem acesso a direitos fundamentais como educação, saúde, e participação política” (CABRAL, 1974, p.2).

Fazendo uma análise conjunta dessas duas temáticas a Constituição de 1824 e o pentecostalismo, particularmente a Assembleia de Deus, seria, então, uma resposta espiritual e social para a população que foram sistematicamente excluídas pelos dispositivos legais e sociais estabelecidos pela Constituição de 1824. Diante do exposto, a Assembleia de Deus,

² SENADO FEDERAL, disponível em <https://www2.senado.leg.br/> Acesso em: 18.06.2024.

com seu proselitismo religioso, desempenhou um papel significativo na expansão do pentecostalismo pelo Brasil, especialmente entre as populações marginalizadas que historicamente foram excluídas dos direitos e das oportunidades garantidas pela Constituição de 1824. O proselitismo da Assembleia de Deus, que envolve desde a pregação do evangelho e a busca por novos convertidos, pode ser visto como uma estratégia eficaz para alcançar aqueles que se sentiram marginalizados ou excluídos pelas instituições religiosas tradicionais. Sendo assim, a Assembleia de Deus conseguiu criar uma comunidade inclusiva, onde os pobres, negros e outras minorias encontraram um espaço de pertencimento e participação ativa nos seus cultos litúrgicos. Assim sendo, a expansão geográfica alcançada pela Assembleia de Deus por todo o Brasil, utilizava métodos de evangelização que alcançava até as áreas rurais, comunidades urbanas periféricas, comunidades ribeirinhas e outras regiões onde a presença de instituições religiosas eram limitadas, por serem elitizadas. Fez com que esse movimento ajudasse a disseminar a mensagem pentecostal para diversa população, estabelecendo a Assembleia de Deus como uma das maiores denominações religiosas do país.

Citando Weber (2017).

[...] ao se contraporem como dominadas a um outro grupo dominantes, tendem em virtude da sua exclusão, seja voluntária ou involuntária, das posições politicamente influentes, a ser fortemente impelidas para os trilhos da atividade aquisitiva; seus membros mais bem-dotados buscam satisfazer aí uma ambição que no plano”, (WEBER, 2017, p.33).

A igreja não apenas conquistou apenas muitos fiéis, mas também influenciou práticas e valores sociais. Como exemplo, a ênfase a valores moral e rejeição de práticas consideradas mundanas ou pecaminosas introduzindo novos padrões de comportamento em muitas comunidades. Em contrapartida, a sua rápida expansão e crescente influência também geraram tensões dentro do campo religioso e na sociedade em geral. As críticas à abordagem proselitista incluem preocupações com o sectarismo, o conservadorismo moral e o impacto da doutrina pentecostal sobre a diversidade religiosa e cultural. Principalmente, opressão às mulheres dentro da estrutura de poder que realidade que idealizou a promessa de liberdade espiritual e inclusão social. O movimento pentecostal, ao ganhar visibilidade com a Assembleia de Deus, rompeu com as estruturas eclesiais convencionais, muitas vezes associadas a uma hierarquia rígida e a uma concentração de poder nas mãos de poucos. Essa visibilidade proporcionada pelo pentecostalismo transformou a Assembleia de Deus em uma igreja de inclusão, onde pessoas que anteriormente não tinham voz ativa no ambiente

religioso, como os ex-escravizados por exemplo, puderam se expressar e participar de livremente. Este movimento pentecostal trouxe a essas pessoas, menos favorecidas, a oportunidade de serem protagonista de sua própria fé, expressando suas experiências religiosas e contribuindo para a vida em comunidade, cristã de forma direta. E foi nesse contexto que a Assembleia de Deus encontrou, no Brasil, e suas particularidades geopolítica social, terreno fértil para seu crescimento.

1.2 - O Pentecostalismo no Brasil

De acordo com Mariano, (1999), no Brasil, o pentecostalismo chegou em 1910 com a chegada dos missionários. O pentecostalismo é dividido em três fases históricas, ou três ondas, como costumam ser chamadas. A primeira onda é conhecida como pentecostalismo clássico ou tradicional, representada no Brasil apenas pela Congregação Cristã (1910) e pela Assembleia de Deus (1911). Essas igrejas se destacaram pelo forte anticatolicismo, pela ênfase no dom de línguas, pela crença na iminente volta de Jesus e por um comportamento de sectarismo radical e ascetismo, rejeitando o mundo exterior. A primeira onda do pentecostalismo no Brasil, também conhecida como pentecostalismo clássico, é marcada pela ideia central e característica formada como essas igrejas se posicionaram no contexto religioso da época. É importante salientar que o pentecostalismo, em sua primeira onda, foi marcado por um forte anticatolicismo. Haja vista que o catolicismo dominava o cenário religioso brasileiro naquele período. Logo, se opondo ao catolicismo, as igrejas pentecostais ofereciam uma alternativa que atraiu muitos fiéis, “especialmente aqueles insatisfeitos com a hierarquia e a formalidade da Igreja Católica”. (ARAUJO, 2016, p.71). A primeira onda do pentecostalismo no Brasil representou uma ruptura com a igreja católica e as igrejas protestantes tradicionais, caracterizadas por práticas litúrgicas elitizadas e distantes do povo. Esse movimento proporcionou uma nova experiência religiosa, que atraiu muitos brasileiros e afro-brasileiros, especialmente aqueles que buscavam uma espiritualidade mais intensa e envolvente. Conforme Gedeon Alencar (2010), “na época em que a Assembleia de Deus é implantada, muitos ex-escravizados ainda estavam vivos e nenhuma outra religião naquele momento lhes poderia ser mais conveniente e simpática”. (ALENCAR, 2013, p.83). Esse pentecostalismo inicial também era marcado por uma doutrina rigorosa, particularmente visível na vestimenta das mulheres, e por um envolvimento emocional profundo, o que fortaleceu seu apelo entre os marginalizados.

A segunda onda do pentecostalismo ocorreu nos anos 1950 e início dos anos 1960, quando o movimento se fragmentou, dando origem a novas denominações, como a Igreja do

Evangelho Quadrangular (1951), O Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). Embora a doutrina permanecesse semelhante, a ênfase passou a ser o dom da cura divina, e essas igrejas começaram a organizar grandes eventos e utilizar os meios de comunicação de massa para alcançar um público mais amplo. Segundo Bourdieu (2022), essa fragmentação pode ser entendida como uma disputa por capital simbólico. Pierre Bourdieu explica que “as ideologias, por oposição ao mito, produtivo coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”. (BOURDIEU,2022, p.7). Essas novas igrejas buscavam diferenciar-se das denominações tradicionais ao enfatizar a cura divina, oferecendo uma resposta prática e emocionalmente impactante às necessidades dos fiéis. A introdução da cura divina como prática central aumentou o capital simbólico dessas igrejas, pois oferecia soluções práticas e imediatas para problemas de saúde e bem-estar, conferindo-lhes maior legitimidade e atraindo pessoas em busca de alívio e esperança. Isso também ajudou a consolidar a relevância do pentecostalismo num cenário religioso até então dominado por práticas mais tradicionais, incluindo as religiões de matriz africana.

A terceira onda do pentecostalismo, conhecida como neopentecostalismo, teve início no final dos anos 1970 e ganhou força nos anos 1980, com destaque para igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). O neopentecostalismo abandonou a moral rígida das fases anteriores, enfatizou a luta espiritual contra o diabo e promoveu a teologia da prosperidade, o que marcou uma mudança significativa na abordagem doutrinária e nas práticas dessas igrejas (MARIANO, 1999, p. 28-32). A terceira onda do pentecostalismo, ou neopentecostalismo, não apenas trouxe mudanças doutrinárias, mas também uma reformulação na prática religiosa que visava atrair fiéis com promessas de prosperidade material e libertação espiritual. Com a teologia da prosperidade no centro de sua mensagem, o neopentecostalismo ampliou seu apelo ao prometer que a fé poderia resultar em benefícios concretos, como sucesso financeiro e bem-estar físico. Além disso, a luta espiritual contra o diabo tornou-se um elemento central nos cultos, onde rituais de exorcismo e campanhas de libertação eram comumente realizados, transformando o culto em um espaço de "batalha espiritual" visível. Segundo Ricardo Mariano (1999), “o neopentecostalismo respondeu ao contexto urbano e às necessidades imediatas dos fiéis, oferecendo-lhes uma experiência religiosa que dialogava com o cotidiano e as aspirações pessoais” (MARIANO,199, p.45). Essas igrejas também adotaram uma abordagem empresarial na organização de suas atividades e na captação de recursos, utilizando estratégias

de marketing e mídia que expandiram sua influência e alcance. Para Paul Freston (1993), “a expansão neopentecostal no Brasil reflete um pragmatismo e uma adaptabilidade às demandas sociais, consolidando-se como uma força religiosa que vai além da espiritualidade, envolvendo-se nos âmbitos econômico e político”. (FRESTON,1993, p.112).

1.3- Principais Marcos Históricos e Momentos de Expansão das Assembleias de Deus:

Segundo Isael Araújo (2016) apresenta um detalhado levantamento dos eventos mais relevantes que marcaram a trajetória das Assembleias de Deus no Brasil. Abaixo, destaca se alguns dos marcos históricos considerados mais significativos por esse autor:

- Fundação da Assembleia de Deus em 1911: Esse evento marca o início oficial das Assembleias de Deus no Brasil, com a vinda dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. (ARAUJO, 2016, p.42)
- Primeiras Expansões (Décadas de 1910 e 1920): Durante essas décadas iniciais, a igreja experimentou um crescimento gradual, à medida que suas doutrinas e práticas se espalhavam por diferentes regiões do Brasil. (ARAUJO, 2016, p.54)
- Convenção Geral das Assembleias de Deus em 1930: A formalização da Convenção Geral representou um passo importante para a organização da igreja e a coordenação de suas atividades em âmbito nacional. (ARAUJO, 2016, p.70).
- Divisões e Crescimento (Décadas de 1930 e 1940): Apesar de divisões internas, a igreja continuou a se expandir, reforçando seu papel como uma das principais denominações pentecostais do país. (ARAUJO, 2016, p. 90).
- Fundação da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) em 1940: A criação da CPAD consolidou a presença da igreja na produção e distribuição de literatura evangélica, fortalecendo seu alcance e influência. (ARAUJO, 2016, p, 98).
- Implantação do Círculo de Oração em 1946: A instituição do Círculo de Oração criou um espaço exclusivo para a atuação das mulheres, onde elas poderiam interceder e fortalecer a vida espiritual da igreja, um marco essencial no movimento pentecostal. (ARAUJO, 2016, p.110).
- Uso dos Meios de Comunicação (Décadas de 1950 e 1960): A igreja passou a utilizar rádio e televisão para divulgar suas atividades e doutrinas, ampliando seu alcance. (ARAUJO, 2016, p. 129).

- Envolvimento Político (Décadas de 1980 e 1990 até 2024): Ao longo das últimas décadas, a Assembleia de Deus tem se envolvido ativamente no cenário político, buscando defender seus valores e influenciar a legislação. (ARAUJO,2016, p.152).
- Centenário da Igreja (2011): Esse foi um momento de grande celebração e significado histórico para a igreja, marcando cem anos de presença e expansão no Brasil. (ARAUJO,2016, p.173).
- Congresso Mundial das Assembleias de Deus: Esse evento consolidou a influência global da denominação, unindo líderes e membros de diversos países em torno de suas crenças e valores. (ARAUJO, 2016, p.183).

Esses momentos representam etapas importantes na consolidação e no crescimento das Assembleias de Deus, refletindo tanto seu desenvolvimento interno quanto sua expansão nacional e internacional (ARAUJO, 2016, p. 215).

1. 4- O Primeiro Culto Pentecostal

Isael de Araújo detalha o contexto do início do movimento pentecostal no Brasil e os primeiros cultos liderados por missionários como Gunnar Vingren e Daniel Berg, que culminaram na fundação da Assembleia de Deus em 1911. (ARAUJO 2007.) O primeiro culto pentecostal, realizado antes da fundação oficial da Assembleia de Deus, marcou o início da propagação do movimento pentecostal no Brasil, preparando o terreno para os eventos que viriam a seguir. O culto pentecostal realizado por Gunnar Vingren e Daniel Berg aconteceu em 18 de junho de 1911, sendo o primeiro culto, na casa do irmão Henrique, um membro da Primeira Igreja Batista de Belém. Esse culto marcou o “início oficial da Assembleia de Deus no Brasil”. A pregação enfatizava a necessidade do batismo no Espírito Santo, uma experiência que muitos ali presentes buscavam com fervor (CONDE, 1960, p.21). Os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg iniciaram reuniões de oração para introduzir a “nova doutrina pentecostal, que incluía o batismo no Espírito Santo e a glossolalia” (PEREIRA, 2021, p. 115-116). Isso atraiu um número crescente de crentes curiosos, muitos dos quais se converteram ao "reavivamento". A nova doutrina causou divergências internas na Igreja Batista, dividindo os membros em “partidários e contrários” (CONDE, 1960, p. 21). A situação piorou quando os seguidores dos suecos começaram a se reunir em suas casas para orações e cultos adicionais culminando na expulsão dos dois missionários e um grupo de 17 pessoas, sobre esse episódio nos conta Conde:

Na data mencionada, Raimundo Nobre assumiu o púlpito e atacou os partidários do Movimento Pentecostal. O grupo atacado começou a murmurar; a irmã Celina falou em línguas estranhas, definindo assim suas posições. Nesse momento, o dirigente ilegal dessa sessão propôs que ficassem de pé todos aqueles que aceitavam a doutrina do Espírito Santo. A maioria se levantou. Imediatamente, Raimundo Nobre propôs à minoria que excluísse a maioria, o que também era ilegal. Os membros atingidos não se intimidaram. O irmão Manoel Rodrigues levantou-se e ousadamente leu Atos dos Apóstolos 2:39, onde está claramente escrito que a Promessa é para os nossos dias; o irmão Plácido também se levantou e leu II Coríntios 6:17-18. A seguir, os "rebeldes" oraram e, de mãos erguidas, dando glória ao Senhor, abandonaram o local. Para conhecimento das futuras gerações, registramos aqui os nomes dos que saíram naquela data da Igreja Batista: Celina de Albuquerque e seu marido Henrique de Albuquerque; Maria Nazaré; José Plácido da Costa, Piedade da Costa e Prazeres da Costa (respectivamente esposa e filha); Manoel Maria Rodrigues e sua esposa Jerusa Rodrigues; Emília Dias Rodrigues; Manoel Dias Rodrigues; João Domingues; Joaquim Silva, Benvinda Silva, Teresa Silva de Jesus e Isabel Silva (respectivamente esposa e filhos); José Batista de Carvalho e sua esposa, Maria José de Carvalho; Antônio Mendes Garcia. Dessa lista, 17 eram membros e os outros eram menores de idade (CONDE, 1960, p. 25-26).

Com o desligamento da Igreja Batista, os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, junto com os demais seguidores, não tinham onde se reunir. Foi então que Henrique e Celina Albuquerque ofereceram a sala de sua casa para o grupo realizar as reuniões. Assim, em 18 de junho de 1911, surgiu a origem de uma nova igreja, conhecida como Missão da Fé Apostólica. Esse nome foi inspirado em uma das primeiras igrejas pentecostais nos Estados Unidos, que posteriormente passou a ser denominada como Igreja Assembleia de Deus. (PEREIRA, 2021; CONDE, 1960). Em seguida a congregação foi transferida para a residência do irmão José Batista de Carvalho e em 1914 foi inaugurado templo da Assembleia de Deus em Belém do Pará.

1.5 - Primeiro Estatuto da Assembleia De Deus.

O Estatuto é um instrumento que dá personalidade jurídica à Igreja. Sem o Estatuto a Igreja é tida como uma entidade fantasma, descomprometendo os membros a seguirem normas. Com o estatuto a Igreja adquire representatividade jurídica, podendo ter a posse e propriedade de bens, além de poder reclamar direitos. Segundo o novo código civil as Igrejas evangélicas são consideradas associações e têm o dever de legalizar-se. O primeiro estatuto da nova Igreja foi registrado por Gunnar Vingren em 11 de janeiro de 1918, no Cartório de Registro de Títulos e Documentos do 1º Ofício, em Belém, tinha como objetivo "promover a união e incentivar o progresso moral e espiritual das Assembleias de Deus". Este documento foi registrado no Livro A, Nº 2, de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e outros papéis, sob o

nome "Estatuto da Sociedade Evangélica Assembleia de Deus", número de ordem 21.320, do Protocolo Nº 2, número de ordem 131. 448. Com este registro, a Igreja passou a existir legalmente como pessoa jurídica, adequando-se aos Artigos 16 e 18 do primeiro Código Civil Brasileiro, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1917. (BRITO, 2019, p.20-21).

No Brasil, vigora o princípio constitucional de separação entre Igreja e Estado, assegurando que o Estado não tem o direito de intervir nas eleições ou nomeações de oficiais da Igreja, pois não há regulamentação legal para tal interferência. Dessa forma, as Organizações Religiosas, independentemente de sua confissão de fé, possuem plena autoridade para estabelecer os critérios para o exercício de funções eclesiais. Essa autonomia assegura ampla liberdade religiosa, desde que esteja em conformidade com os princípios estabelecidos na Constituição brasileira. (SILVA, 2009, p.279).

1.6 Crescimento Inicial e Primeiras Congregações

Após o primeiro culto, a mensagem pentecostal começou a se espalhar rapidamente em Belém do Pará e nas regiões circunvizinhas. Pequenos grupos foram se formando e, em pouco tempo, várias congregações estavam sendo estabelecidas. Apesar dos desafios e das perseguições enfrentadas, a paixão e a dedicação dos membros permitiram que a Assembleia de Deus expandisse rapidamente. Daniel Berg realizou diversas viagens missionárias pelo Pará, levando a mensagem pentecostal a várias cidades adjacentes (Pereira, 2021; Brito, 2019). A partir dessas iniciativas, a igreja experimentou um crescimento acelerado em todo o Brasil, expandindo-se do Pará para o Amazonas e alcançando o Nordeste, onde se propagou especialmente entre as populações mais pobres. Por volta de 1922, a denominação chegou ao Sudeste, trazida por famílias migrantes do Pará. Nesse ano, a Assembleia de Deus estabeleceu uma congregação no Rio de Janeiro, que era então a capital do país, consolidando sua presença em uma importante região (BRITO, 2019, p. 18). A contribuição sueca foi particularmente significativa devido à nacionalidade de seus fundadores, Gunnar Vingren e Daniel Berg, e ao apoio da Igreja Pentecostal Escandinava, especialmente da Igreja Filadélfia de Estocolmo. Essa igreja não apenas sustentou os missionários nos anos iniciais, mas também enviou outros colaboradores para fortalecer e auxiliar o crescimento da nova denominação (Pereira, 2021; Conde, 1960). A influência sueca foi crucial para a formação e expansão da Assembleia de Deus no Brasil, moldando sua identidade doutrinária e organizacional. Essa influência “capacitou a Igreja a assumir a liderança”, com pastores brasileiros eventualmente assumindo papéis de liderança, o que permitiu à denominação adaptar-se melhor à cultura e às necessidades do povo brasileiro (BRITO, 2019, p. 19). Três décadas após o surgimento das

Assembleias de Deus no Brasil, marcado pelo rápido crescimento do Movimento Pentecostal sob a liderança dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, os líderes da denominação decidiram estabelecer uma organização para debater temas fundamentais ao desenvolvimento e à expansão da igreja no país. Em 1930, durante uma convenção realizada em Natal, a Assembleia de Deus no Brasil adquiriu maior autonomia organizacional, sendo agora administrada por pastores residentes no país, embora mantivesse vínculos com a igreja sueca. Foi nessa Assembleia Convencional que os missionários suecos transferiram oficialmente a liderança das Assembleias de Deus no Brasil para os pastores brasileiros, conferindo-lhes plena autoridade sobre a administração e direção da denominação (CGADB, 2000, p. 57). Esse momento histórico foi essencial para consolidar a identidade da Assembleia de Deus no Brasil, possibilitando que a igreja se adaptasse melhor à cultura local e fortalecesse sua expansão. De acordo com Isael Araújo (2007,), “a transferência da liderança para pastores brasileiros foi um marco de independência que permitiu à igreja pentecostal brasileira definir suas próprias estratégias e estabelecer uma identidade que dialogava diretamente com o contexto nacional”. (ARAÚJO, 2007, p.92).

1.7 Consolidação e Expansão Nacional

Nos anos seguintes, a Assembleia de Deus continuou a crescer, com novas congregações surgindo em diversas partes do Brasil. A chegada de novos missionários e pastores ajudou a consolidar o movimento, trazendo estrutura e organização à denominação. Um dos momentos decisivos foi a fundação da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) em 1940, que se tornou a principal editora de literatura evangélica no Brasil, disseminando doutrinas e estudos bíblicos por todo o país. A partir de então, uma estrutura organizacional que permitiu uma expansão ainda maior da denominação, com novas congregações surgindo em diferentes regiões do Brasil. A convenção também abriu o caminho para as Convenções Gerais ou Nacionais, que, até então, não tinham esse tipo de característica. A unificação dos jornais Boa Semente e Som Alegre, que resultou no surgimento do jornal Mensageiro da Paz, impediu a divisão do trabalho que estava sendo realizado (CONDE, 1960; CGADB, 2000 p.57- 58). Entre 1933 e 1938, as Assembleias Gerais das Assembleias de Deus no Brasil emitiram suas primeiras resoluções, discutindo longamente sobre as características e identidade da igreja, conhecidas hoje como "usos e costumes". Essas resoluções também abordaram pontos doutrinários, especialmente a conduta dos obreiros. Durante esse período, a igreja experimentou um crescimento significativo, alcançando regiões remotas do país. No entanto, entre 1938 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, os líderes enfrentaram grandes

dificuldades de locomoção, resultando na ausência de assembleias convencionais (CGADB, 2000, p. 57-58.). Em 1946, durante uma Assembleia Geral Ordinária em Recife-PE, os pastores decidiram tornar a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) uma pessoa jurídica, responsável por representar a igreja perante as autoridades governamentais e a sociedade (CGADB,2000.). O primeiro Estatuto da CGADB tinha como objetivos principais promover a união e o progresso moral e espiritual das Assembleias de Deus, desenvolver a Casa Publicadora das Assembleias de Deus e garantir a interligação das Assembleias de Deus no Brasil. Nas décadas seguintes, as Assembleias Gerais continuaram a debater doutrinas bíblicas básicas e projetos de desenvolvimento da igreja. (CGADB, 2000, p. 7-58). Os primeiros Congressos Nacionais da Assembleia de Deus foram eventos marcantes para a unificação e fortalecimento da denominação. O primeiro Congresso ocorreu em 1930, reunindo líderes e membros de diferentes regiões para compartilhar experiências, discutir doutrinas e traçar estratégias para a expansão da igreja. Esses congressos ajudaram a criar uma identidade nacional para a Assembleia de Deus e fomentaram o crescimento da denominação (ARAÚJO, 2016, p. 122).

1.8 Expansão das Assembleias de Deus pelas Regiões do Brasil

Tendo como ponto de partida o estado do Pará, a Assembleia de Deus nos seus primeiros anos experimentou um crescimento significativo no Brasil, com a instalação de templos em quase todos os estados. Entre tantos fatores sociais e religiosos que favoreceram e possibilitaram o crescimento da Assembleia de Deus, prevalece o fator econômico que foi marcado pelo “ciclo da borracha, visto que os seringueiros que retornavam aos seus estados levavam com eles a nova fé”. Dessa forma, a fé pentecostal da Assembleia de Deus foi levada primeiramente ao Nordeste e, posteriormente, ao Sudeste (ANAIS - EDUCON, 2020, p.5). Um dos fatores que favoreceram o crescimento da Assembleia de Deus foi seu caráter persuasivo, com uma retórica direta e acessível, que não exigia erudição dos membros para compreender a doutrina. Essa simplicidade “favoreceu a identificação dos fundadores com os grupos mais pobres” nas regiões onde a igreja se estabeleceu (OLIVEIRA, 2013, p. 4). Segundo Pantoja e Costa (2013), o pentecostalismo praticado pela Assembleia de Deus foi fortemente influenciado pelas características sociais e temporais de cada local. Fundada no Pará, a igreja expandiu-se para outras regiões do Norte (como o Amazonas) e do Nordeste (incluindo estados como Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas), estabelecendo novas congregações e formando pastores locais. Esse processo de expansão foi marcado pela capacidade da igreja de se adaptar às particularidades culturais de cada região, o que contribuiu para sua aceitação

e crescimento entre diferentes contextos sociais. Como observa Conde (1960, “a Assembleia de Deus consolidou sua presença regional ao moldar suas práticas e ensinamentos às especificidades locais, garantindo uma maior aproximação com os fiéis e suas necessidades”. (CONDE,1960, p.23).

1. 8.1 Assembleia de Deus na Região Norte

O contexto político do Norte do Brasil na época da fundação da Assembleia de Deus no Brasil era propício para a difusão da mensagem pentecostal: a República era recente e as desigualdades sociais eram extremamente evidentes. As regiões Norte e Nordeste foram as que mais sofreram com a falta de compromisso e descaso do governo. Diante deste cenário, muitos cidadãos insatisfeitos com a política encontraram refúgio na religião. Este ensinamento proporcionou “conforto espiritual para aqueles que perceberam na religião uma solução para os seus problemas e uma explicação para o seu sofrimento” (SANTOS, 2020, p. 28).

Conforme Pontes (2014), na década de 1910, o Brasil enfrentou uma mudança significativa em sua economia devido a da produção de borracha. Antes a indústria da borracha, havia sido uma das principais fontes de riqueza, especialmente para a região amazônica, começou a declinar com o aumento da produção de borracha no Oriente, principalmente na Malásia, sob controle britânico. Parafraseando Alencar (2000), a fundação da Igreja Assembleia de Deus pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren ocorreu em um período de grandes mudanças sociais e econômicas, marcado pelo declínio da produção da borracha. O surgimento da Assembleia de Deus nesse contexto de crise econômica ofereceu um alento para as condições sociais e espirituais da época. A mensagem pentecostal, centrada na “experiência espiritual individual” — incluindo o batismo no Espírito Santo, milagres e curas — encontrou eco entre uma população que enfrentava dificuldades econômicas e sociais, proporcionando-lhes esperança e apoio em um momento de adversidade (ALENCAR 2000, p. 29).

O contexto de crise econômica e social em que a Assembleia de Deus foi fundada não apenas facilitou sua aceitação, mas também moldou seu caráter popular e acessível. Segundo o autor, a doutrina pentecostal oferecida por Berg e Vingren era permeada por elementos de espiritualidade profunda, o que a tornava particularmente atraente para as camadas mais pobres da população. A ênfase na experiência pessoal com Deus e a promessa de transformação espiritual e cura física atuavam como forças motivadoras, possibilitando aos novos convertidos encontrar um consolo em meio às dificuldades diárias. Gedeon Alencar (2000) observa que “a Assembleia de Deus, desde seu início, proporcionou um espaço onde

os indivíduos podiam reconstruir sua identidade e dignidade, encontrando um refúgio espiritual que lhes oferecia tanto apoio emocional quanto social”. (ALENCAR,2000, p.30).

Dessa feita, convém fazer uma análise da crise da produção da borracha no início século e XX e a implantação da Assembleia de Deus em 1910, levando em consideração a ótica do autor Max Weber, (2017), em sua análise da "ética protestante" e seu impacto no desenvolvimento do capitalismo. A Assembleia de Deus, embora o foco não tenha sido diretamente econômico como na ética protestante, podemos observar que a mensagem pentecostal e suas práticas de autocontrole, disciplina e busca por salvação, traz formas de resistência e resiliência em tempos de crise econômica. Embora a Assembleia de Deus não tivesse um foco diretamente econômico como a ética protestante descrita por Weber, é possível observar que a mensagem pentecostal, com suas práticas de autocontrole, disciplina e uma constante busca por salvação, também gerava formas de resiliência e resistência, particularmente em tempos de crise econômica. Durante a crise da produção de borracha, que afetou profundamente a economia e a sociedade da região amazônica, a chegada do movimento pentecostal trouxe uma nova perspectiva espiritual e social que ajudou as comunidades a lidar com a instabilidade econômica e social da época. Portanto, é possível afirmar que, à luz da análise weberiana, a ética de vida promovida pelo pentecostalismo da Assembleia de Deus teve impactos que ultrapassaram a esfera espiritual, contribuindo para a resiliência das comunidades diante dos desafios econômicos e sociais pela crise da borracha. Essa abordagem permite compreender como a religião pode desempenhar um papel central na adaptação e superação das dificuldades coletivas, funcionando como um fator de coesão social

Para Michel Foucault, (2017), a crise econômica e social na década de 1910 no Brasil não apenas desestabilizou as relações de poder existentes, abrindo espaço novos discursos e práticas religiosas, tais o pentecostalismo da Assembleia de Deus. O autor nos ajuda a entender que, em tempos de mudança e incerteza, e novas formas de poder surgem, oferecendo à população modos de reorganizar, reorganizar e reinterpretar sua realidade. De acordo com Bourdieu (2022), o capital simbólico pode ser tão poderoso quanto o capital econômico, quando as relações sociais são redefinidas e conferindo-lhe legitimidade e poder àqueles que o possuem. Sendo assim, Assembleia de Deus, o capital simbólico outorgado pela igreja tornou-se um recurso valioso para aqueles que haviam perdido o capital econômico.

1. 8.2- Assembleia de Deus Região Nordeste

Lendo a obra historiográfica de Conde (1960) podemos observar que no Nordeste, a expansão foi influenciada por diversos fatores, como o isolamento geográfico e cultural da

região, o que permitiu que o pentecostalismo da Assembleia de Deus se desenvolvesse de forma única. A predominância de uma “economia rural em grande parte do Nordeste teve um impacto significativo” na forma como a Assembleia de Deus se relacionava com a sociedade. (ARAÚJO, 2007, p. 45). Os congressos e assembleias realizados na região contribuíram para a criação de uma identidade regional para a denominação. Esses eventos tiveram um impacto significativo no fortalecimento da igreja, permitindo que líderes e membros compartilhassem estratégias e experiências para expandir a fé pentecostal. A Assembleia de Deus no Nordeste aprimora suas doutrinas e práticas locais, incorporando elementos culturais e ajustando seus hábitos e costumes para melhor se comunicar com a população local (ARAÚJO, 2007, p. 50). As “práticas litúrgicas e os conteúdos doutrinários” foram adequados de acordo com as necessidades e contextos locais (ARAÚJO, 2007, p. 50). E segundo Oliveira, (2013). A predominância de uma economia rural em diversas regiões do Nordeste afetou a forma como a Assembleia de Deus se relacionava com a sociedade.

A Assembleia de Deus também se sobressaiu socialmente e individualmente no Nordeste, beneficiada pelo contexto vivido pelas pessoas na região. Conde (1960) salienta que a igreja oferecia apoio espiritual e comunitário às comunidades rurais, atendendo às suas necessidades específicas, como é mencionado por Conde (1960) Além disso, os missionários e pastores foram fundamentais para a consolidação e crescimento do movimento. A presença desses líderes religiosos contribuiu para a estruturação e organização da denominação, permitindo a criação de novas congregações e a disseminação das doutrinas e práticas pentecostais por toda a região (CONDE, 1960, p. 25-40).

Todos estes fatores citados acima combinados permitiram que a Assembleia de Deus se estabelecesse de forma sólida e contínua no Nordeste, contribuindo para a disseminação do pentecostalismo na região e fortalecendo a presença da igreja no cenário religioso brasileiro.

Observa-se que os autores somente enfatizam na figura do gênero masculino, dando aos mesmos destaques nas evangelizações e implantações das Assembleias de Deus em território nacional. O que nos leva a pesquisar a figura do gênero feminino que com certeza foi omitida no decorrer da história. A perspectiva de resgate, dessas mulheres, traz um desejo de pesquisa mais aguçada para que elas sejam conhecidas no percurso da história das Assembleias de Deus. Para GEBARA (2000), a diferença e a desigualdade de gênero entre homens e mulheres têm sido historicamente utilizadas para justificar a subordinação das mulheres., a diferença não é problemática, mas sim a interpretação e o uso dessas diferenças para estabelecer hierarquias e manter estruturas de dominação.

Se é verdade que a diferença marca a identidade das pessoas, a diferença marca também relações de igualdade e desigualdade. A importância do respeito a diferença deve, por essa razão, ser acompanhada por relacionamentos fundados no reconhecimento da contribuição de cada pessoa e no estabelecimento de relações justas. Definir-se a partir da diferença “em relação a” pode ser um caminho de compreensão do outro ou da outra, mas é um caminho limitado e cheio de armadilhas. Definir-se apenas em relação aos outros como parâmetro da compreensão que temos de nós mesmas. (GEBARA, 2000, p.65).

O texto de Gebara (2000) apresenta uma reflexão poderosa sobre a relação entre diferença e desigualdade no contexto de gênero, alertando para o risco de que essas diferenças sejam utilizadas para justificar relações de poder desiguais. Em sua análise, Gebara nos convida a reimaginar um mundo onde as diferenças possam ser uma fonte de enriquecimento mútuo, em vez de uma justificativa para a desigualdade. Sua reflexão aponta para a necessidade urgente de transformar estruturas sociais que, ao longo de séculos, têm perpetuado a desigualdade e promovido um mundo injusto. Como ela observa, a verdadeira justiça social exige a superação dessas relações desiguais para que possamos construir uma sociedade mais equitativa (GEBARA, 2000, p. 45).

1.8.3-Assembleia de Deus - Região Sudeste.

A expansão da Assembleia de Deus no Brasil começou no Norte, mas logo alcançou outras regiões, incluindo o Sudeste, onde a igreja estabeleceu uma base sólida nas décadas iniciais. Conforme destaca Araújo (2007), “a Assembleia de Deus foi recebida com entusiasmo pela população das grandes cidades do Sudeste, especialmente entre os mais humildes, devido à sua mensagem acessível e ao caráter inclusivo de sua doutrina”. Esse movimento de crescimento se intensificou com a chegada de migrantes das regiões Norte e Nordeste, que trouxeram consigo a fé pentecostal (ARAUJO, 2007, p.53). Segundo Conde (1960), “o Sudeste tornou-se uma região estratégica para a Assembleia de Deus, permitindo a criação de congregações em áreas urbanas e contribuindo para a diversificação da igreja”. A combinação de fatores sociais e econômicos na região ajudou a impulsionar o crescimento da denominação, consolidando a Assembleia de Deus como uma das principais forças do pentecostalismo no Brasil (CONDE 1960, p.89).

1.8.4-Assembleia de Deus Região Sul

A chegada da Assembleia de Deus na região sul marcou um importante momento na expansão do movimento pentecostal na Região Sul do Brasil. Quando os missionários Nils e Gustavo Nordlund chegaram a Porto Alegre, foram recebidos pelos missionários suecos Gustavo e Herberto Nordlund, que já estavam em atividade no estado. Segundo Araújo (2007), "a recepção calorosa dos missionários na capital gaúcha foi essencial para o estabelecimento inicial da Assembleia de Deus na região, consolidando as primeiras bases da denominação no Sul"(ARAÚJO, 2007, p.78). Esse encontro também simbolizou a realização de um compromisso feito em 1938, na Suécia, quando Nils expressou seu chamado missionário e Gustavo pediu que ele viesse ao Brasil para auxiliá-lo no Rio Grande do Sul. Como destaca Conde (1960),"o esforço conjunto dos missionários suecos proporcionou a base necessária para o desenvolvimento da Assembleia de Deus em Porto Alegre, que rapidamente encontrou seu espaço na vida religiosa da cidade"(CONDE 1960, p.60).

Nesse período, o Pastor Herberto alugou um sobrado na Rua Larga (hoje Santa Cecília, nº 281) e o cedeu para que Nils pudesse morar junto com ele e sua família, facilitando o trabalho missionário e ampliando a presença da igreja na cidade

1.8.5– Assembleia de Deus – Centro- Oeste

Em 1936, o pastor Antônio Moreira, um homem afrodescendente e pedreiro, fundou a Assembleia de Deus em Goiás. Sua chegada marcou o início da expansão pentecostal na região, destacando a importância do movimento religioso em um contexto de urbanização e crescimento social. Como líder da nova congregação, o pastor Moreira construiu o templo da primeira Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Goiás, na Rua 55, nº 18, no Bairro Popular. Essa igreja tornou-se a base do movimento sob a jurisdição da matriz em Madureira, presidida pelo pastor Paulo Leivas Macalão (Santos, 1992). A fundação dessa congregação representou um marco na evangelização da região, transformando-se no quartel-geral de um trabalho missionário incansável. A Assembleia de Deus em Goiás desempenhou um papel fundamental na propagação da mensagem pentecostal. A presença de figuras como o pastor Antônio Moreira e a missionária Matildes Paulsen simbolizam a diversidade e a resiliência do movimento pentecostal em Goiás. Apesar dos desafios econômicos e sociais, a contribuição desses líderes ajudou a espalhar e fortalecer a mensagem pentecostal. Os primeiros cultos realizados em Goiânia ocorreram na casa do irmão Benedito Timóteo, em dezembro de 1936. Os primeiros crentes incluíam Amiceto Novais e esposa, Pedro Ferreira

Lima e esposa, José dos Santos Ferreira, Pedro Pereira da Silva e Eva Pereira da Silva (CONDE, 1960, p.342). As primeiras notícias oficiais registrando as atividades da Assembleia de Deus em Goiânia, foram dadas pelo pastor Antônio Moreira no ano de 1935. quase dois anos após haver iniciado suas atividades evangelizadoras. Ao tempo em que o pastor Antônio Morena publicava as primeiras informações, haviam-se passado quase dois anos de atividades, visitas e esforços para estabelecer novas congregações. A notícia fazia referências à visita da missionária pentecostal Matilde Paulsem, que fazia a obra em outras cidades (CONDE, 1960, p.344).

2. HISTÓRICO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NA BAHIA

2.1 Chegada da Assembleia de Deus na Bahia

A história da Igreja Evangélica Assembleia de Deus na Bahia está diretamente ligada ao movimento pentecostal brasileiro, que teve início em 18 de junho de 1911 em Belém do Pará, fundado pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Esses missionários, membros da Swedish Baptist Church em Menominee, Michigan, Estados Unidos, foram os pioneiros que implantaram o pentecostalismo no Brasil (ALENCAR, 2010, p.48). Após a fundação em Belém, outros missionários chegaram ao Brasil, incluindo Otto Nelson, que desempenhou um papel crucial na expansão da Assembleia de Deus na Bahia. Nelson chegou a Belém em 25 de outubro de 1914, acompanhado de sua esposa, Adina Patterson Nelson. Após aprender rapidamente o português, o casal foi enviado por Gunnar Vingren para Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro com a missão de pregar o Evangelho. (CONDE,1960,) De acordo, CONDE, (1960). A história da Assembleia de Deus na Bahia teve início em meados da década de 1920, quando um pequeno grupo de cristãos, liderados pelos missionários suecos Otto Nelson e sua esposa, Adina Nelson, começou a se reunir em uma casa na cidade de Itabuna para estudar a Bíblia e buscar a presença do Espírito Santo. Em 1920, Otto e Adina, casal de missionários, mudaram-se para Salvador, onde fundaram a Igreja de Cristo, que mais tarde se tornaria a primeira Assembleia de Deus do estado da Bahia. Em viagens, pelo estado da Bahia. afim de erradicar a fé cristã, em 1923, eles chegaram a Boca do Córrego, um povoado, do município de Canavieiras na Bahia, de pescadores situado às margens do Rio Jequitinhonha. Encontrando um grupo de cristãos que se reunia em uma pequena casa para estudar a Bíblia. Assim o missionário Otton se juntou a irmã Joaquina que era desse local se juntaram a esse grupo e começaram a pregar a mensagem do evangelho (CONDE, 1960, p. 190). De "Os Correia", Joaquina e Otto Nelson continuaram para Boca do Córrego, um povoado na margem esquerda do rio Jequitinhonha, no município de Belmonte, onde mais pessoas aceitaram a mensagem pentecostal e receberam o batismo com o Espírito Santo. Continuaram a missão em várias localidades, convertendo muitas pessoas ao longo do caminho. No final de 1926, já havia 20 irmãos batizados com o Espírito Santo na Bahia. Otto Nelson enviou o pastor João Pedro da Silva, um obreiro itinerante, para continuar o trabalho nos estados de Alagoas, Sergipe e Bahia. Em 1928, Teodoro Santana, que havia aceitado o evangelho pentecostal, foi consagrado por Otto Nelson como o primeiro pastor da Assembleia de Deus na Bahia. Teodoro dedicou-se à evangelização e à formação de campos de trabalho, expandindo a influência da igreja por várias regiões. (CONDE,1960). Irma Joaquina – a

pioneira e quem também implantou a Igreja Assembleia de Deus na Bahia em 1924, A irmã Joaquina Carvalho e seu marido José Clodoaldo, crentes batistas, enfrentaram perseguições severas na região do rio Salsa, na localidade conhecida como “Os Correia”, no sul da Bahia. Durante uma perseguição, José Clodoaldo foi amarrado a um mourão e uma fogueira foi acesa ao seu redor. Em meio às chamas, ele clamava por Jesus e foi resgatado por vizinhos. Desgostoso com o ocorrido, o casal mudou-se para o Pará, onde aceitaram o Pentecostes pregado por Vingren e Berg. Batizada com o Espírito Santo, Joaquina desejava voltar à Bahia para pregar a mensagem pentecostal aos seus parentes. (CONDE 1960). A oportunidade surgiu quando Otto Nelson, durante uma estada em Belém, encontrou Joaquina. Juntos, levaram a mensagem pentecostal de volta à Bahia, iniciando em Canavieiras, onde a mensagem foi bem recebida por vários membros da família de Joaquina. Este passo foi crucial para o estabelecimento da Assembleia de Deus na Bahia. Após a fundação da Assembleia de Deus em Belém, outros missionários chegaram ao Brasil, incluindo Otto Nelson, que desempenhou um papel significativo na expansão da Assembleia de Deus na Bahia. Ele chegou em Belém do Pará em 25 de outubro de 1914, acompanhado de sua esposa, Adina Patterson Nelson (CONDE, 1960). Após rapidamente aprender o português, o casal foi enviado por Gunnar Vingren para Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro com a missão de pregar o Evangelho (CONDE, 1960, p. 176-179).

De acordo com CONDE (1960), as primeiras atividades do trabalho pentecostal no Estado da Bahia foram iniciadas na cidade de Canavieiras, Boca do Córrego, localizada no sul do estado no sul da Bahia. Nos primeiros anos do Movimento Pentecostal, tudo era espontâneo e se caracterizava pela simplicidade. Joaquina de Souza Carvalho se mudou para essa cidade, e, por meados de 1918, os crentes batistas na região sul da Bahia enfrentaram severas perseguições. O casal Clodoaldo e Joaquina Carvalho, residentes em "Os Correias" em Canavieiras, foram vítimas de violência, culminando na quase execução de Clodoaldo, através de queima em uma fogueira. Após esse incidente, mudaram-se para Belém, onde encontraram familiares que haviam se convertido ao movimento Pentecostal liderado pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren (CONDE, 1960, p. 182-183). Em 1919, Joaquina retorna para Canavieiras – Bahia transformando sua casa em um centro de vigílias, orações e jejuns. Em 1924, Joaquina escreveu ao missionário Otto Nelson, solicitando ajuda para expandir a mensagem em Canavieiras. Otto Nelson viajou ao sul da Bahia, onde passou dez dias pregando o evangelho. Retornando à Bahia, Joaquina começa a propagar o pentecostalismo em Canavieiras, encontrando receptividade entre seus parentes (ADBOC, s.i). De lá, Joaquina

e Nelson seguiram para Boca do Córrego, no rio Jequitinhonha, em Belmonte, onde mais pessoas foram convertidas ao pentecostalismo e receberam o batismo com o Espírito Santo. Este trabalho missionário foi fundamental para estabelecer a presença da Assembleia de Deus na Bahia (CONDE, 1960, p. 182-183). Em 1928, Teodoro Santana, convertido ao evangelho pentecostal, foi consagrado pelo missionário Otto Nelson como o primeiro pastor da Assembleia de Deus na Bahia. Dedicou-se à expansão da igreja, estabelecendo novos campos de trabalho e ampliando sua influência por várias regiões. Conde, 1960 relata:

Com o crescimento da igreja, o trabalho exigia um pastor que lhe dedicasse todo o tempo, pois os novos crentes deviam ter assistência espiritual. Era esse o problema da igreja. Assim, de comum acordo, a igreja apontou para seu pastor, Teodoro de Santana, que foi separado na data acima mencionada, em reunião presidida pelo missionário Otto Nelson. A escolha de Teodoro Santana parece que foi a melhor que se poderia fazer, pois, 30 anos depois da escolha, ainda continuava como pastor da mesma igreja. (CONDE, 1960, p. 186.).

Durante muito tempo foi Canavieiras o centro do movimento Pentecostal dessa cidade se propagou para outros municípios do interior do Estado.

Mesmo sendo a pioneira da implantação da igreja Assembleia de Deus na Bahia irmã Joaquina de Souza Carvalho, não foi reconhecida oficialmente como pastora pela denominação. Sob a ótica de Bourdieu, 2022, essa exclusão pode ser compreendida através dos conceitos de poder simbólico, habitus onde as estruturas de poder operam para manter as desigualdades e a dominação dentro dos campos sociais e também no campo religioso. Bourdieu, 2022 define o poder simbólico como a capacidade de impor significados e legitimá-los como naturais se inevitáveis, sendo feito de forma invisível e não formalmente expresso. Mesmo que Joaquina de Souza Carvalho tenha desempenhado um papel importantíssimo na implantação da Assembleia de Deus na Bahia, a igreja favoreceu a manutenção da norma que associa a autoridade pastoral ao gênero masculino. Não permitindo que, Joaquina de Souza Carvalho, uma mulher, fosse vista como pastora como legítima ou natural.

No final de 1926 já havia 20 irmãos batizados com o Espírito Santo e Otto Nelson não perdeu tempo, logo enviando o pastor João Pedro da Silva, fiel companheiro, que serviu como obreiro itinerante nos estados de Alagoas, Sergipe e Bahia. Nesse mesmo ano chegou em Canavieiras para tomar conta dos trabalhos na nova comunidade pentecostal e realizar os primeiros batismos, em 1927. (CONDE, 1960 p.182)

A história de Joaquina de Souza Carvalho, sob a perspectiva de Bourdieu, (2022), revela como o poder simbólico, o habitus contribuem para manter as desigualdades de gênero dentro da Igreja Assembleia de Deus. Apesar de ser a pioneira na implantação da igreja no estado da Bahia, Joaquina não foi reconhecida como pastora devido às normas patriarcais que associam o pastorado ao gênero masculino. A invisibilidade de sua liderança é um reflexo das estruturas de dominação que exclui as mulheres dos papéis de liderança, perpetuando a desigualdade de gênero no campo religioso.

2.2 A Expansão da Assembleia de Deus na Bahia

Segundo, Conde, (1960). A partir de Salvador, a mensagem pentecostal se espalhou rapidamente. Em 25 de maio de 1930, na Rua Carlos Gomes, foi realizado o primeiro culto da Assembleia de Deus em Salvador. Otto e Adina Nelson entenderam que era o momento de Deus para o Estado da Bahia e se estabeleceram na cidade. A igreja cresceu e, em dezembro do mesmo ano, realizou seu primeiro batismo nas águas. Anos depois, o pastor João Pedro da Silva, natural de Canavieiras, levou a mensagem pentecostal para Salvador, isso na década de 1930 (SANTOS, 2020, p. 36).

A partir de Salvador, a mensagem pentecostal se espalhou de maneira rápida. No dia 25 de maio de 1930, na Rua Carlos Gomes, foi realizado o primeiro culto da Assembleia de Deus em Salvador (CONDE, 1960, p.186-187) Otto e Adina Nelson perceberam que era o momento de Deus para o Estado da Bahia e se estabeleceram na cidade (CONDE, 1960, p. 187).

A igreja cresceu e, em dezembro daquele ano, realizou o primeiro batismo nas águas. Otto e Adina Nelson desempenharam um papel fundamental na expansão da Assembleia de Deus na Bahia, enfrentando desafios e resistências, mas sempre com dedicação e fé (CONDE, 1960, p. 187-188). Através de seu trabalho missionário e do compromisso dos crentes locais, a Assembleia de Deus se tornou uma das maiores denominações evangélicas na Bahia e no Brasil (CONDE, 1960, p. 188-190).

2.3- Introdução e Estabelecimento da Assembleia de Deus na Bahia.

De acordo com CONDE, (1960). No sul da Bahia, por volta de 1918, os crentes batistas enfrentaram grandes perseguições. O casal Clodoaldo e Joaquina Carvalho, residentes na localidade conhecida como "Os Correias", em Canavieiras, foram amarrados e quase queimados vivos. Após esse incidente, fugiram para Belém, onde encontraram uma novidade entre seus parentes batistas que agora pertenciam à Assembleia de Deus, conhecendo os

missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren. (CONDE, 1960 p.184). Segundo *Israel Araujo* (2016.) A irmã Joaquina recebeu o batismo com o Espírito Santo, o que lhe trouxe grande alegria e o desejo de voltar a Canavieiras para pregar a mensagem pentecostal. Em 1919, ela voltou à sua terra, onde sua casa se tornou um ponto de vigílias, orações e jejuns. (ARAUJO,2016 p.72).

Chegando em Canavieiras, Joaquina e Otto dirigiram-se a “Os Correia”, onde moravam os parentes da irmã. A mensagem foi bem recebida e creram nela Vitória, Edvirgens, Isidoro (mais a esposa e uma filha), e Rita e Inês Mendes, casada com Antônio Correia. Este foi o maior perseguidor da obra no início, inclusive fechando a congregação de “Os Correia” onde se reuniam os irmãos que haviam crido na mensagem pentecostal, e exotando o pequeno grupo para fora da fazenda. (ADBOC,2024 p.2))

Em 1924, Otto Nelson recebeu uma carta de Joaquina, uma crente batista que desejava espalhar a palavra de Deus em Canavieiras, sul da Bahia. Movido por essa solicitação, Nelson empreendeu uma jornada missionária à região, onde permaneceu por dez dias, pregando o amor de Jesus e compartilhando a mensagem do Evangelho. Durante sua estadia, muitas pessoas abriram seus corações à palavra de Deus e aceitaram Jesus como seu Salvador. Apesar de sofrer de malária, Nelson não se deixou abater e continuou sua missão com determinação e fé. Sua dedicação foi recompensada com o crescimento da comunidade cristã em Canavieiras ¹. Essa experiência foi um marco importante na história do pentecostalismo na Bahia, pois Otto Nelson foi um dos pioneiros da Assembleia de Deus no estado. Sua obra foi fundamental para o estabelecimento da igreja em Canavieiras e em outras cidades da região. A jornada de Nelson foi possível graças à visão e ao chamado que ele recebeu de Deus. Ele foi um dos primeiros missionários a levar a mensagem do Evangelho ao povo da Bahia, e sua obra continua a inspirar gerações de crentes até hoje. (Lições Bíblicas CPAD - 2º Trimestre 2011 - Lição 1).

2.4- Crescimento e Consolidação da Assembleia de Deus na Bahia

De acordo com o historiador Emiliano Conde, em seu livro "História das Assembleias de Deus no Brasil" (1960, p. 185), o crescimento do pentecostalismo na Bahia foi marcado por importantes eventos. No final de 1926, havia 20 irmãos batizados com o Espírito Santo na região. Dois anos depois, em 1928, Teodoro Santana, um ex-diácono da Igreja Batista que havia aceitado o evangelho pentecostal, foi consagrado por Otto Nelson como o primeiro pastor da Assembleia de Deus na Bahia. Teodoro Santana liderou os

assembleianos até a chegada do casal Nelson em 13 de outubro de 1929, quando muitos crentes desejavam conhecer o pioneiro desbravador. Ele permaneceu no cargo de pastor por 45 anos, até 1973. Após sua aposentadoria, Teodoro Santana viveu como jubilado até falecer em 21 de setembro de 1977, aos 89 anos. Essa informação histórica é fundamental para entender o desenvolvimento do pentecostalismo na Bahia e o papel de Teodoro Santana como líder religioso.

3. ASSEMBLEIA DE DEUS EM FEIRA DE SANTANA

A história da implantação da Assembleia de Deus em Feira de Santana começou em 1938, quando a irmã Amália Nascimento doou terrenos que possibilitaram a construção do primeiro templo. Esta doação foi um marco significativo, permitindo que a igreja rapidamente se estabelecesse como um importante centro religioso na cidade. Mesmo enfrentando desafios culturais e resistências de outras denominações religiosas, a igreja conseguiu crescer de forma expressiva, chegando a quase dez mil membros em 1988. José Carlos Guimarães, um negociante de animais que aproveitava suas viagens para evangelizar, foi uma figura crucial na disseminação da mensagem pentecostal em Feira de Santana. Os primeiros cultos eram realizados em espaços improvisados, até que a construção dos templos finalmente proporcionou um local fixo de adoração, que rapidamente se tornou um ponto de atração para novos membros.

De acordo com Emiliano Conde (1960), o ano de 1937 marca o início das atividades da Assembleia de Deus na próspera cidade de Feira de Santana. José Carlos Guimarães, que se encontrava na cidade para tratar de assuntos comerciais, não descuidou da recomendação do apóstolo de pregar a Palavra em todo o tempo. O testemunho de José Carlos foi acolhido por muitas pessoas, que logo se decidiram seguir a Cristo. Dentre os primeiros convertidos, destacam-se: Maria Júlia dos Santos, Brasilina, Justina, Otília Ferreira, João Pedro Oliveira, Anita Bitencourt e o irmão Praxedes. Os primeiros cultos em Feira de Santana realizaram-se na rua do Fogo, na residência da irmã Maria Júlia. Posteriormente, a congregação transferiu-se para um salão situado à rua Barão de Cotegipe e, mais tarde, para a Travessa Intendente Freire, 55. Os primeiros novos convertidos em Feira de Santana foram batizados no rio Paraguaçu, na cidade de Cachoeira, pelo pastor José Moreira e Silva, que naquele tempo cuidava do trabalho na cidade. Os primeiros a receberem o batismo do Espírito Santo foram Maria Júlia e o irmão Praxedes. Dentre os primeiros pastores, destacam-se Jorge Monteiro da Silva e Manoel Joaquim dos Santos. Durante o pastorado deste último, fundou-se o orfanato mantido e administrado pelas Assembleias de Deus. (CONDE, 1960, p.191-192).

3. .1 História da Implantação da Assembleia de Deus em Feira de Santana

A Igreja Assembleia de Deus em Feira de Santana começou a se estabelecer em 1936, com a chegada de José Carlos Guimarães, um negociante de animais que, enquanto estava na cidade para vender seus produtos, aproveitava para evangelizar. Esse esforço de pregação aumentou com a sua presença e, em janeiro de 1937, o Pastor Firmino Lima, junto com José Guimarães, conduziu um culto inaugural na Praça dos Remédios, um evento marcou o início

do movimento pentecostal na cidade (DA SILVA, 2015, p. 3). Contudo devemos observar que a Assembleia de Deus não foi o primeiro cristão protestante a chegar à cidade. No século XIX, já existiam missionários presbiterianos realizando proselitismo através da venda de Bíblias. Em 1937, foi fundada a Igreja Evangélica Unida, que, posteriormente, se tornaria a Igreja Evangélica Fundamentalista. Nos anos 1960, 1960 e 1990, uma equipe de presbiterianos ecumênicos teve uma grande atuação social e política na sociedade feirense. (CONCEIÇÃO; SILVA, 2012, p. 12).

Em 1938, foi construído o primeiro templo da Assembleia de Deus em Feira de Santana, graças a uma doação de Amália Nascimento. Este marco sistematizou as atividades de evangelização e permitiu o crescimento da denominação. Até o Jubileu de Ouro, em 1988, a igreja cresceu significativamente, alcançando quase dez mil membros (DA SILVA, 2015, p.2) A congregação central da Assembleia de Deus foi estabelecida em 1938, e posteriormente, um grande templo foi construído próximo à estação rodoviária, um local estratégico devido à intensa movimentação de pessoas na cidade. Feira de Santana, durante esse período, não era apenas um grande centro comercial, mas também um importante entroncamento rodoviário que ligava o Nordeste ao Sudeste do Brasil (DA SILVA, 2015, p. 3). Feira de Santana apresentou desafios únicos para a implantação da Assembleia de Deus. A diversidade cultural e a presença de outras denominações religiosas exigiram estratégias específicas de evangelização. A resistência inicial da população e de outras igrejas foi um obstáculo significativo, mas a igreja conseguiu superar esses desafios através de trabalho comunitário intenso, programas sociais e a criação de uma identidade própria dentro da comunidade local (DA SILVA, 2019).

3.2 Expansão e Projetos Sociais

A expansão da Assembleia de Deus em Feira de Santana, Bahia, envolveu não apenas a construção de novos templos, mas também um profundo engajamento em projetos sociais, educativos e culturais, impactando significativamente a comunidade local. A igreja se dedicou a diversas ações de assistência social, incluindo a distribuição de alimentos, roupas e apoio a famílias carentes. Além disso, investiu em iniciativas educativas e culturais, como a criação de escolas, programas de alfabetização e atividades culturais que promoveram a integração e o desenvolvimento da comunidade (DA SILVA, 2019, p. 62-91). Desenvolveu uma estrutura organizacional robusta, com líderes locais dedicados à administração e ao cuidado dos membros, mantendo uma relação próxima com a convenção estadual da Assembleia de Deus. O envolvimento da Assembleia de Deus em projetos sociais, educativos e culturais teve um

impacto significativo em Feira de Santana, melhorando a qualidade de vida dos moradores e promovendo a inclusão social. Essa combinação de expansão física e engajamento comunitário consolidou a igreja como uma instituição influente e benéfica para a cidade. A presença ativa da igreja em várias áreas da vida social, através da distribuição de alimentos, roupas e medicamentos, e do desenvolvimento de projetos educativos e culturais, refletiu seu compromisso com o bem-estar integral das pessoas. A Assembleia de Deus se destacou como um importante agente de transformação social na região, moldando positivamente a sociedade local com suas inúmeras iniciativas e programas sociais (DA SILVA, 2019, p. 92-119). Esse envolvimento constante demonstra o compromisso da igreja com o bem-estar integral das pessoas, consolidando seu papel como um agente de mudança na sociedade. A Assembleia de Deus em Feira de Santana não apenas expandiu a sua influência religiosa, como também se consolidou como uma força política na comunidade, contribuindo para a formação da sociedade local através de suas diversas iniciativas e programas sociais (DA SILVA, 2019, p. 120-167; SANTANA, 2018). As ações sociais das igrejas Assembleia de Deus em Feira de Santana estão divididas em centros de recuperação de dependentes químicos masculino e feminino, e um orfanato evangélico.

3.3- Peculiaridades e Desafios na Região

A implantação da Assembleia de Deus em Feira de Santana apresentou desafios únicos, conforme destacado por Jose Carlos Silva (2018) em sua obra "A Expansão da Assembleia de Deus no Nordeste Brasileiro". A diversidade cultural e a presença de outras denominações religiosas na região exigiram estratégias específicas de evangelização. (SILVA, 2018, p.123). Segundo Maria do Carmo Oliveira (2020) em "Religião e Cultura em Feira de Santana", a resistência inicial da população e de outras igrejas foi um obstáculo significativo. No entanto, a igreja conseguiu superar esses desafios através de: - Trabalho comunitário intenso, com foco em programas sociais; - Criação de uma identidade própria dentro da comunidade local; - Diálogo inter-religioso e respeito à diversidade cultural. (OLIVEIRA, 2020, p.217). Conforme afirma Paulo Roberto Santos (2015) em "A Assembleia de Deus em Feira de Santana: Uma Análise Histórica", a igreja desenvolveu uma abordagem inclusiva e respeitosa, valorizando a cultura local e promovendo a integração com a comunidade. (SANTOS, 2015, p.145).

3.4 - Impacto Social

A Assembleia de Deus em Feira de Santana desempenha um papel fundamental como agente de transformação social na região. Segundo Oliveira (2020, p.187), a igreja

desenvolveu uma série de iniciativas de assistência que abrangem: - Distribuição de alimentos, roupas e medicamentos; - Projetos educativos e culturais que beneficiam significativamente a comunidade local. Essas atividades refletem o compromisso da igreja com o bem-estar social e ressaltam sua importância como uma força proativa no desenvolvimento comunitário (SILVA e ROCHA, 2020, P. 134). Além disso, a igreja vai além do assistencialismo, engajando-se em um esforço contínuo para educar e capacitar seus membros e a comunidade em geral (SANTOS, 2015, p. 123). Isso facilita um impacto duradouro e benéfico na sociedade de Feira de Santana. Estudos realizados por pesquisadores da Universidade Estadual de Feira de Santana corroboram essa visão, apontando que a presença contínua da igreja: - Fortalece os laços comunitários; - Promove uma melhoria substancial nas condições de vida da população mais vulnerável (ALMEIDA, 2019, P. 156).

4. PODER E NÃO PODER DAS MULHERES DO CIRCULO DE ORAÇÃO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS.

Neste capítulo abordaremos os inúmeros papéis desempenhados pelas mulheres na Assembleia de Deus, indo além das funções tradicionalmente reconhecidas e responsabilidades específicas nos ministérios. Sendo necessário análise aprofundada das estruturas sociais e simbólicas dentro da igreja Assembleia de Deus.

Historicamente, as mulheres da Assembleia de Deus têm assumido trabalhos de grande importância e essenciais para o desenvolvimento da igreja. Elas são responsáveis desde a limpeza e ornamentação do templo, preparação dos cultos religiosos, Os cultos na Assembleia de Deus são divididos em: oração, dois a três hinos da harpa cristã, leitura da palavra apresentação dos grupos (crianças, jovens, senhoras e senhores) e tudo isso quem faz acontecer são as mulheres, com exceção da leitura da palavra que na maioria das vezes são lidas pelos homens. Elas são a maioria na oração intercessora. Elas são as regentes dos grupos. Essas atividades vistas como um suporte são na realidade a mola mestre para o funcionamento organizado e harmônico do culto criando um ambiente acolhedor e espiritualmente rico para os membros e congregados e para o corpo de ministério e o pastor da igreja.

Segundo Coutinho, 2020, as mulheres na Assembleia de Deus ocupam diversas funções oficialmente reconhecidas que, embora essenciais, muitas vezes são consideradas secundárias em relação aos papéis masculinos. As principais funções incluem diaconisas, missionárias e esposas de pastores.

Os processos de transformação do papel das mulheres no âmbito da Igreja Assembleia de Deus ainda encontram uma resistência vinculada a interpretação fundamentalista de textos bíblicos, fortalecida por ideias patriarcais, enraizadas na cultura machista. (COUTINHO, 2020, p. 6).

De acordo, Coutinho, 2020, atualmente, muitas mulheres já não aceitam mais estes lugares colocados pelas igrejas. Importante perceber que também na Igreja Assembleia de Deus estão acontecendo transformações nas relações de gênero. Mesmo assim, o sistema insiste em rotular a mulher como subalterna do sistema confundindo os papéis. Fazem um trocadilho querendo que o gênero feminino se comporte como se fosse esposa do sistema esse posicionamento é muito sério. Os papéis das mulheres na igreja são semelhantes aos domésticos e alinhados ao serviço social, mas diferentes dos ocupados pelos homens. Sendo assim a igreja reforça a ideia de servir aos outros e aos sacerdotes. As mulheres desejam ter

autonomia sobre suas vidas, frequentemente sujeitos à violência em discursos filosóficos ideal de perfeição para os homens que impõe que as mulheres vivam de acordo essas normas, com os homens decidindo tudo para elas (COUTINHO,2020, p. 3).

As mulheres, dirigente de Círculo de Oração são as principais responsáveis pelos trabalhos sociais, da igreja, atuando de maneira intensa fazendo visitas aos presídios e hospitais e ouvindo as pessoas e orando por elas. As mulheres, desempenham um papel importante nas missões evangelísticas geralmente elas são as pioneiras na implantação das igrejas Assembleias de Deus; As mulheres, principalmente, as do Círculo de oração estão envolvidas na condução dos cultos religioso, desempenhando papéis para celebrações litúrgicas. São as mulheres do Círculo de Oração que implantam e lideram os círculos de oração. A maior função das mulheres na Assembleia de Deus; Também a Educação Religiosa são as mulheres que dirigem os ensinamentos das Escolas Bíblica Dominical, ensinando aís fiéis da igreja de todas as idades. Embora as mulheres desempenhem essas atividades que traz o equilíbrio e são pilares elas não são consideradas pastoras. Então o que é ser pastor? O que fazem? Devido a interpretações bíblicas fundamentalistas que reforçam uma hierarquia de gênero que promove um masculino maior que o feminino. Doneda,2017, discorre que o poder do limite se refere a controlar os impulsos expansionistas.

Porém Frederick Nietzsche:

Até agora, as mulheres foram tratadas pelos homens como pássaros que, provindos de alguma região excelsa, junto a eles se extraviaram: como algo mais delicado, mais vulnerável, mais selvagem, mais estranho, mais doce e mais cheio de alma – mas como algo que se precisa trancafiar para que não fuja voando (Nietzsche, Além de Bem e Mal, parágrafo:237a)

Mesmo sabendo que Nietzsche não é um defensor do feminino convém fazer uma reflexão da sua frase, acima citada, ele traz uma visão crítica sobre as dinâmicas de poder entre homens e mulheres. Usando a metáfora dos pássaros, ele expõe como as qualidades atribuídas às mulheres são usadas como justificativas para seu confinamento e subordinação. Sua análise revela as contradições e fraquezas da moralidade patriarcal, das relações de poder e valores que as sustentam. Nietzsche (1886) utiliza esta metáfora para expor e criticar as contradições e as limitações da moralidade patriarcal que sublinham essas atitudes. A imagem também reflete o medo de perda ou de fuga, que motiva o desejo de controlar e confinar as mulheres, questionando assim a integridade e a justiça das estruturas de poder que perpetuam essas práticas. Através dessa analogia, Nietzsche (1886) não apenas observa superficialmente

o tratamento das mulheres, mas oferece uma crítica substancial das estruturas sociais e morais que sustentam tais visões e comportamentos.

Para Marina Corrêa (2020) analisa as dinâmicas entre homens e mulheres dentro das igrejas pentecostais, como a Assembleia de Deus, onde a questão da ordenação de mulheres e o aumento de sua participação em funções de liderança representam desafios às normas eclesiais tradicionais. A autora discute como essas mudanças não apenas refletem uma transformação nas práticas religiosas, mas também indicam uma evolução nas estruturas sociais que definem os papéis. Correa (2020) sugere que tais movimentos são sinais de progresso nas lutas por igualdade e justiça, tanto dentro das comunidades religiosas (CORREA, 2020, p.157).

Segundo Coutinho, (2020), a atuação das mulheres na Assembleia de Deus discute as mudanças e resistências enfrentadas pelas mulheres na igreja. Coutinho, 2020, identifica um cenário de mudanças religiosas que começa aparecer na atuação das mulheres dentro da igreja. Apontando sinais, timidamente, de transformação, com a ordenação de mulheres em algumas nas igrejas e a crescente presença feminina em funções que anteriormente era exclusivas para o masculino. Entretanto, essas mudanças não são aceitas em todas as denominações eclesiais. Exemplo A Assembleia de Deus Madureira já ordena pastoras. Mas a Assembleia de Deus Missão que é a maior denominação ainda não ordena mulheres ao serviço pastoral. (COUTINHO, 2020, p.204).

Nesse sentido a autora destaca a importância de uma teologia que valorize a importância e a experiência das mulheres. A autora conclui que, apesar das resistências, há um movimento buscando a igualdade entre dentro do espaço da Assembleia de Deus e pelo maior acesso das mulheres à educação teológica. Ivone Gebara, 2000, diz:

Sempre se falou do “mal” como experiência comum aos homens e mulheres. Ninguém está isento desta experiência quando se vive num nível de socialização e de responsabilidade [...]. O problema que ocupará minha reflexão não é a existência do mal, mas a compreensão do mal, sua interpretação, e sobretudo o papel que esta interpretação desempenhou na história da teologia, especialmente em relação às mulheres. (GEBARA, 2000, p.17).

De acordo com Ivone Gebara, (2000), a maneira como o mal foi interpretado ao longo dos séculos executou um papel expressivo na constituição de preceitos e valores teológicos, muitas vezes desfavoráveis às mulheres. A interpretação do mal, portanto, não é apenas uma questão teológica metafísica, mas uma questão de poder e dominação. Muitas tradições

teológicas associam o feminino ao mal ou ao pecado de maneira a justificar a subordinação das mulheres. Porém, Gebara sugere que essas interpretações teológicas do mal foram usadas para fortalecer sustentações patriarcais dentro da religião e da sociedade. Ao vincular o mal diretamente às mulheres, a teologia não apenas marginalizou as mulheres, mas também criou regras sociais e religiosas de maneira a limitar suas liberdades. Gebara, em seu raciocínio sobre o mal, não apenas apresenta formas pelas quais os comentários teológicos têm prejudicado as mulheres, mas também propõe uma nova forma de compreender a teologia. Sua observação traz um insight que a questão do mal não é apenas uma preocupação metafísica ou filosófica, mas são questões implantadas nas estruturas de poder que delineam a vida das mulheres. Necessário que reconheçam o papel das mulheres na construção da espiritualidade e da sociedade.

Para Marina Correa, (2018), Além disso, parece que aceitamos este mal como desígnio de Deus, e aceitamos como destino, ou castigo pelos pecados ocultos. O pecado de sermos mulheres? Para os homens, o mal é um “fazer” que se pode, de alguma forma, “desfazer”. Mas, para as mulheres, o mal está em seu ser. Ser mulher já é um mal ou, pelo menos, um limite (CORREA, 2018, p.16.).

A autora observa como as mulheres, ao longo do tempo, foram ensinadas a aceitar certos sofrimentos e limitações como "propósitos de Deus". Essa aceitação passiva sugere uma visão patriarcal que justifica a subordinação feminina como parte de um propósito divino, não podendo ser questionado. Privando as mulheres de acreditar em seu potencial e capacidade, fazendo-as aceitar que sua posição de subordinação é inevitável e justa. Existe algum "O pecado de sermos mulheres? “o fato de ser mulher é uma falha moral.?” (CORREA,2018, p.40). Ao longo da história, as mulheres foram vistas como pecaminosas ou impuras, simplesmente por sua condição de gênero. A religião associou o feminino ao pecado original da queda do homem. A ideia de que "ser mulher já é um mal ou um limite se refere a uma crítica como as mulheres foram (e muitas vezes ainda são) percebidas na sociedade e na religião. O simples fato de ser mulher é visto como uma condição inferior, um obstáculo que deve ser superado, uma limitação das oportunidades e direitos.

As concepções patriarcais que vinculam a mulher como o ser do mal ou a limitada, revela como essas percepções foram enraizadas ao longo do tempo, perpetuando uma visão de mundo que desvaloriza e restringe as mulheres. Essas injustiças sugere a necessidade de uma nova compreensão que valorize as mulheres e não as reduza a estereótipos ou limitações impostas por uma postura tradicionalista.

4.1 – Origem do Círculo de Oração

De acordo com a tese de Gedeão Alencar, em seu livro "Matriz Pentecostal" (2013, p. 127), o Círculo de Oração nasceu em 1911, em Belém, Pará, fundado por Celina Albuquerque. Essa visão é compartilhada por Marina Correa (2013, p. 98), que também defende que o Círculo de Oração foi fundado por Celina Albuquerque. No entanto, é importante notar que (ALENCAR 2000, p. 67) também menciona que o Círculo de Oração foi fundado em 06 de março de 1942, por Albertina Bezerra Barreto, como uma iniciativa pessoal para orar pela cura de sua filha Zuleide, que estava doente.

Diante desse contexto Eliude Marques, 2001, relata:

Através da enfermidade de sua filha Zuleide, Deus utilizou para chamá-la a esta obra tão grande. A menina não andava, nem falava, segundo os médicos viveria até aos 8 anos. Com a sua fé no Médico dos Médicos, a irmã Albertina convocou algumas senhoras para orarem em favor de sua filha, sete irmãs se prontificaram e a primeira reunião de oração foi no dia 06 de março de 1942 e assim iniciou mais uma atividade na igreja o "Círculo de Oração". Nesta primeira reunião Deus fala: "É isto que eu queria que você fizesse, e por meio de tua filha realizarei uma grande obra. Para Glória de Deus e cumprimento da profecia, Zuleide cresceu, andou e viveu até os 49 anos. A escolha do nome Círculo de Oração foi colocada por causa de um folheto que ela havia lido, explicava que a oração era como um círculo nos céus. E ela falava "Vamos circular os céus com nossas Orações?" E essa obra continua a circular em todo o Brasil. O Círculo de Oração é semelhante a um exército em marcha, preparado para a guerra, sempre estamos na retaguarda, esse batalhão é composto de mulheres que em oração prepara para auxiliá-la na peleja contra o mau. A irmã Albertina cheia de fé disse: "O crente precisa constantemente buscar a Deus em oração e praticar a leitura da Bíblia, quem não faz assim fica doente e o fim é a morte espiritual." (MARQUES, 2011, p-19-25).

A origem do Círculo de Oração nas Assembleias de Deus remonta a uma comvente história pessoal, conforme narrada por Eliude Marques (2011). A iniciativa teve início com a menina Zuleide, filha de Albertina Bezerra Barreto, carinhosamente chamada de Ledinha. Zuleide enfrentava graves desafios de saúde, estando impedida de andar e falar desde cedo, e os médicos prognosticaram que ela não viveria além dos oito anos. Diante de tal adversidade, Albertina, uma mulher de profunda fé e devoção, mobilizou outras senhoras de sua igreja em Recife, no bairro de Casa Amarela, para se unirem em oração pela recuperação de sua filha. A primeira dessas reuniões de oração ocorreu em 06 de março de 1942, e contou com a presença de sete irmãs que se comprometeram a interceder pela saúde da jovem Zuleide (MARQUES, 2011, p.25).

4.2- Definição Círculo de Oração

A professora Eliude Marques, (2011), define o círculo de oração é o ministério de intercessão da igreja, liderado por mulheres, a serviço dos santos e em favor de todas as pessoas. Ela tomou como base a Bíblia Sagrada no livro de 1 Timóteo, capítulo 2, versículos de 1- 4. O círculo de oração é semelhantemente a um exército em marcha, preparado para a guerra espiritual. A igreja sabe que pode avançar contra o inimigo, pois conta com uma retaguarda composta por um batalhão de soldados que, em consagração, se prepara para auxiliá-la na peleja contra o mal. O Círculo de Oração tem sido uma obra que conduz os fiéis a uma maior intimidade com Deus e comunhão com o próximo, buscando sempre as respostas e direções em favor da família, da igreja, da pátria e das missões evangelísticas (MARQUES, 2011, p.39)

Eliude Marques, (2011) define, também, o Círculo de Oração como um ministério de intercessão, que através da oração exerce um papel, pois a oração é uma forma de comunicação direta com Deus, sendo capaz mudar situações no plano espiritual e trazer conforto no plano material. As mulheres do Círculo de Oração desempenham um importantíssimo papel na comunidade religiosa, mesmo com uma estrutura eclesial reservada aos cargos de liderança para os homens (MARQUES,2011, p.29).

Ao utilizar as passagens bíblicas tais, como 1 Timóteo 2:1-4, que exorta os fiéis a fazerem orações, intercessões e ações de graças por todos, e Efésios 6:10, que trata da "armadura de Deus" e da preparação para a batalha espiritual. Marques, (2011) legitima o Círculo de Oração dando um caráter teológico e estratégico. Ao discorrer que Círculo de Oração é um "exército em marcha" preparado para a guerra espiritual está reforçando que a oração é uma arma poderosa de poder (MARQUES, 2011, p.31).

Usando uma metáfora militar para também definir o Círculo de Oração como uma "retaguarda composta por um batalhão de soldados" Marques (2011), que se prepara para apoiar a igreja na "peleja contra o mal." Este conceito traz confiança de que, a igreja, está sendo sustentada por um grupo de mulheres dedicadas e intercessoras. Essa metáfora militar, deixa explícito a disciplina, organização e estratégia, mostrando que o Círculo de Oração não é apenas um grupo de mulheres que se reúnem apenas para orar, mas sim, também uma força organizada com intuito de executar um papel importante com eficiência e estruturação espiritual da igreja. A análise da metáfora militar que descreve o Círculo de Oração como uma "força organizada" pode ser interpretada à luz das teorias de Michel Foucault e Pierre Bourdieu, oferecendo diferentes perspectivas sobre poder, organização e controle social.

Para Michel Foucault, (2017), o poder é algo disseminado por toda parte e não se encontra apenas em instituições formais, mas nas relações sociais cotidianas. Ele descreve o poder como algo que "produz" realidades, comportamentos e saberes. Ao observar a metáfora militar aplicada ao Círculo de Oração, Foucault destacaria a disciplina e a organização do Círculo de Oração como parte de uma estratégia de controle social, onde as práticas religiosas não apenas servem para estruturar a espiritualidade, mas também para regular a conduta dos indivíduos.

O poder produz saber (...), não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (FOUCAULT, 2010, p.30).

Diante desse contexto, as mulheres do Círculo de Oração, ao aderirem à disciplina e organização, internalizam normas que são socialmente construídas, reforçando a manutenção de uma hierarquia eclesial invisível, mas eficaz. Para Pierre Bourdieu, (2022), focaria no conceito de "poder simbólico" e "habitus" para analisar essa metáfora militar. A disciplina e organização do Círculo de Oração, são formas de internalização de uma ordem social que reproduz as relações de poder dominantes. A metáfora militar reflete o "habitus" das mulheres participantes, do Círculo de Oração — uma estrutura de disposições aprendidas que molda seu comportamento e práticas de oração dentro da igreja.

O habitus são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (BOURDIEU, 1996, p. 22).

A análise das mulheres do Círculo de Oração sob a ótica do conceito de habitus, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2022) e interpretado por Rafael Benedito de Souza (2014), nos permite compreender como as estruturas sociais religiosas se internalizam e se expressam na vida dessas mulheres. Para Pierre Bourdieu (2022) o *habitus* refere-se à incorporação

inconsciente das regras, práticas e expectativas de um campo social específico no comportamento e nas disposições de um indivíduo ou grupo.

No caso das mulheres do Círculo de Oração, o *habitus* delas seria moldado pelas práticas e normas religiosas do campo evangélico, especificamente da Assembleia de Deus. Esse campo religioso possui uma estrutura hierárquica e de poder, onde as mulheres, embora tenham papéis fundamentais na condução de atividades essenciais, como intercessão, evangelização e suporte à comunidade, muitas vezes são excluídas de posições formais de liderança, como o pastorado. O conceito de *habitus*, profundamente explorado por Souza (2014), oferece uma lente valiosa para analisar a interação entre as mulheres e as estruturas religiosas em que estão inseridas. Este conceito, central na obra de Pierre Bourdieu, descreve um sistema de disposições duráveis e transponíveis que indivíduos adquirem através de suas experiências em um contexto social específico. Dentro do ambiente religioso, o *habitus* dessas mulheres é moldado pelas doutrinas, normas e valores da instituição, configurando suas percepções e influenciando suas ações no mundo (SOUZA, 2014, p.78).

Embora o *habitus* predisponha os indivíduos a agir de certas maneiras, ele não determina completamente suas ações. Como (SOUZA 2014, p. 101) discute que, as mulheres em contextos religiosos demonstram a capacidade de agir e exercer influência dentro dos limites impostos pela estrutura religiosa. Elas utilizam sua influência para adaptar, negociar e, em alguns casos, subverter as normas para criar novos espaços de atuação e influência. Por exemplo, mesmo em tradições que restringem formalmente os papéis de liderança feminina, muitas mulheres assumem papéis de destaque em atividades como educação religiosa, organização comunitária e liderança em grupos de oração. Essa dualidade do *habitus* como estrutura e agência permite que as mulheres não apenas sejam moldadas pela estrutura religiosa, mas também moldem ativamente essas estruturas em resposta a suas próprias experiências e desejos. Portanto, a análise de Souza (2014) ressalta a complexidade das dinâmicas de poder e participação feminina em contextos religiosos, ilustrando como as mulheres podem simultaneamente conformar-se e desafiar as configurações institucionais que as circundam. Este estudo é um exemplo claro de como as disposições e práticas são configuradas por, e reconfiguram, as estruturas religiosas, contribuindo para a evolução das comunidades e das instituições a que pertencem.

4.3. Estrutura Organizacional, Linguagem Própria e Vestimentas das Mulheres do Círculo de Oração.

Estrutura Organizacional

Marina Correa (2013) destaca que o Círculo de Oração representa uma das estruturas organizacionais mais tradicionais dentro das Assembleias de Deus, possuindo uma organização própria que reflete sua significativa influência na história da igreja. (CORREA,2013, p.100).

Dirigente do Círculo de Oração

A dirigente do Círculo de Oração ocupa o papel de líder principal do grupo. Suas responsabilidades incluem organizar as reuniões, definir os temas para oração, conduzir os momentos de intercessão, e atuar como uma referência espiritual para as participantes. A dirigente é geralmente uma mulher com vasta experiência na igreja, reconhecida por sua dedicação à vida de oração, sabedoria e respeito tanto na comunidade cristã quanto no local onde reside (MARQUES, 2011, p. 36).

Secretária do Círculo de Oração

A secretária é encarregada de registrar as atividades do grupo, manter a lista de pedidos de oração, os registros de presença nos encontros, e assegurar a comunicação efetiva entre as participantes e a liderança da igreja. É essencial que a secretária seja organizada, confiável e possua habilidades de comunicação adequadas para manter o grupo bem informado sobre atividades e necessidades (MARQUES, 2011, p. 36).

Intercessoras

As intercessoras são integrantes do Círculo de Oração dedicadas à oração intercessora por diversas necessidades da igreja e dos fiéis, como enfermidades, questões de trabalho, viagens e vida conjugal, entre outras. Elas formam a base espiritual do grupo, frequentemente engajando-se em jejuns e vigílias para apoiar causas emergenciais (MARQUES, 2011, p. 37).

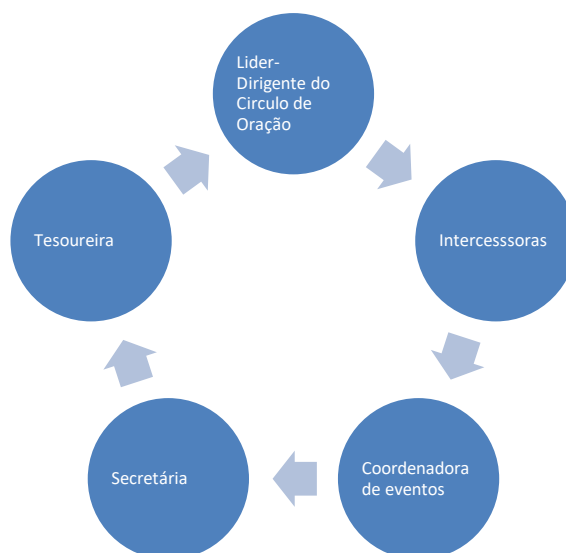
Coordenação de Eventos:

Algumas intercessoras podem ser designadas pela líder do Círculo de Oração para coordenar eventos especiais, tais como campanhas de oração, encontros de oração em massa e visitas a hospitais, presídios e asilos. Estas coordenadoras devem possuir habilidades de planejamento e execução, além de uma forte sensibilidade às necessidades espirituais do grupo (MARQUES, 2011, p. 37).

Essa estrutura não só facilita a operação eficiente do Círculo de Oração, mas também fortalece o tecido espiritual e comunitário da igreja, ressaltando o papel fundamental que estas mulheres desempenham dentro de sua congregação

Tesoureira do Círculo de Oração

A tesoureira desempenha um papel importantíssimo na gestão financeira do Círculo de Oração. Ela é responsável por coletar e registrar todos os valores monetários arrecadados durante as atividades do grupo. Uma vez registradas, estas quantias são entregues à líder do Círculo de Oração e, geralmente, destinadas à tesouraria geral da igreja. O pastor, então, utiliza esses recursos para cobrir as despesas relacionadas às festividades e outras necessidades do trabalho. Em alguns casos, dependendo do acordo estabelecido entre a liderança da igreja e a liderança do Círculo de Oração, a administração dessas contribuições pode ser mais flexível, contanto que tudo seja devidamente contabilizado. É essencial que a tesoureira seja uma pessoa confiável, com habilidades numéricas, organização e agilidade (MARQUES, 2011, p. 39). Segue abaixo o organograma do Círculo de Oração.



Fonte: www.cpad.com.br. Acesso 19.09.2024

Para Correa (2013), "Dentro dessa dinâmica, o Círculo de Oração das Mulheres das ADs é extremamente político". Como bem acentua Pierre Bourdieu, elas representam "o poder invisível" nessa denominação. Elas se relacionam muito bem entre si e, em determinadas situações, possuem mais força política do que os próprios pastores. É sabido que os assuntos políticos, amorosos e religiosos percorrem as conversas femininas sem barreiras (CORREA, 2013, p. 241).

Linguagem-Própria O Círculo de Oração desenvolveu, ao longo dos anos, uma linguagem própria que compreendida e compartilhada pelas participantes. Esta linguagem reflete tanto espiritualidade quanto a cultura inserida no Círculo de Oração (CORREA, 2013, p. 244).

Termos e expressões mais comuns: "Intercessão": O ato de orar a Deus em favor de outras pessoas. A intercessão é uma das práticas centrais do Círculo de Oração (MARQUES, 2011, P. 47). "Campanha de Oração": Um período específico, geralmente de uma semana ou mais, dedicado a orações intensivas por uma causa específica (Marques, 2011, p. 47). "Vigília": Um período de oração que se estende pela noite, geralmente das 22h até as 6h da manhã, focando em intercessão e busca espiritual (MARQUES, 2011, P. 47).

Simbologia e Práticas:

A prática do Círculo de Oração é carregada de simbolismo espiritual. A ideia de "círculo" simboliza a comunhão entre as participantes e a ligação direta com Deus. O círculo de oração também pode ser visto como um símbolo de proteção espiritual, criando uma barreira contra o mal através das orações das mulheres, intercedendo pelos membros da igreja, pelas famílias e pela sociedade. O círculo representa o compromisso contínuo com a oração, visto que as reuniões acontecem semanalmente e por longos períodos (CORREA, 2013, p. 244).

Utilizando a simbologia bíblica, as mulheres do Círculo de Oração se identificam como intercessoras, baseando-se em passagens como Efésios 6:18 ("Orai em todo o tempo no Espírito") e 1 Timóteo 2:1, que convida à intercessão por todos os homens. As orações são vistas como um ato de resistência espiritual, um "exército" em luta pela fé (BRANDT & BICKET, 2018, p. 215). Na tradição pentecostal, especialmente no contexto das Assembleias de Deus, certos símbolos e práticas associados às mulheres do Círculo de Oração carregam profundos significados espirituais e culturais. Dois desses símbolos são o coque e o manto, que possuem significados específicos na vida religiosa dessas mulheres (COSTA, 2023, p. 3). O coque é um penteado tradicional muito comum entre as mulheres pentecostais, especialmente as que participam do Círculo de Oração. Este penteado, geralmente simples e austero, simboliza dedicação e compromisso espiritual com Deus. Na perspectiva dessas mulheres, o coque representa não apenas um estilo, mas uma expressão visível de modéstia, santidade e separação do mundo secular. Adotar esse visual é uma forma de demonstrar sua entrega total a Deus e sua conformidade com os valores da igreja.

Este penteado também carrega conotações de respeito e reverência dentro do ambiente eclesial, tornando-se um emblema de pureza e consagração, associado às práticas e à postura devocional das mulheres do Círculo de Oração. O manto, no contexto do Círculo de Oração, é um termo usado para descrever um momento intenso de unção espiritual ou de forte presença do Espírito Santo durante as orações. Quando as mulheres falam de "receber o

manto", estão se referindo a uma experiência espiritual em que sentem de maneira muito clara a ação de Deus sobre suas vidas ou sobre a congregação. Esse momento é marcado por grande fervor religioso, e muitas vezes é acompanhado por expressões físicas, como lágrimas, gestos de louvor, ou até manifestações espirituais mais intensas, como orações em línguas ou visões. (relatado pela pastora Ednalva Barbosa). O manto também pode ser visto como uma simbologia da autoridade espiritual que essas mulheres, apesar de sua posição subalterna na hierarquia oficial da igreja, exercem dentro da comunidade religiosa. Durante esses momentos de intensa unção, a liderança espiritual feminina se torna evidente, uma vez que muitas delas se tornam intercessoras e intermediárias entre Deus e a congregação, fortalecendo sua presença e autoridade no ambiente de oração

Em vez de dar uma lista de regras sobre vestimenta, Paulo apela à modéstia e bom-senso das mulheres. Uma mulher cujo entendimento é baseado nos princípios das Escrituras e cujo coração é dedicado a Deus, vestir-se-á decentemente. Ela não vai procurar chamar atenção por meios carnais, pelo uso de roupas dispendiosas, fora da normalidade do ambiente ou que expõem o corpo ou suas formas. Pedro fala do espírito "manso e tranquilo" como base das roupas apropriadas. (SCHIMIDT, 2007, p. 231).

O poder Simbólico das Mulheres no Círculo de Oração é um poder simbólico essencial. Para Pierre Bourdieu, (2022). "O poder simbólico é exercido através de ações que influenciam a cultura e a sociedade, mesmo quando não há um reconhecimento oficial. Este "poder invisível", está enraizado na percepção da autoridade espiritual que essas mulheres detêm, mesmo que não ocupem cargos formais de pastoras. Suas orações são vistas como capazes de influenciar diretamente as vidas dos congregados, reforçando sua importância na vida da igreja. O Círculo de Oração é mais do que uma prática devocional; ele representa um espaço simbólico de autoridade e influência espiritual para as mulheres na Assembleia de Deus e em outras denominações pentecostais. Este espaço confere às mulheres a oportunidade de exercer sua fé e capacidade intercessora, algo que em muitos aspectos vai além de outras atividades femininas na igreja, onde prevalece a liderança masculina. Conforme assinala Gedeon Alencar 2010), "O Círculo de Oração não apenas proporciona às mulheres um lugar de atuação religiosa, mas também as legitima como figuras centrais da espiritualidade pentecostal". (ALENCAR 2010, p.65).

Fundado nos anos 1940, o Círculo de Oração se consolidou ao longo das décadas como uma "estrutura de fortalecimento e autonomia feminina" (ALENCAR, 2010, p. 68), possibilitando às mulheres um papel significativo na vida comunitária e na edificação da fé

coletiva. A liderança que as mulheres exercem dentro do Círculo de Oração demonstra sua capacidade de organização e espiritualidade, ao mesmo tempo em que desafia, ainda que de maneira sutil, as normas tradicionais que muitas vezes limitam sua participação em posições de autoridade eclesiástica. De acordo com Andrade (2015), o espaço do Círculo de Oração permite que as mulheres "redefinem seu papel dentro da igreja, reivindicando uma posição de influência que transcende as barreiras institucionais". (ANDRADE,2015, p.102). Além disso, o Círculo de Oração serve como uma "escola de formação espiritual e emocional", onde as mulheres não apenas oram, mas também compartilham experiências, preocupações e apoio mútuo, criando laços de solidariedade e reconhecimento. Gedeon Alencar (2010,) observa que "esses encontros oferecem uma estrutura alternativa de poder e uma rede de suporte que fortalece as participantes em suas vidas pessoais e comunitárias" (ALENCAR, 2010, p.72).

Por meio da oração e intercessão, o Círculo de Oração exerce também um impacto social, tornando-se um espaço onde problemas familiares, cidades e até o estado brasileiro são apresentados em súplica a Deus, fortalecendo o papel das mulheres como agentes de transformação espiritual e social. Segundo Gedeon Alencar: "embora sejam excluídas das posições oficiais de autoridade, essas mulheres criaram um sistema de influência espiritual que molda a vida da igreja" (ALENCAR, 2010, p.75). Segundo Moura (2018) destaca que o Círculo de Oração é importante porque "cria uma comunidade de fé que transcende as limitações institucionais, conferindo voz e influência às mulheres em um contexto que historicamente as marginaliza"(MOURA,2018, p.143).

Desse modo, a força do Círculo de Oração reside justamente em sua capacidade de resistir a subalternidade, mesmo que de maneira sutil, organização e comunhão espiritual, o que não apenas fortalece a fé das participantes, mas também questiona de maneira sutil as estruturas patriarcais existentes, demonstrando que as mulheres desempenham um papel indispensável na vida religiosa e na construção da comunidade cristã. As práticas desenvolvidas pelas mulheres no Círculo de Oração são diversas e envolvem um profundo comprometimento espiritual. Entre as principais atividades, destacam-se: Intercessão e Jejum: As participantes se reúnem para interceder por diferentes necessidades, como a recuperação dos enfermos, o auxílio aos necessitados, a salvação das almas e a proteção da igreja. Essas orações são frequentemente acompanhadas por períodos de jejum, uma prática espiritual que tem como propósito intensificar a comunhão com Deus, buscando respostas mais rápidas e eficazes às súplicas apresentadas (MARQUES, 2011, p. 43).

Cultos e Vigílias, Além das reuniões semanais regulares, o Círculo de Oração organiza vigílias, que podem se estender pela noite inteira. Durante essas vigílias, são entoados hinos de louvor, feitas orações e leituras das Escrituras, criando um ambiente de profunda renovação espiritual e devoção (MARQUES, 2011, p. 31). Essas práticas são consideradas essenciais no contexto do Círculo de Oração, pois promovem não apenas o fortalecimento da fé individual, mas também o apoio mútuo entre as participantes, consolidando a unidade e o propósito de intercessão em favor da comunidade e da igreja.

Visitas a Hospitais e Prisões: As mulheres do Círculo de Oração, tem a “responsabilidade” pelo o cuidado com os marginalizados e doentes, fazendo visitas e levando doações, tais como: alimentação, vestuários, etc. As mulheres visitam hospitais, prisões e lares, levando consolo e a mensagem de esperança do Evangelho. Essas ações reforçam o papel pastoral e social que as mulheres exercem, embora não tendo reconhecimento (MARQUES,2011, p.57).

Louvor e Regência Musical: No Círculo de Oração, muitas mulheres também assumem a responsabilidade de liderar corais e grupos musicais, contribuindo com seu talento para o enriquecimento das celebrações. Atuando como regentes, elas não apenas coordenam a execução musical, mas também inspiram os fiéis através do louvor, conduzindo o culto em reverência e devoção. Esse papel é de grande importância, pois, conforme Marques (2011), "a música na igreja não só enleva a alma, mas também prepara o coração dos congregantes para receberem a mensagem espiritual" (MARQUES,2011p.61). A liderança musical das mulheres, portanto, é vista como uma expressão de sua dedicação e serviço à comunidade de fé, valorizando a contribuição feminina na construção da espiritualidade coletiva.

Formação Espiritual: Outro aspecto fundamental da atuação das mulheres no Círculo de Oração é o seu papel na educação religiosa e na promoção do aprendizado bíblico. Em atividades como a Escola Bíblica Dominical, elas têm a oportunidade de orientar e instruir outras mulheres, jovens e crianças, transmitindo valores e princípios cristãos fundamentais para a edificação espiritual da comunidade. Essa formação inclui a interpretação das Escrituras e a aplicação prática dos ensinamentos bíblicos no cotidiano. Marques (2011), destaca que "as mulheres exercem um papel na preservação e no ensinamento dos valores cristãos, preparando as novas gerações para uma vida de fé e devoção" (MARQUES ,2011 p. 58). Essas práticas demonstram a ampla e significativa participação das mulheres no fortalecimento espiritual e na unidade da igreja. Através do louvor, regência e ensino, elas edificam não apenas a si mesmas, mas toda a congregação, reforçando a importância de sua atuação como líderes e

educadoras espirituais. Como observa Andrade (2015), “O Círculo de Oração torna-se um núcleo de transmissão dos princípios bíblicos e de fortalecimento da fé, onde a liderança feminina se manifesta de forma vigorosa e inspiradora” (ANDRADE, 2015, p. 93). Dessa forma, a contribuição das mulheres no Círculo de Oração transcende as atividades tradicionais, consolidando-se como um verdadeiro pilar de sustentação da vida espiritual na igreja.

4.4- Discursos e Temas Repetitivos no Círculo de Oração

Um dos elementos centrais no Círculo de Oração é o uso de temas recorrentes que guiam as orações e fortalecem a espiritualidade das participantes. Entre esses temas, destacam-se a "Batalha Espiritual" e o "Avivamento". A Batalha Espiritual refere-se ao combate contra forças malignas, sendo frequentemente mencionada durante as orações como uma luta constante para proteger a igreja e seus membros das influências do mal. Marques (2011) explica que "a batalha espiritual é entendida como um enfrentamento direto com as forças do mal, buscando proteção e vitória para a igreja, através das orações e da fé". (MARQUES, 2011, p.47). Outro tema fundamental é o Avivamento, o qual representa o anseio por um despertar espiritual na igreja, promovendo uma renovação da fé e um compromisso renovado com Deus. Esse conceito, amplamente compartilhado entre as participantes, reflete o desejo de fortalecer os laços espirituais e promover uma vida de santidade. Segundo Marques (2011), "o avivamento é visto como um mover de Deus, que traz renovação e crescimento espiritual, sendo ansiosamente buscado nas orações e súplicas do Círculo". (MARQUES, 2011, p.47).

A linguagem do Círculo de Oração, é bem definida e característica, consolidando a identidade das participantes, criando um forte senso de reconhecimento e unidade dentro do grupo. Andrade (2015), observa que "essa linguagem própria contribui para a coesão do grupo e fortalece o sentimento de comunidade e propósito compartilhado". (ANDRADE,2015, p.103).

Vestimentas e Simbolismo

As vestimentas das mulheres do Círculo de Oração são tradicionalmente modestas e carregadas de simbolismo, refletindo valores como humildade e santidade. O modo de vestir não é meramente uma escolha estética, mas expressa a espiritualidade e a devoção das participantes. Schmidt (2007) observa que "o vestuário modesto das mulheres no Círculo de Oração é um símbolo de sua consagração, sendo percebido como um testemunho visual de sua fé e compromisso com os valores cristãos". (SCHMIDT, 2007, p.231) Segundo Pierre

Bourdieu, práticas e rituais repetitivos, como os realizados pelas mulheres no Círculo de Oração, podem ser compreendidos como formas de capital simbólico, onde elementos culturais e religiosos são continuamente reforçados e legitimados. Este capital contribui para o estabelecimento de um habitus coletivo, que é o conjunto de disposições e comportamentos socialmente adquiridos e internalizados pelos membros de uma comunidade (BOURDIEU, 2022, p. 140).

No Círculo de Oração, as práticas repetitivas e visuais como a oração, o jejum e o uso de vestuário modesto são manifestações de capital simbólico que reforçam a identidade do grupo e criam uma unidade espiritual entre as participantes. Bourdieu (2022) argumenta que essas práticas não só consolidam a coesão social, mas também legitimam a posição das mulheres na comunidade, atribuindo-lhes um poder simbólico, mesmo que seja fora das esferas formais de autoridade eclesiástica (BOURDIEU, 2022, p144).

Simplicidade e Modéstia:

Roupas: As mulheres geralmente usam saias ou vestidos longos, que cobrem a maior parte do corpo, evitando qualquer roupa que seja considerada reveladora. A escolha de cores também tende a ser mais sóbria, com tons neutros e pastéis predominando. De acordo com HOLLANDER, 1960 acrescenta que as saias “(...) constam como um elemento original e puramente feminino. Desde seus começos no século XVI, nunca foram tomadas como empréstimo pelo vestuário masculino normal” (HOLLANDER 1996, p. 80). Blusas: As blusas costumam ter mangas longas ou pelo menos até os cotovelos, sem decotes profundos, refletindo a preocupação com a modéstia.

Penteado Tradicional:

O Coque: Um dos símbolos mais visíveis do Círculo de Oração é o coque, um penteado onde o cabelo é preso firmemente em um estilo que remete à seriedade e ao compromisso espiritual. Este penteado é um emblema de identidade para muitas mulheres dentro do movimento. “(...) manto de cabelo era uma dádiva pura de Deus como o tapete formado pelos lírios do campo, uma espécie de nudez substituta paradisíaca” (HOLLANDER, 1996, p. 78).

Acessórios:

Para Hollander (2010) Ausência de Joias: O uso de joias e outros adornos é geralmente mínimo ou inexistente, seguindo a tradição de evitar vaidades e excessos (HOLLANDER, 1996, p.78).

Moralidade das Mulheres do Círculo de Oração.

A moralidade é um pilar fundamental para as mulheres do Círculo de Oração, refletida tanto em sua conduta pessoal quanto em sua interação com a comunidade. A moralidade é orientada por princípios bíblicos que enfatizam pureza, santidade, e comportamento exemplar.

Pureza e Santidade:

Conduta Pessoal: As mulheres do Círculo de Oração são incentivadas a viver uma vida de pureza e santidade, evitando comportamentos que possam ser vistos como mundanos ou pecaminosos. Isso inclui evitar lugares e situações que possam comprometer seu testemunho cristão (MARQUES, 2011, p.55). A forma de falar é cuidadosa e respeitosa, evitando palavras de baixo calão ou conversas que possam ser consideradas frívolas ou desrespeitosas (MARQUES, 2011 p.55).

Comportamento Social:

Respeito e Submissão: Dentro da cultura do Círculo de Oração, há uma ênfase em respeito à liderança da igreja e aos princípios bíblicos de submissão, especialmente no contexto familiar. Há uma preocupação constante em manter um bom testemunho diante da comunidade, agindo de forma que reflita os valores cristãos em todas as áreas da vida. (MARQUES, 2011, p.55).

Serviço à Comunidade:

As mulheres do Círculo de Oração frequentemente estão envolvidas em atividades de serviço comunitário, como visitas a hospitais, apoio a famílias necessitadas, e evangelismo. Estas ações são vistas como extensões de sua moralidade e compromisso espiritual (CORREA,2013 p. 244).

Festividades do Círculo de Oração

As festividades do Círculo de Oração são momentos especiais de comunhão, celebração e renovação espiritual. Esses eventos não só fortalecem os laços dentro da comunidade, mas também servem como uma oportunidade de testemunho e evangelização (MARQUES, 2011 p.61).

Aniversário do Círculo de Oração:

Celebração Anual: Uma das festividades mais importantes é o aniversário do Círculo de Oração, celebrado anualmente. Durante esse evento, há momentos de oração intensiva, louvor, pregação e testemunhos. É comum a participação de outras igrejas e círculos de oração (CORREA, 2013 p.241).

Cada aniversário pode ter um tema específico, geralmente baseado em passagens bíblicas que refletem a missão e os valores do grupo. (MARQUES,2011, p.61). Durante o ano, o Círculo de Oração pode organizar campanhas de oração que duram semanas ou meses. Essas campanhas são dedicadas a orações por causas específicas, como cura, avivamento, ou proteção espiritual. Essas campanhas geralmente incluem períodos de jejum e vigílias, reforçando o compromisso espiritual do grupo. (CORREA,2013 p. 241).

Além das atividades espirituais, o Círculo de Oração também realiza encontros de confraternização, onde as participantes compartilham refeições e momentos de comunhão. Esses eventos ajudam a fortalecer os laços de amizade e apoio mútuo entre as mulheres. Algumas confraternizações podem incluir tardes de louvor e testemunhos, onde as participantes compartilham suas experiências de fé e as bênçãos recebidas através da oração. (MARQUES,2011 p.62)

As vestimentas, moralidade e festividades do Círculo de Oração são expressões concretas dos valores e princípios que orientam a vida das mulheres participantes. Cada aspecto, desde a maneira de vestir até a organização de eventos, reflete um compromisso profundo com a fé e a comunidade, consolidando o Círculo de Oração como uma força primordial dentro das Assembleias de Deus (CEZAR,2010). A teoria de Bourdieu (2022) revela como essas práticas e símbolos funcionam dentro do campo religioso para estabelecer e reforçar uma forma específica de poder simbólico (BOURDIEU,2022, p.22).

Habitus e Capital Simbólico dentro desse contexto do Círculo de Oração, a forma como as mulheres se veste, sua moralidade e as festividades que organizam podem ser vistas como manifestações do *habitus*, um conceito central na teoria de Bourdieu (1996). O *habitus* refere-se às disposições internalizadas, as normas e práticas que orientam o comportamento dos indivíduos dentro de um campo social específico. Essas práticas são incorporadas e reproduzidas de maneira que parecem naturais e auto evidentes para os membros do grupo.

Prossegue:

O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (BOURDIEU, 1996: p. 22)

Em suas Vestimentas e o Coque: A escolha das vestimentas modestas e o uso do coque pelas mulheres do Círculo de Oração são expressões do habitus religioso. Essas práticas não são apenas uma questão de moda, mas uma forma de demonstrar publicamente sua dedicação e compromisso com os valores do grupo da qual elas estão inseridas. A modéstia nas vestimentas e o penteado tradicional funcionam como um tipo de capital simbólico, conferindo às mulheres um status moral elevado dentro da comunidade religiosa.

Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Mas toda mulher que ora, ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é o mesmo que se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre, tosqueie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiarse ou raparse, cubra-se. (...) Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça *senal de* autoridade, por causa dos anjos. 1 Coríntios, capítulo 11, versículos 4 a 10. (I CORINTIOS, 2009, p.1484)

Parafraseando Bourdieu (2022) este capital simbólico é reconhecido e valorizado pelos outros membros do grupo, reforçando as normas e expectativas sociais sobre como uma mulher “virtuosa” e “dedicada” deve se comportar e se apresentar, para manter a coesão social e a identidade coletiva.

Moralidade e Submissão: A ênfase na moralidade, pureza, e submissão no Círculo de Oração pode ser entendida como uma internalização do poder simbólico dentro do campo religioso. Segundo Bourdieu, (2022) o poder simbólico é a capacidade de impor significados e valores como legítimos, de maneira que esses valores sejam aceitos sem questionamento

Chanlat (1996), discorre que;

Todo ser humano e toda sociedade humana produziram uma representação do mundo que lhe confere significação. A imaginação simbólica busca representar para si antes de mais nada o ausente, o imperceptível, o indescritível. Mais ou menos arbitrárias, estas representações simbólicas que calcam sua existência (CHANLAT, 1996, p.30).

A submissão às normas patriarcais dentro da igreja, é um exemplo de como o poder simbólico pode ser internalizado e reproduzido. As mulheres, do Círculo de Oração, ao adotar e promover esses valores, não apenas mantêm a estrutura existente, mas também ganham reconhecimento e prestígio dentro dessa estrutura. No entanto, este reconhecimento é paradoxal, pois reforça a sua posição subalterna.

Festividades e Ritualização:

As festividades do Círculo de Oração, como os aniversários e campanhas de oração, funcionam como rituais que reforçam as normas do grupo e fortalecem a identidade coletiva. Bourdieu (2022), argumenta que os rituais sociais desempenham um papel crucial na reprodução das estruturas sociais, pois eles consolidam as hierarquias e os sistemas de valor dentro de um grupo.

Parafraseando, Bourdieu (2022) esses eventos também são momentos em que o capital simbólico das mulheres do Círculo de Oração é explicitamente reconhecido e celebrado. Conferindo-lhes prestígio e reforçando as distinções dentro do grupo, ao mesmo tempo que reafirmam a ordem social estabelecida.

Dominação simbólica e estratégia de resistência embora as práticas descritas pareçam reforçar as normas patriarcais dentro do campo religioso. As mulheres do Círculo de Oração, ao adotarem as normas e práticas do campo religioso, podem estar utilizando uma estratégia de resistência que lhes permite operar dentro dos limites impostos, enquanto sutilmente desafiam e subvertem essas normas. O conceito de poder simbólico para Bourdieu (2012) “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2012, p.7). Através da construção de fortes redes de apoio mútuo, e solidariedade, as mulheres do Círculo de Oração criam uma base de poder que, embora sendo simbólica, tem efeitos práticos significativos. Este capital social, acumulado através da participação ativa em eventos e rituais, pode ser para influenciar decisões políticas dentro da igreja, mesmo que de maneira, sutil informal. O poder simbólico é com efeito esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 2022, p. 7-8).

Com a insistência na moralidade e na pureza, as mulheres do Círculo de Oração, ao mesmo tempo que reforça as normas patriarcais, também pode ser vista como uma forma de reivindicação de autoridade moral. Ao se apresentarem como os guardiões da moralidade e da pureza dentro da igreja, essas mulheres ocupam uma posição de poder simbólico que desafia, ainda que sutilmente, a exclusividade da autoridade masculina.

É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 2022 p. 9-10).

De acordo com Bourdieu (2022) o capital simbólico e o poder simbólico operam dentro do campo religioso para moldar as práticas e identidades das mulheres do Círculo de Oração. Essas práticas, ao mesmo tempo que reforçam a estrutura social existente, também oferecem às mulheres um espaço de resistência e trabalha dentro das limitações impostas. O Círculo de Oração, portanto, aparece como um espaço complexo onde poder e submissão, conformidade e resistência, coexistem e se entrelaçam de maneira intrincada.

De acordo com, Perissinoto, (2007) A estrutura é envolvida por uma luta simbólica que faz com que ela se apresente aos atores sociais – tanto dominados, quanto dominantes – como natural. Rosa, 2017, discorre

Essa estrutura é o poder, e o poder, assim compreendido, é um fenômeno duradouro e invisível, difícil de ser apreendido. A realidade imediata ocultaria as lutas passadas – seus vencidos e vencedores – apresentando-se aos indivíduos como óbvia e imutável. A relação de dominação, portanto, não é percebida e os dominados aderem aos valores dominantes, tidos como legítimos, como se estes fossem os únicos possíveis. O tipo de poder que observamos a partir dessa perspectiva não produz ameaças, mas o convencimento e a submissão simbólica ao estado atual das coisas (ROSA, 2017. p.11).

A linguagem própria das mulheres do Círculo de Oração, quando analisada à luz da teoria de Bourdieu (2022), pode ser entendida como um componente fundamental do *habitus* do grupo, funcionando como um meio de reforçar a coesão social e o poder simbólico dentro do campo religioso (BOURDIEU, 2022, p. 72-90). Para Bourdieu 2022 a linguagem como expressão de *habitus* é composto por disposições duráveis que orientam o comportamento e as práticas dos indivíduos dentro de um campo social específico. A linguagem, nesse sentido, não é apenas um meio de comunicação, mas uma prática social que reflete e reproduz as estruturas do poder. (BOURDIEU,2022, p.121- 170).

As mulheres do Círculo de Oração utilizam uma linguagem específica que está profundamente enraizada aos valores da comunidade religiosa. Essa linguagem inclui expressões tais: "intercessão", "vigília", "batalha espiritual", e "avivamento" (MARQUES,2011, p.25) são exemplos de como a linguagem é utilizada para definir e reforçar a identidade do grupo. Esses termos não apenas comunicam ideias, mas também carregam um peso simbólico que fortalece a coesão do grupo e estabelece uma distinção entre os membros do Círculo de Oração e aqueles fora dele. As frases como "a paz do Senhor" ou "Deus te abençoe" não são meras saudações, mas atos performativos que expressam e reafirmam o compromisso espiritual e a solidariedade dentro do grupo. Para Bourdieu, (2022) esses rituais verbais são uma forma de manter e reproduzir as relações sociais, funcionando como práticas

que reforçam o *habitus* coletivo (BOURDIEU,2020, p.60-80). Dessa feita, a linguagem das mulheres do Círculo de Oração pode ser vista como uma forma de capital simbólico. Bourdieu (2022) define capital simbólico como a forma de capital que é reconhecida e valorizada dentro de um campo social específico. No contexto do Círculo de Oração (BOURDIEU,2022, p.133-145).

Quanto a autoridade moral e espiritual seria a habilidade de usar a linguagem correta no momento correto conferindo, as mulheres do Círculo de Oração, um tipo de autoridade moral e espiritual dentro do grupo. Aquelas que dominam essa linguagem são vistos como mais "espirituais" ou "santificadas", o que lhes permite um maior capital simbólico dentro do campo religioso (BOURDIEU,2022, p.92-105). A linguagem serve para criar uma distinção entre as mulheres do Círculo de Oração e outros membros da igreja. Esta distinção não é apenas simbólica, pois estabelece, na prática, quem possui o conhecimento e a competência espiritual reconhecida pelo grupo. Para Bourdieu (2022) a linguagem também pode funcionar como um instrumento de dominação simbólica. (BOURDIEU,2022, p.121-135).

No Círculo de Oração: A linguagem usada pode, consciente ou inconscientemente, reforçar normas patriarcais, mesmo quando empregada por mulheres. O uso de certas expressões e discursos pode naturalizar a posição subalterna das mulheres dentro da hierarquia religiosa. Ao internalizar e reproduzir essa linguagem, as mulheres podem contribuir para a manutenção da ordem simbólica que as subordina. Mas também a linguagem também pode ser uma forma de resistência simbólica, ao dominar a linguagem religiosa, as mulheres do Círculo de Oração criam para si mesmas um espaço de poder dentro dos limites impostos pelo campo religioso. Elas utilizam a linguagem para afirmar sua presença e importância, mesmo que essa presença não seja reconhecida pela liderança masculina.

A linguagem própria das mulheres do Círculo de Oração, segundo a perspectiva de Bourdieu, (2022), é uma prática social que reflete e reforça as estruturas de poder dentro do campo religioso. Ela funciona como um meio de reproduzir o *habitus* coletivo, acumular capital simbólico, e, ao mesmo tempo, pode reforçar a dominação simbólica. Através do uso dessa linguagem, as mulheres do Círculo de Oração negociam seu lugar dentro da estrutura religiosa, utilizando a linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um instrumento de identidade. (BOURDIEU,2022, p. 103-115).

O Círculo de Oração conduz os fiéis a terem uma "maior intimidade com Deus e comunhão com o próximo." Essa a prática do Círculo de Oração não poder ser vista apenas como um ato de intervenção divina, mas também como um meio de tornar-se um

relacionamento mais aprofundado com a coletividade. Pois fortalece os laços entre os participantes, promovendo uma união que supera o individualismo e reforça o sentimento de pertencimento à comunidade trazendo auxílio mútuo entre os fiéis. O Círculo de Oração busca "respostas e comando, através das orações, em favor da igreja, da família, da pátria e das missões evangelísticas." Indicando que o Círculo de Oração tem um sentido amplo e está acondicionado não apenas ao bem-estar dos indivíduos, mas também as suas famílias e a nação. Refletindo uma visão abrangente da oração e suas multifacetadas onde o espiritual e material em diferentes esferas da vida se encontram e suportado pela oração intercessoria. Também as "missões evangelísticas" que é o papel do Círculo de Oração trazer à expansão da fé que é o tema central da identidade das Assembleias de Deus.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a 'domesticação dos dominados (BOURDIEU, 2022, p. 11).

Dessa feita, o Círculo de Oração não é visto apenas como um grupo de oração, mas como um ministério importante e estratégico dentro da igreja. E liderado por mulheres. Sendo uma força poderosa e organizada imprescindível para a saúde espiritual e para missão da igreja E que está baseada em fundamentos bíblicos, fortalecendo a comunhão e a fé e desempenhando um papel de poder dentro da comunidade religiosa.

-4.5- Círculo de Oração um espaço feminino para uma liderança feminina

Na Assembleia de Deus, muitas mulheres desempenham o papel de liderança, exercendo funções importantes que mantêm a ordem, a organização e o desenvolvimento espiritual da igreja. Mas essas mulheres, são invisíveis, aos olhos da instituição. Para melhor esclarecimento argumenta-se que tais mulheres estão sempre realizando várias atividades: pregam a palavra bíblica, ensinam na EBD, participam das regências musicais e até mesmo chegam a dirigir igrejas, mas nunca tem o reconhecimento adequado ou a honra devida. Usando um texto da Bíblia Sagrada, portanto, daí a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra Romanos 13:7. Essas mulheres adquirem essa honra em exercer os trabalhos eclesiais, através da dedicação e responsabilidades adquiridas. Exercendo, com maestria, as funções da igreja onde

elas se destacam em grupos de oração, aconselhamento espiritual, coordenação dos grupos da igreja e em atividades sociais.

Trazendo por exemplo o relato da mulher pioneira em liderança, nas Assembleia de Deus, Frida Vingren, discorrendo as palavras da autora Correa (2013) diz que Frida Vingren esposa de Gunnar Vingren que era considerada uma mulher talentosa e que ocupou vários cargos nas Assembleias de Deus, atuando como jornalista, compositora, escritora e em diversos cargos na igreja chegando até a dirigir igreja com o apoio do seu marido, mesmo assim nunca chegou a ser pastora (CORREA, 2013 p 240.) Segundo Gedeon Alencar (2013), suas atribuições, muitas até então reservadas apenas aos homens, desagradaram pastores brasileiros e suecos, fizeram com que ela fosse perseguida e pressionada a voltar a seu país de origem, onde teve um fim trágico.

Frida era uma mulher valente, mas não foi párea para os “cabras-machos” nordestinos em conluio com Samuel Nystron. O retorno à Suécia antes do esperado, provavelmente conseguiu acabar com seu ministério e com sua vida. Ela é a grande heroína não reconhecida da história, pois esta igreja – como quase todas tem uma historiografia que dá visibilidade apenas aos homens (...) No mundo religioso, mesmo quando uma mulher se destaca, ela não pode ser “maior” que seu marido, ainda que na prática o seja, seu caro “precisa” ser inferior ao dele (ALENCAR, 2013, p.101).

O autor descreve Frida Vingren como uma "mulher valente", enfatizando sua força e determinação em um ambiente onde a missão religiosa era e é dominada por homens. Apesar de, Frida ter exercido um papel importante na expansão do evangelho e na implantação da Assembleia de Deus no Brasil, Frida Vingren é lembrada, apenas, como a esposa de Gunnar Vingren do que como uma líder, uma pastora, uma apóstola e que tem por direito próprio. O inesperado “retorno à Suécia antes do esperado” não apenas encerrou prematuramente seu ministério contribuindo para um final trágico de sua vida (ALENCAR, 2013, p.120-140). Apesar de suas contribuições significativas, Frida Vingren não é reconhecida como uma heroína. Alencar (2013) critica a historiografia oficial da igreja, que, tende a destacar as realizações evangelísticas dos homens enquanto banir as mulheres ou colocas em papéis secundários ou de apoio. A palavra "heroína" aqui é usada com uma sátira amarga, pois o reconhecimento de Frida Vingren como uma mulher que atuou incansavelmente na obra das Assembleias de Deus, na prática, é inexistente (ALENCAR, 2013, p.130-150).

Se cada vez mais mulheres receberem uma valorização histórica de sua vida de fé, se cada vez mais mulheres são descobertas do véu da invisibilidade em que estiveram/estão sumidas, silenciadas, se cada

vez mais mulheres elaboram em palavras escritas a sua experiência religiosa, também cada vez mais o rosto da igreja muda. (GIERUS, 2002, p. 526).

Alencar (2013) traz uma crítica poderosa à maneira como as mulheres são tratadas na história religiosa e também dentro das próprias instituições religiosas. Ao destacar a pessoa de Frida Vingren, o autor não apenas expõe as injustiças sofridas por uma mulher específica, mas também levanta questões mais relevantes sobre como as mulheres são, através do sistema, marginalizadas e invisibilizadas na história da igreja. Essa crítica nos chama a reavaliar e reescrever as narrativas, reconhecendo de modo categórico as contribuições das mulheres e confrontar as estruturas de poder que continuam a mantê-las em posições subalternas "Frida Vingren, esposa de Gunnar Vingren, fundador da Assembleia de Deus, tornou-se uma das mais importantes lideranças da igreja ao longo dos 15 (quinze) anos em que esteve no Brasil. Contribuindo para a expansão do ministério no Rio de Janeiro, Frida comandava um jornal, pregava em praças públicas, lecionava em presídios e desenvolvia diversas outras atividades, demonstrando uma competência notável (ALENCAR, 2013, p.58-63). Em relação a esses talentos e realizações, Vilhena relata:

Enquanto trabalhava nos serviços sociais, não incomodou ninguém e nem foi incomodada. No entanto, ao começar a substituir seu esposo nos serviços eclesiais, nas pregações, no Ministério de Ensino e, especialmente, na redação do jornal Boa Semente, de 1919 a 1930, começaram as tensões com Samuel Nystron. Os jornais eram meios de propagação e comunicação entre o Brasil e a Suécia e entre os fiéis de doutrinas e notícias no campo brasileiro. (VILHENA, 2016, p. 33)

Parafraseando Ivone Gebara, as instituições religiosas, em sua maioria, atuam dentro de uma estrutura patriarcal que negam as mulheres a papéis de liderança. O texto de Vilhena traz uma reflexão dessa discrepância. Cabendo a mulher as funções dentro ficção da ação feminina, como os serviços sociais, nesse âmbito, ela não enfrentava resistência. Pois a cultura religiosa impõe que as mulheres são chamadas para servir.

Esse confinamento das mulheres a certas esferas de atuação é uma expressão do poder simbólico que reforçando a dominação masculina. O serviço social, por mais importante que seja, é visto como uma extensão do trabalho doméstico e dos cuidados, áreas tradicionalmente associadas ao feminino. Assim, sendo as mulheres que se mantêm dentro desses limites, de poder, não são ameaça ao patriarcado e, portanto, não enfrentam oposição. Mas a partir do momento em que a mulher começa a desenvolver papéis que são "atribuídos" ou reservados aos homens, tais como pregação, e a redação de um jornal religioso, ela passa

a uma ameaça à ordem patriarcal da igreja. Quando uma mulher começa a ocupar espaços, de poder, ela desafia diretamente as normas que sustentam a hierarquia eclesiástica dando poder ao gênero masculino e subalternidade ao gênero feminino.

As inquietações de Samuel Nystron, conforme descritas por Vilhena (2016), explicam a resistência que surge quando as mulheres se opõem a obedecer às regras criadas para manipular e impor uma classe em detrimento de um fundamento teológico sem fundamentação. Mas sim baseado na supremacia do poder do gênero masculino. Samuel Nystron, sendo um representante do poder eclesiástico masculino, vê a atuação de Frida Vingren como uma ameaça ao status masculino esse tipo reação é típico do patriarcado que se sente ameaçado em o poder. Logo tenta reprimir a mulher e amordaçar. A história Frida Vingren representa as lutas que as mulheres, dentro das instituições religiosas, enfrentam, ao tentar desafiar as normas patriarcais e ocupar espaços de poder.

Sob a ótica de Ivone Gebara, o texto de Vilhena (2016) e as complexas dinâmicas de poder que as mulheres enfrentam ao tentar ocupar espaços tradicionalmente reservados aos homens dentro das instituições religiosas. Gebara nos leva a entender que essas tensões não são apenas reações individuais, mas expressões de um sistema de poder simbólico que impõe a dominação masculina. Mas também a possibilidade para a reconfiguração do poder dentro da igreja, onde as mulheres possam ressignificar e reescrever as narrativas religiosas criando uma teologia mais equitativa. Também, de acordo com Mendes (2024), faz-se ressaltar a elegantíssima diaconisa Emília Costa, era uma mulher negra que estava à frente do seu tempo, ela foi membro da Igreja Assembleia de Deus em São Cristóvão, no Rio de Janeiro. é o fato dela ser mulher, negra e a primeira pessoa a ser consagrada pelo fundador das Assembleia de Deus no Brasil, o missionário Gunnar Vingren para o cargo de diaconisa a faz uma pessoa de grande importância. Ela também foi a primeira aluna da Escola Bíblica Dominical, em São Cristóvão no Rio de Janeiro. Emília, além de exercer o diaconato era ativa na evangelização, já que trabalhava nos cultos realizados nas cadeias públicas da cidade carioca, juntamente com Frida, a esposa de Vingren. Assim, podemos verificar que as suas atividades eclesiásticas eram realizadas dentro do espaço religioso como diaconisa, como também no espaço público através dos trabalhos de evangelização. (MENDES, 2024, p.3).

Para Gedeon Alencar (2013), “Frida fez tanto que precisou ser silenciada. Mas, no seu caso, trata-se do silêncio da História oficial, não dos hinos, artigos, poesias e jornais que compôs e escreveu. Foi sua articulação teórica que deu a se para a participação das mulheres assembleianas. Também exerceu, na prática, atividades eclesiásticas, as quais, se ainda hoje

não são bem aceitas, convenhamos que na década de 1920, seriam menos ainda (ALENCAR, 2013, p.119).

As relações de poder e dominação em contextos religiosos certamente contribuíram para a "morte" simbólica do papel de Emília Costa, tornando-a invisível na história religiosa. Segundo Foucault (2017), as estruturas de poder podem impor um "silenciamento" sobre determinados sujeitos, anulando sua presença e influência na sociedade. (FOUCAULT 2017, p. 93). Na perspectiva foucaultiana, a invisibilidade social é uma forma de dominação que priva os indivíduos de reconhecimento, o que Carlos Mendes (2024) descreve como uma "letargia social", onde a ausência de visibilidade pública leva à exclusão e à perda de relevância social (MENDES, 2024, p.51). Assim, podemos argumentar, com base na teoria de Foucault (2004), que a invisibilidade imposta pelas relações de dominação no contexto religioso "silenciou" ou "extinguiu" a importância e o reconhecimento da diaconisa Emília Costa, limitando o papel que ela desempenhou e a deixando fora da narrativa religiosa dominante (FOUCAULT ,2004, p.34). Segundo, Carlos Mendes (2024). O ministério feminino ficou no esquecimento, justamente porque a liderança das ADs no Brasil estava na responsabilidade de Samuel Nystron. Ele tinha a visibilidade do poder simbólico da autoridade literária, já que era o comentarista das *Lições Bíblicas* de Escola Dominical que circulava em todas as ADs no País, junto com as publicações do Jornal *Mensageiro da Paz* onde também era articulista, além de ser quem promoveu a primeira Escola Bíblica de Obreiros da AD em Belém do Pará e igualmente instituiu as Escolas Bíblicas da CGADB. Em vista disso, Nystron, foi quem mais presidiu a CGADB durante nove gestões (1933, 1934, 1936, 1938, 1939, 1941, 1943, 1946 e 1948), estabelecendo uma cultura de cancelamento e rejeição plena no que tange a ordenação de mulheres para os ministérios, seja para o diaconato como ao pastorado (MENDES, 2024, p.8).

Segundo Isael Araujo, (2016) “Na convenção Geral das Assembleias de Deus de 1933, realizada na AD do Rio de Janeiro, a diaconisa Emilia Costa é a única mulher brasileira que aparece na foto oficial sentada na primeira fila ao lado das missionárias suecas, provavelmente por ser reconhecida como obreira da igreja e por frequentado o evento, (ARAUJO, 2016, p 79). Convém salientar a fala do autor, que é pastor da Assembleia de Deus, que deixa claro a sua opinião com relação a esse fato. A diaconisa Emília Consta, (MENDES, 2024, p. 3).

Fala do pastor Isael Araujo, segundo Mendes 2024:

A diaconisa Emília Consta, Mendes, 2024. Numa segunda-feira do dia 06 de fevereiro de 1928, a sua separação para a função ministerial de diaconisa com a imposição de mãos do próprio Vingren (MENDES, 2024, p. 3).

A dedicação e o compromisso das mulheres que integram o Círculo de Oração são notáveis, e o reconhecimento institucional de suas atividades é não apenas necessário, mas justo. Esse reconhecimento não é questão de vaidade, mas de justiça e de preservação histórica. Essas mulheres, embora atuem em papéis informais, exercem uma liderança espiritual valiosa dentro da igreja. Como observa Gedeon Alencar (2010), "a liderança feminina no contexto pentecostal, embora muitas vezes não oficializada, é essencial para a edificação e o suporte espiritual da comunidade" (ALENCAR, 2010, p.72) O Círculo de Oração constitui um grupo exclusivamente feminino, dedicado à oração, intercessão e apoio espiritual. No entanto, a relevância dessas mulheres na vida da igreja raramente é reconhecida com a devida importância. Segundo Valéria Vilhena (2017), "o trabalho das mulheres no Círculo de Oração vai muito além das reuniões devocionais; trata-se de uma forma de ministério que abrange tanto a dimensão espiritual quanto o serviço à comunidade" (VILHENA 2017, p.85).

Essas mulheres organizam reuniões de oração, aconselham membros da igreja em busca de conforto e orientação, visitam enfermos, lares e até instituições prisionais, estendendo sua atuação ao serviço social da igreja. Além disso, atuam como modelos de fé e resiliência, inspirando a membresia a uma vida de devoção e compromisso cristão. Dessa maneira, o trabalho das mulheres do Círculo de Oração transcende o mero apoio espiritual. Conforme enfatiza Schmidt (2007), "a dedicação dessas mulheres no serviço religioso é um testemunho de fé ativa e uma expressão de sua influência na igreja, ainda que sem um reconhecimento oficial" (SCHIMIDT, 2007, p.231).

Essas atividades refletem uma verdadeira liderança, ainda que não formalizada, que molda a vida comunitária e fortalece a coesão da fé entre os membros. As mulheres na Assembleia de Deus desempenham um papel, importantes, muitas vezes preenchendo lacunas deixadas pela classe dominante da igreja. Elas são imbuídas de autoridade espiritual e organizacional, ganhando respeito e influência, da membresia e da comunidade, por meio de suas ações e dedicação. No entanto, a falta de reconhecimento oficial pode limitar seu alcance e impacto, perpetuando uma dinâmica de poder que privilegia as lideranças masculinas. Para Pierre Bourdieu, (2022,) argumenta que o poder simbólico é um poder de construção de realidade que tende estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo particularmente eficaz porque se baseia na aceitação tácita e na internalização das regras do jogo social. Esse poder não se baseia na força física ou na coerção explícita, mas na

capacidade de definir e impor significados, valores e normas, mas na percepção e na compreensão das pessoas sobre a realidade. (BOURDIEU, 2022, p.6).

O papel das Mulheres do Círculo de Oração e o espaço feminino de poder e o encontro entre a teoria e a prática religiosa fornece uma rica área de estudo, principalmente analisando sob os olhares dos teóricos Pierre Bourdieu e Michel Foucault. As teorias de Bourdieu sobre o poder simbólico e as de Foucault sobre as relações de poder e o papel das mulheres dirigentes do Círculo de Oração nas Assembleias de Deus que é uma das principais denominações pentecostais no Brasil. Traz uma compreensão mais aprofundada das posições que essas mulheres ocupam dentro de suas comunidades religiosas, destacando a relevância contínua dos teóricos, em questão, nas formas mais modernas de autoridade e influência na vida religiosa. Haja vista que para Pierre Bourdieu, o conceito de poder se baseia na legitimação e no reconhecimento tácito dos que estão subjugados por esse poder. As mulheres dirigentes do Círculo de Oração operam dentro de um espaço que por tradição valoriza mais a liderança masculina. Todavia essas líderes usam seu capital espiritual como um capital simbólico para estabelecer autoridade, embora essa autoridade seja muitas vezes ocultada através das esferas consideradas tradicionalmente 'femininas', tais como a oração e o cuidado com a comunidade tanto da igreja quanto do local onde a mesma reside.

O poder simbólico é um poder de constituir o dado pela enunciação de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo poder; quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de illocutionary force mas que se define numa relação determinada e por meio desta entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que produz e se reproduz a ordem das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2022, pg.11).

Pierre Bourdieu (2022) desenvolveu o conceito de poder simbólico como uma forma de poder silencioso que se baseia na legitimação e no reconhecimento dos que estão subjugados por esse poder. O poder simbólico, segundo ele, é "silencioso" operando de maneira invisível. Ele não se manifesta através de constrangimento ou violência explícita, mas através de certos valores, condutas e percepções que são aceitos como legítimos e pelos dominantes quanto pelos dominados. Este tipo de poder é eficaz precisamente porque é sutil e muitas vezes inanimado, o que o torna difícil de debater ou resistir. Essa "silenciosidade" do

poder simbólico significa que ele é capaz de delinear as percepções e o comportamento das pessoas de uma maneira sutil que parecendo natural e inevitável (BOURDIEU, 2022, p.181).

O poder simbólico de Pierre Bourdieu, (2022) É "silencioso" porque age através da internalização de e valores que são legitimados tanto pela classe dominante quanto pela classe dominada “(BOURDIEU, 2022, p.21). A eficácia do poder simbólico atribui na capacidade de normatizar as hierarquias sociais, tornando-as difíceis de contestar. Reconhecer a do poder simbólico, e entender o seu funcionamento abre caminhos para transformação, questionando valores que perpetuam as reorganizações das desigualas sociais. Analisando, as Mulheres do Círculo de Oração das Assembleias de Deus pela ótica Michel Foucault (2014) diriam que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo. O poder cria realidades; produzindo domínios de objetos de verdade. As mulheres no Círculo de Oração não só estão submetidas às normas de uma instituição dominada por homens, mas elas também recriam certos discursos. Por exemplo, ao liderar as orações e trabalhos sociais elas reforçam a noção de que a espiritualidade feminina é especificamente ligada ao cuidado E ao mesmo tempo, proporciona-lhes uma plataforma para negociar posições de poder dentro de suas comunidades, reinterpretando os discursos dominantes sobre o papel da mulher.

Para Michel Foucault (2014), além disso seria necessário saber até onde e exerce o poder, através de que revezamentos e até que instância, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não sabe ao certo quem o detém, mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 2014, p. 138).

Ao analisar o poder das Mulheres do Círculo de Oração das Assembleias de Deus, fica evidenciado que elas estão engajadas em uma complexidade de resistência de poder. E usando as teorias de Bourdieu e Foucault, pode-se observar que elas utilizam o poder simbólico para estabelecer sua autoridade e desorganizam os discursos dominantes. Esta análise traz uma percepção de poder e contribui para uma compreensão ampla do papel da mulher na religião. O Círculo de Oração, são reuniões de oração dirigidas por mulheres nas Assembleias de Deus, sem uma data oficial de início afirma Isael Araújo (2007). Existem duas versões sobre sua origem: a primeira relata que, em 2 de junho de 1911, antes da fundação oficial da Assembleia de Deus, Gunnar Vingren organizou encontros de oração na casa de uma mulher chamada Celina Albuquerque, onde já se reuniam frequentemente para orar. Esse período resultou em sua cura milagrosa e na subsequente busca pelo batismo com o Espírito

Santo. Após a fundação da igreja, esses encontros de oração passaram a ser promovidos com mais frequência, atraindo novos fiéis. Essa versão também é defendida por (CORREA 2013, p. 240).

No diário do Pioneiro de Gunnar Vingren, (2000):

Durante aquela semana realizávamos cultos de oração todos as noites na casa de uma irmã que tinha uma enfermidade incurável nos lábios. Ela não podia assistir aos cultos na igreja. A primeira coisa que fiz foi perguntar-lhe se cria que Jesus podia curá-la. Ela respondeu que sim. Dissemos-lhe que então deixasse de lado os remédios que estava tomando. Oramos por ela e o senhor Jesus a curou completamente. Nos cultos de oração que se seguiram, aquela irmã começou buscar o batismo com o Espírito Santo. O seu nome era Celina Albuquerque. Na quinta-feira, depois do culto, ela continuou orando em sua casa, juntamente com outra irmã. A uma hora da madrugada a irmã Celina começou a falar em novas línguas, e continuou falando durante duas horas. Foi, portanto a primeira operação de batismo com Espírito Santo feita pelo Senhor Jesus em terras brasileiras (VINGREN, 2000 p 47).

A segunda versão, mais conhecida, é que no dia 6 de março de 1942, em Recife, onde Albertina Bezerra Barreto iniciou orações semanais juntamente com outras mulheres pela cura de sua filha Zuleide, que havia sido desenganada pelos médicos que lhes deram apenas oito anos de vida. Diante desses fatos, a Albertina Albuquerque convidou as irmãs da igreja, que residia no bairro em Recife, chamado Casa Amarela para ajudá-la em oração e durante uma vez por semana elas se reuniam e oram incansavelmente pela menina Ledinha, como era conhecida a filha de Albertina, começou a andar e articular as primeiras palavras, foram às irmãs que fizeram parte: Cecita Colaço, Malphara Bezerra, Maria do Carmo, Antônia Viegas, Ana de Souza, Otávia Pessoa e Maria José. Dando início uma nova e marcante atividade na igreja ADs. O Círculo de Oração. Mas as mulheres não pararam, as orações depois da cura recebida, antes, continuaram a orar uma vez por semana na Congregação da Assembleia de Deus, no bairro Casa Amarela. Albertina escolheu o nome Círculo de Oração porque leu em um folheto que recebera e dizia que a oração era como círculos nos céus. O folheto dizia “Vamos circular os céus com as nossas orações. ARAÚJO, 2017, p.152. Albertina liderou o Círculo de Oração por 14 anos, expandindo-o nacional e internacionalmente, incluindo ações sociais como arrecadação de fundos para pastores (PAIXÃO, 2021, p. 2-3).

Com o tempo, o Círculo de Oração se expandiu para outras congregações da Assembleia de Deus no Brasil, tornando-se uma prática comum em muitas igrejas evangélicas.

O objetivo era reunir as mulheres da igreja para orar, cantar, estudar a Bíblia e compartilhar suas experiências de vida e fé. Atualmente, o Círculo de Oração está presente em todas as igrejas Assembleia de Deus no Brasil. O movimento, que se expandiu rapidamente pelas congregações de Recife, alcançou todo o território nacional e também outros países, como Argentina, Estados Unidos, Japão, diversos países da África, Venezuela, entre outros. Hoje, é uma das principais atividades desenvolvidas pelas mulheres, nas igrejas, evangélicas, principalmente as Assembleia de Deus (ARAUJO, 2007, p.105).

Sendo a expansão do Círculo de Oração de responsabilidade das mulheres dentro da Assembleia de Deus e nessa história a figura de Albertina Albuquerque foi fundamental e os resultados trazidos por este grupo como as notícias de curas, consideradas dons espirituais conferidos a pessoas batizadas com o Espírito Santo foram fundamentais para que estas mulheres obtivessem o reconhecimento na comunidade religiosa, de modo geral, com ênfase os pastores (SANTOS, 2020, p. 111).

O Círculo de Oração é um dos ministérios mais significativos para as mulheres na Assembleia de Deus. Este grupo, exclusivamente feminino, é um espaço onde as mulheres se reúnem regularmente para orar, interceder pelos membros da igreja e pela comunidade, além de fortalecer os laços de comunhão entre suas participantes. A estrutura do Círculo de Oração é organizada de forma a maximizar a participação e o envolvimento das mulheres, incluindo líderes que coordenam as atividades e incentivam a participação ativa (CORREA, 2013, p.83).

A Estrutura e Funcionamento dos Círculo de Oração da Assembleia de Deus é basicamente liderado e composto por mulheres, com uma organização hierárquica clara. Sendo o seu culto (Círculo de Oração) totalmente dirigido por mulheres, que pregam, cantam, oram e dão depoimentos de vitórias alcançadas para outras mulheres que são as participantes. Diferente dos cultos tradicionais, suas atividades não ocorrem no púlpito, espaço reservado à liderança masculina oficial da igreja, os homens do presbitério, mas sim no piso abaixo do púlpito. Dificilmente, as mulheres convidam algum obreiro ou o pastor para pregar nos cultos do CO e nos “cultos dos lares,” as mulheres tem seu próprio ritmo de atividades, assumindo, mesmo que informal, algumas responsabilidades pastorais, como o aconselhamento e a visita aos enfermos (BRITO, 2019, p. 50; SANTOS, 2020, p. 112).

As atividades do Círculo de Oração vão muito além de simples reuniões de oração. As mulheres que integram esse grupo dedicam-se ao jejum e à intercessão, visitam os enfermos em suas casas e hospitais, apoiam a obra missionária e desempenham um papel fundamental no trabalho social da igreja. Essas tarefas exigem uma entrega e compromisso

que refletem a força espiritual e a resiliência dessas participantes. Segundo Marina Correa (2013), “o Círculo de Oração se torna um espaço de poder simbólico para as mulheres, onde elas não apenas expressam sua fé, mas também atuam em prol da comunidade, assumindo responsabilidades que vão além das atividades litúrgicas”. (CORREA, 2013, p.240)

Diante de tantas tarefas atribuídas às mulheres, surge a pergunta inevitável: o que fazem os homens? Essa questão reflete uma crítica recorrente à divisão de papéis nas Assembleias de Deus e em outras igrejas pentecostais, onde, apesar da contribuição essencial das mulheres, a liderança eclesiástica formal ainda é predominantemente masculina. Como aponta Marina Corrêa (2013), "embora as mulheres sustentem muitas das atividades espirituais e sociais da igreja, seu reconhecimento institucional continua limitado, evidenciando a necessidade de uma reflexão sobre o papel e a valorização da liderança feminina"(CORREA 2013, p. 245), Assim, a organização do Círculo de Oração demonstra uma dinâmica em que as mulheres, através de suas ações, tornam-se as verdadeiras alicerces do trabalho espiritual e social da igreja, assumindo um papel que, embora fundamental, muitas vezes permanece na sombra da estrutura eclesiástica patriarcal. A liderança no Círculo de Oração é majoritariamente formada pelas esposas de pastores, que frequentemente passam o cargo para suas filhas, demonstrando a influência do patriarcalismo nas relações internas do grupo. A esposa do pastor presidente do campo é a responsável pelo Círculo de Oração na sede, enquanto as esposas dos pastores auxiliares lideram os grupos das congregações. Cada uma dessas líderes tem o apoio de três outras "irmãs", escolhidas como dirigentes, que nem sempre são, também esposas dos obreiros da congregação ou uma mulher viúva ou de grande confiança (SANTOS, 2020, p. 112).

As reuniões do Círculo de Oração, que acontecem semanalmente, incluem momentos de oração intercessora, pregações bíblicas, cânticos de louvor e testemunhos. Este ministério feminino é fundamental para a vida espiritual da igreja, pois as orações são vistas como um meio de interceder por diversas áreas da vida dos fiéis, desde problemas pessoais até questões comunitárias. A matrícula das mulheres no grupo é essencial para manter o controle e a organização (SANTOS, 2020, p. 112). As líderes do Círculo de Oração são imprescindíveis, pois, elas desempenham um papel importantíssimo. Elas não apenas organizam e dirigem as reuniões, mas também servem como modelos de fé e perseverança para as demais participantes. Estas líderes ajudam a fortalecer a fé e a resiliência das participantes, promovendo um ambiente de apoio e crescimento espiritual. Além disso, têm um papel fundamental na identificação e desenvolvimento de novos talentos e habilidades dentre as

mulheres da igreja, encorajando outras a assumirem responsabilidades dentro do grupo, e promovendo um ciclo de liderança e aprendizado contínuo (CORREA,2013, p 241.)

A importância do Círculo de Oração na vida da Assembleia de Deus é profunda. As atividades do grupo ajudam a manter uma atmosfera de oração constante que é fundamental para a harmonia espiritual da igreja. É no círculo de oração que se intercede pelas necessidades dos membros e da comunidade criando um senso de unidade e propósito, compartilhado, fortalecendo os vínculos entre as mulheres participantes e a igreja como um todo (SANTOS, 2020, p. 114.) As reuniões do Círculo de Oração também são um espaço onde as mulheres podem expressar e aprofundar sua fé de maneira significativa (SANTOS,2020, p.114). Elas testemunham suas histórias de vida compartilhando nas reuniões e servindo de encorajamento e como fontes de inspiração, mostrando o poder transformador da fé e da oração. Este compartilhamento de experiências pessoais fortalece as demais mulheres e promovem um ambiente de apoio e crescimento mútuo (SANTOS, 2020, p. 114).

Apesar da sua significativa contribuição, a liderança feminina enfrenta desafios de reconhecimento dentro da hierarquia da igreja, dominada por homens. O Círculo de Oração evidencia o papel essencial das mulheres na vida espiritual da igreja. No entanto, a trajetória de muitas mulheres líderes, do círculo de oração não está isenta de obstáculos. Marina Correa, (2013), argumenta em sua pesquisa que, embora as mulheres estejam à frente de muitas atividades fundamentais na Assembleia de Deus, seu reconhecimento oficial dentro da estrutura hierárquica da igreja é limitado (CORREA, 2013, p.42).

Dentro desse contexto a autora define que é difícil imaginar que, mesmo com todo o trabalho denso realizado pela missionária Frida Vingren, mulher do fundador da Assembleia de Deus e detentora de grandes talentos... mesmo assim ainda hoje, as mulheres não disponham de discurso mais visíveis. Em outras palavras, pode-se afirmar que sobre as relações de poder em um espaço ocupado majoritariamente pelas mulheres, há sempre uma sombra de um homem, o pastor, líder masculino dominador do poder. O Círculo de Oração representa um pilar de poder invisível dentro da denominação Assembleia de Deus (ALENCAR, 2013, p.219)

Em concordância e parafraseando, Alencar, (2013), atualmente, a religião, que não é mais hegemônica nem estritamente étnica, tornou-se uma opção individual ou uma escolha de determinados grupos. Desse modo, a disciplina religiosa precisa "encontrar obediência (...) entre uma pluralidade de pessoas". Diferente de uma época de dominação homogênea étnica

e religiosa, vivemos agora em uma era caracterizada pela multiplicidade de valores heterogêneos, pluralidade de religiões e diversos conceitos éticos (ALENCAR,2013, p.233).

O poder religioso, varia das outras formas de poder, tais: econômico, político etc. O poder simbólico, se assemelha no seu campo de jurisdição ao poder político. George Balandier, chega vê-lo como “uma das dimensões do campo político”. Sendo a religião um “instrumento de poder” (BALANDIER,1969; p.109). Dessa maneira, a religião é um dos meios, estrategicamente, usado, no quadro político para exercer domínio. Ainda de acordo com Alencar (2013) as relações de gênero na Assembleia de Deus refletem uma dinâmica de poder que marginaliza a liderança feminina. O trabalho das mulheres é frequentemente visto como uma extensão de suas responsabilidades domésticas, e sua contribuição é minimizada quando comparada à dos homens. Isso perpetua uma cultura de subordinação, onde o valor e a autoridade das mulheres são constantemente questionados e desvalorizados (ALENCAR,2013 p. 97.)

Para Alencar (2013):

A mulher, além da proibição que sobre ela recai, de participar dos rituais sagrados, fica relegada ao profano, por participar – espontânea obrigatoriamente apenas do aspecto rotineiro da vida. Coincidência? Será que isso é algo aleatório ou coincidente? Ao contrário excepcionalmente intencional em sua capacidade proibitiva de delimitação; serve de amarra para o “bem-estar social” e o “bom” funcionamento das estruturas sociais. O difícil é determinar, exatamente, todas as suas implicações (ALENCAR,2013, p. 98).

Apesar dessas dificuldades, as mulheres do Círculo de Oração continuam exercendo uma influência significativa dentro da igreja. Mantendo a chama da fé acesa através de suas atividades espirituais, mas também desafiam as normas estabelecidas de maneira silenciosa buscando maior reconhecimento e igualdade. O Círculo de Oração é uma a força das mulheres que se manifesta em suas ações cotidianas e na sua luta por um espaço de maior respeito e valorização dentro da Assembleia de Deus (PAIXÃO, 2021, p. 9-11).

A violência simbólica é exercida de forma invisível moldando as práticas e condutas das pessoas. De acordo com Godinho, essa forma de violência que se fundamenta na construção recorrente de valores, regras e normas de conduta, induzindo as pessoas a se comportarem conforme os critérios estabelecidos pela estrutura patriarcal dominante. No contexto da violência contra as mulheres, isso se manifesta em comportamentos e expectativas sociais que naturalizam a subordinação feminina, em todos os espaços (GODINHO, 2020, p.9 - 11).

A violência simbólica, embora sutil, impõe uma autoridade invisível que justifica preconceitos e práticas de dominação, levando a vítima a internalizar e aceitar essas imposições sem questionamento, se tornando cúmplices involuntárias de sua própria opressão (GODINHO, 2020). Com esse contexto, a violência simbólica é exercida sobre as mulheres, fazendo com que elas sejam vistas naturalmente como inferiorizadas ou submissas em discursos e ações dos homens (GODINHO, 2020, p. 12-15).

No contexto religioso o patriarcado persistente esse manifesta na extensão dos serviços domésticos para a igreja, onde as mulheres são bem-vindas enquanto se ocupam com tarefas que não exerçam poder. Mas tornam-se “perigosas” se contestam esses papéis. As mulheres que convivem nesse contexto frequentemente enfrentam uma jornada tripla de trabalho, não reconhecida e não remunerada, sendo consideradas como voluntárias. A divisão do trabalho é organizada por princípios de separação e hierarquização, onde o trabalho masculino é mais valorizado (QUIRINO, 2015, p. 229). A situação vivida pelas mulheres, especialmente em um contexto religioso, exemplifica a violência simbólica exercida sobre elas, legitimada pela estrutura patriarcal dominante. A teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu explica que esse poder é um tipo de força invisível, exercida de forma que as pessoas não percebem a violência simbólica que sofrem. Esse poder é aceito e legitimado pelas próprias pessoas afetadas, sem que reconheçam a opressão q. Ele se manifesta através de símbolos estabelecidos pela classe dominante, como a linguagem, a arte e a ciência (DIANTEILL, 2003, p. 30-42). De acordo com Pierre Bourdieu (1998) ele afirma que o poder simbólico é um poder subordinado, ou seja, um modo transformado de poder e sendo muitas das vezes, irreconhecível, fazendo dele um poder diferenciado, não deixando de ser uma maneira transfigurada e legitimada. Para o autor, esse tipo de poder existe “porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (BOURDIEU, 1998; p.188).

As relações de gênero dentro das Assembleia de Deus refletem as desigualdades presentes na sociedade brasileira e latino-americana (VILHENA, 2016, p. 120). Desde a fundação do Círculo de Oração, anterior à própria fundação da igreja, as mulheres desempenham papéis importantes. Michele Santos, (2020). No entanto, seu reconhecimento é limitado. Embora, hoje já existindo algumas conquistas, a maioria das mulheres continua ignorada e não reconhecida, apesar de ocupar cargos equivalentes aos dos homens. Gedeon Alencar ressalta que, em Atos dos Apóstolos, as mulheres receberam o Espírito Santo simultaneamente aos homens. Contudo, essas mulheres que proclamam a mensagem e constroem templos não são lembradas na oficialização dos templos e na história

denominacional (ALENCAR, 2012, p. 94). De modo geral, as mulheres brasileiras enfrentam uma estrutura patriarcal violenta que onde os papéis de mulher somente como: mãe e esposa. Nesse contexto, não convém nesse trabalho discutir esses papéis, mas sim, enfatizar que a mulher também tem a capacidade de assumir o papel de liderança. Apesar dos avanços significativos no reconhecimento dos direitos das mulheres, a estrutura patriarcal ainda destina às mulheres funções associadas ao ambiente aos domésticos e familiares, limitando sua participação igualitária na sociedade. Essa conduta perpetua a visão que a mulher é incapaz de ocupar espaços de liderança, e a divisão do trabalho continua a desvalorizar o trabalho feminino em relação ao masculino, reafirmando a hegemonia patriarcal. As responsabilidades e expectativas atribuídas às mulheres, mantêm sua posição subalterna e dificultam sua emancipação plena na sociedade contemporânea (PEREIRA, 2019, p.10).

Parafraseando, Max Weber (2004) o Conceito de poder tem grande amplitude, não podendo atribuir a ele uma única definição. De acordo com Marx Weber, o conceito de poder é como uma "Teia de Relações" comparável a uma teia de aranha onde os pontos se encontram formando um todo e representando o todo da teia. Ou seja, cada indivíduo se relaciona com outro, num processo de influência positiva, para um "bom funcionamento da sociedade". (WEBER, 2004 p.32-33). Esta relação de poder existe em toda relação social. Sendo assim, o poder é um conceito genérico não podendo atribuir a ele uma definição, enquanto a dominação é um conceito mais específico. Segundo Marx Weber, o poder é "Sociologicamente Amorfo" (WEBER, 2004; p 33). Por esse motivo possibilita empregá-lo em diversas circunstâncias, inclusive na religião e seu campo religioso. Deve-se ressaltar que no pensamento de Marx Weber, o poder se difere de dominação, pois a dominação é um estado de coisas pela qual uma vontade "manifestada" do dominador influência sobre os atos de outros em que o predomínio da vontade de um sobre o outro se dá em uma relação de mando e obediência. (WEBER, 2004, p. 33). O poder religioso, varia das outras formas de poder, tais: econômico, político etc. Dessa maneira, a religião é um dos meios, estrategicamente, usado, no quadro político para exercer domínio. Todavia, o poder simbólico, se assemelha no seu campo de jurisdição ao poder político. George Balandier, chega vê-lo como "uma das dimensões do campo político". Sendo a religião um "instrumento de poder" (BALANDIER,1969; p.109).

Para Gedeon Alencar (2013), assim sendo, a dominação e o poder têm três características: Carismático, onde a obediência se dá pelo carisma do líder, tradicional em que se obedece a tradição e a Racional Legal em que a obediência é fruto de normas estabelecidas de forma legal, racional e burocrática. Sintetizando a interferência do poder simbólico é

preciso considerar a religião e a Igreja como um poder indissociável com o estado de poder Tradicional e o Racional Legal. (ALENCAR 2013, p.52). Assim sendo, o Círculo de Oração é estado de poder Carismático. É preciso analisar o “poder”, que as mulheres do Círculo de Oração possuem. Já que o poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possui; ele torna-se uma maquinaria onde ninguém é titular. Nessa máquina ninguém ocupa o mesmo lugar; alguns lugares são preponderantes e permitem produzir efeitos de supremacia. De modo que eles podem assegurar uma dominação de classe. Observa-se que o Círculo de Oração possui esse efeito, resta saber até que ponto os pastores tem avaliado essa dimensão de “poder”. Haja vista, que para alguns é apenas uma reunião de mulheres, sem nome e sem rosto. Será? (CORREA, 2013, p.42).

[...] O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1972, p. 183).

Diante do exposto e parafraseando Silva (2017): proibidas de exercerem o ministério pastoral, as mulheres “reformadas” não se contentaram com o seu papel de fieis na igreja. Já que o poder está nas mãos dos homens, o Círculo de Oração, passa a ser o poder simbólico e legal das mulheres da Assembleia de Deus. Sendo assim, disputado entre a classe feminina.

A dinâmica de poder no do Círculo de Oração das Assembleias de Deus, exerce uma influência significativa tanto na esfera religiosa quanto na comunitária. Essa influência, a autora, retrata como um "poder invisível", uma vez que opera de maneira não evidente, mas eficaz, na estruturação e no suporte da comunidade religiosa (CORREA,2012 p. 240). Marina Correa (2012) ao analisar o papel das mulheres na Assembleia de Deus observa embora não sejam reconhecidas oficialmente como líderes, desempenham um papel importante nas atividades eclesiais e no suporte espiritual e logístico dos pastores e da comunidade. Marina Correa, descreve as mulheres do Círculo de Oração como "pescoços" que sustentam e direcionam "as cabeças", ou seja, os maridos e pastores, em muitas decisões importantes dentro da igreja. (CORREA, 2016, p.240). Michel Foucault, ao discutir as relações de poder, o poder não se limita ao topo da pirâmide hierárquica, mas se infiltra nas minúcias das relações sociais, sugerindo que eles estão por toda parte, não localizadas, apenas, em uma instituição

ou pessoa, mas disseminadas através das interações sociais (FOUCAULT, 2000, p.6). Foucault rompe com a visão clássica do poder, como algo centralizado e verticalizado, nas mãos de um soberano ou líder oficial. Já Ferreirinha, 2010 em sua perspectiva, o poder não é uma substância que se possui, mas sim uma relação de forças em constante mutação, presente em todas as esferas da vida social (FERREIRINHA, RAITZ, 2010).

O conceito de poder segundo Michel Foucault, (2017) é descentralizado e disseminado, divergindo das concepções tradicionais que se concentram em figuras de autoridade ou em estruturas hierárquicas bem definidas. Para Foucault, o poder é essencialmente produtivo, influenciando o conhecimento, os discursos e as verdades, e está profundamente enraizado na maneira como as pessoas são governadas e na forma como governam a si mesmas (SANTOS, 2016, p. 270). O poder se revela nas interações diárias e nos detalhes sutis das relações entre indivíduos. É neste contexto que emergem as "tecnologias de poder", estratégias difusas que efetivamente moldam comportamentos, valores e identidades pessoais (CASSIANO, 2016). Para Michel Foucault, (2017) o poder é algo que não apenas reprime, mas também produz realidades, conhecimentos e discursos. As relações de poder, segundo Foucault, são dinâmicas e estão presentes em todos os níveis da sociedade, desde as estruturas familiares até as instituições estatais, influenciando a forma como as pessoas se interagem umas com as outras (SANTOS, 2016, p. 270).

Observa-se que o conceito de poder no Círculo de Oração não pode ser compreendido de maneira unilateral, uma vez que se manifesta na prática como um fenômeno complexo e multifacetado. Este envolve a manipulação sutil, porém eficaz, de influências sociais e espirituais, que são exercidas pelas mulheres de oração em ambientes predominantemente masculinos e hierarquicamente estruturados (CEZAR, 2010, p. 78-80).

Nesse contexto, é fundamental reconhecer o papel estratégico que as mulheres desempenham no Círculo de Oração, onde, apesar de enfrentarem barreiras patriarcais, conseguem exercer uma influência significativa sobre a comunidade. Essa influência se manifesta por meio de práticas espirituais, como a oração, o testemunho e a liderança informal, que permitem às mulheres estabelecer relações de confiança e autoridade dentro da comunidade (SILVA, 2022, p. 145-148).

Além disso, a análise do papel das mulheres no Círculo de Oração revela uma dinâmica de poder que transcende a estrutura formal da organização. As mulheres desenvolvem estratégias de resistência e adaptação para superar as barreiras impostas pelo contexto patriarcal, criando "brechas" e espaços de autonomia dentro da instituição

(BANDINI, 2015, p. 120-125). Portanto, é essencial considerar o poder no Círculo de Oração como um conceito relacional e contextual, que envolve a interação entre fatores sociais, espirituais e culturais. Somente assim podemos compreender a complexidade do papel das mulheres de oração em ambientes predominantemente masculinos e hierarquicamente estruturados. O impacto das mulheres do Círculo de Oração é profundo e abrangente. Elas são conhecidas por organizar campanhas de oração que resultam em curas, libertações e milagres, fortalecendo a fé da comunidade. Suas ações não apenas beneficiam os membros da igreja, mas também alcançam a comunidade em geral, através de atividades sociais e evangelísticas (CORREA, 2012, p. 239).

Segundo Brandini (2015) evidencia que, mesmo em um contexto religioso tradicionalmente dominado por homens, as mulheres encontram formas de erradicar suas presenças. Elas utilizam sua espiritualidade mística a fim de organizar e criar espaços onde podem exercer poder e influenciar a comunidade. Um exemplo é a irmã Maria das Graças, que tem quarenta anos de Círculo de Oração, na Assembleia de Deus, no estado da Bahia. e desenvolve um papel equilibrando expectativas sociais e familiares, e exercendo o poder invisivelmente com outras mulheres, que as obedecem sem perceber e sem sentir. "Apesar dos desafios significativos impostos pela resistência institucional à ordenação pastoral feminina e pelas limitações comunitárias em seu papel na igreja, as mulheres na Assembleia de Deus empregam estratégias eficazes para superar essas barreiras. Utilizando-se da espiritualidade mística e moral, elas adquirem uma forma de autoridade que lhes permite circular em todas as esferas de poder da igreja sem enfrentar resistência. A trajetória de Frida Vingren é um exemplo inspirador dessa autoridade feminina. Apesar das barreiras sociais e institucionais, ela conseguiu exercer uma influência significativa na história da igreja. Essa estratégia permitiu que ela e outras mulheres exercessem visibilidade e autoridade em um contexto patriarcal. Essa análise destaca a importância da espiritualidade feminina como uma forma de luta e reconhecimento nas igrejas evangélicas. Além disso, sugere que a autoridade feminina pode ser exercida de maneira eficaz, mesmo em contextos onde as mulheres enfrentam desafios significativos." (BRANDINI, 2015, p. 114-118).

. De acordo com Bandini (2015), a resistência e a criação de brechas por Frida Vingren e inúmeras outras mulheres na Assembleia de Deus ao longo da história foram fundamentais para criar mecanismos importantes de poder e transformação. Essas mulheres, apesar de enfrentarem discriminações e exclusões dentro da estrutura patriarcal da igreja, não se renderam. Pelo contrário, desenvolveram estratégias resilientes para superar esses

obstáculos. BANDINI (2015, p. 120-125) As "brechas" mencionadas por Bandini (2015) se referem às diversas formas de adaptação que as mulheres missionárias da Assembleia de Deus utilizam para enfrentar e superar as barreiras impostas pelo contexto religioso patriarcal. Isso inclui: - Criação de grupo de apoio e solidariedade entre mulheres; - Desenvolvimento de liderança informal; - Uso da espiritualidade como uma forma de autoridade feminina. - Estabelecimento de parcerias estratégicas com outros grupos. Frida Vingren e muitas outras mulheres na Assembleia de Deus demonstraram resiliência e engenhosidade ao criar essas "brechas" e estratégias para superar as barreiras impostas pelo contexto religioso patriarcal. Suas ações inspiram e motivam outras mulheres a seguir seus passos.

4.5.1. O Círculo de Oração como espaço de poder das mulheres na Assembleia de Deus.

Para compreender o papel das mulheres no Círculo de Oração e o espaço feminino de poder em comunidades religiosas, esta análise lança mão das teorias de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Ivone Gebara. Essa investigação baseia-se em 15 entrevistas estruturadas com mulheres participantes do Círculo de Oração, identificadas simbolicamente como Frida 1 a 15, em homenagem à influente figura feminina da Assembleia de Deus, Frida Vingren. Por meio dessas entrevistas, buscamos aprofundar o entendimento das vivências e percepções dessas mulheres, relacionando-as com os conceitos de Bourdieu, Foucault e Gebara, e investigando como as estruturas sociais e religiosas influenciam suas práticas e perspectivas.

Ao relacionar as entrevistas das participantes do Círculo de Oração, identificadas como Frida 1 a Frida 15, com as teorias de Pierre Bourdieu e Michel Foucault, observamos como essas mulheres navegam por estruturas de poder que não apenas as subjugam, mas que também permitem que elas exerçam uma forma de autoridade sutil e significativa.

4.5.2 A Atuação das Mulheres do Círculo de Oração como Capital Simbólico.

As teorias de Bourdieu sobre o poder simbólico e as de Foucault sobre as relações de poder e o papel das mulheres dirigentes do Círculo de Oração nas Assembleias de Deus que é uma das principais denominações pentecostais no Brasil. Traz uma compreensão mais aprofundada das posições que essas mulheres ocupam dentro de suas comunidades religiosas, destacando a relevância contínua dos teóricos, em questão, nas formas mais modernas de autoridade e influência na vida religiosa. Haja vista que para Pierre Bourdieu, o conceito de poder se baseia na legitimação e no reconhecimento tácito dos que estão subjugados por esse poder.

Bourdieu argumenta que as práticas sociais são moldadas por um *habitus* — um sistema de disposições internalizadas que orienta as ações dos indivíduos. As entrevistas com Frida 1, Frida 3 e Frida 6 evidenciam como o Círculo de Oração molda e é moldado pelo *habitus* das participantes, influenciando seu comportamento e a forma como percebem seu papel na igreja. Frida 1 destacou a importância do apoio mútuo e da união entre as mulheres como elementos cruciais para a permanência e coesão do grupo, ressaltando a criação de um *habitus* que valoriza a solidariedade e a liderança espiritual.

As narrativas de Frida 4 e Frida 7 mostram como o capital simbólico que as mulheres acumulam por meio de sua dedicação e experiência no Círculo de Oração é essencial para o reconhecimento de sua autoridade dentro da comunidade. Frida 7 mencionou que, mesmo sem possuir um título formal de liderança, sua influência e respeito foram conquistados por anos de serviço e oração. Esse tipo de capital, conforme Bourdieu, se manifesta de maneira invisível, mas é altamente eficaz. A prática religiosa contínua dessas mulheres e sua presença constante nas atividades da igreja reforçam o *habitus* coletivo, solidificando normas e práticas que parecem naturais e incontestáveis. Esse processo de internalização das práticas religiosas legitima a autoridade das mulheres, mesmo que informalmente, refletindo a capacidade do poder simbólico de estabelecer e manter hierarquias sociais.

O capital simbólico e social, conceitos centrais em Bourdieu, também emergem nas respostas de Frida 5 e Frida 10, que mencionaram como a participação e a liderança no Círculo de Oração conferem reconhecimento e legitimidade tanto entre as mulheres quanto na comunidade em geral. Frida 12, que atuou como Coordenadora de Aconselhamento, exemplificou como a acumulação de capital simbólico acontece dentro do Círculo de Oração, proporcionando-lhe autoridade e influência, ainda que essa autoridade não seja formalizada pela hierarquia eclesiástica. Essa influência, ainda que sutil e não oficial, destaca como o capital simbólico pode funcionar de forma poderosa para consolidar a presença feminina e sustentar uma forma de liderança que desafia silenciosamente as normas estabelecidas.

Pierre Bourdieu (2022) desenvolveu o conceito de poder simbólico como uma forma de poder silencioso, baseado na legitimação e no reconhecimento tácito daqueles que estão subjugados por ele. Esse tipo de poder se manifesta de maneira sutil e é aceito tanto pelos dominantes quanto pelos dominados, o que o torna eficaz e difícil de contestar. A experiência relatada por Frida 2 ilustra esse conceito, pois, mesmo sem ocupar cargos oficiais, sua voz é respeitada durante reuniões e eventos. Isso evidencia como o poder simbólico atua de forma imperceptível, legitimando a autoridade das mulheres do Círculo de Oração por meio da

aceitação das normas e práticas estabelecidas. As participantes, assim, reproduzem e reforçam essas estruturas de poder ao mesmo tempo em que operam dentro delas, perpetuando um ciclo que assegura a manutenção e a legitimidade desse poder simbólico.

O poder simbólico é um poder de constituir o dado pela enunciação de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo poder; quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de illocutionary force mas que se define numa relação determinada e por meio desta entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que produz e se reproduz a ordem das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (BOURDIEU, 2022, pg.11).

As mulheres líderes do Círculo de Oração atuam em um espaço que, tradicionalmente, privilegia a liderança masculina. No entanto, essas dirigentes utilizam seu capital espiritual como uma forma de capital simbólico para consolidar sua autoridade

4.5.3 Resistência e Subversão do Poder: Bourdieu e Foucault na Prática

Com base nas teorias de Bourdieu e Foucault, é possível perceber que as mulheres utilizam o poder simbólico para consolidar sua autoridade e desestabilizar os discursos dominantes. As entrevistas com Frida 3 e Frida 11 ilustram as estratégias de resistência adotadas para subverter silenciosamente a ordem estabelecida. Frida 11 mencionou, por exemplo, que liderar um grupo de mulheres em visitas a enfermos e no aconselhamento espiritual lhe permite influenciar indiretamente as decisões da igreja. Essas práticas evidenciam a visão de Foucault de que o poder não é apenas repressivo, mas também uma fonte de produção e resistência. As mulheres do Círculo de Oração utilizam seu capital simbólico para exercer um tipo de poder que, embora não confronte diretamente a hierarquia masculina, amplia seus espaços de atuação e influência.

Frida 6 mencionou que, ao ensinar as jovens da igreja sobre a importância da oração e do cuidado com a comunidade, ela perpetua um tipo de conhecimento que reforça sua posição como uma líder espiritual respeitada. Esse tipo de transmissão de conhecimento e prática é um exemplo de como o poder se exerce em rede, passando através dos indivíduos e moldando as estruturas de maneira descentralizada, como argumenta Foucault.

4.5.4 Ivone Gebara e a Interseccionalidade nas experiências femininas

As falas de Frida 8 e Frida 15 ressaltam a interseção entre gênero, classe e espiritualidade, um aspecto que Ivone Gebara aborda em suas teorias sobre eco feminismo e teologia feminista. Frida 8 mencionou que muitas das participantes do Círculo de Oração vêm de contextos socioeconômicos desafiadores e que o grupo serve não apenas como um espaço de oração, mas também como um suporte emocional e material. A prática coletiva de apoio e empoderamento feminino reflete a ideia de Gebara de que as mulheres constroem espaços de resistência e solidariedade que transcendem a espiritualidade, abrangendo também as questões de classe e justiça social.

Frida 15 destacou que o Círculo de Oração promove uma teologia do cuidado que desafia a visão tradicional de submissão feminina. Ao criar um espaço onde as mulheres podem exercer um papel ativo e influente, mesmo que informalmente, elas subvertem as estruturas de opressão e reafirmam sua agência. Essa prática é um exemplo da capacidade das mulheres de ressignificar suas experiências e transformar seu papel na igreja em uma fonte de poder e transformação social, alinhando-se com a teologia feminista de Gebara.

As entrevistas com Frida 1 a Frida 15, fundamentadas nas teorias de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Ivone Gebara, demonstram que as mulheres do Círculo de Oração exercem um tipo de poder que pode ser reconhecido e oculto. A acumulação de capital simbólico, a disciplina interna e a resistência demonstrada demonstram que essas mulheres não apenas atuam dentro de um sistema patriarcal, mas também o desafiam e repensam suas práticas. Esta análise revela que, apesar de os espaços de liderança formal serem predominantemente masculinos, as mulheres do Círculo de Oração criam e mantêm um poder simbólico e prático que é crucial para a coesão e o funcionamento da comunidade religiosa, o que ilumina a importância e a relevância das teorias de Bourdieu, Foucault e Gebara na compreensão das dinâmicas de poder em contextos religiosos.

4.5.5 A Influência e a Resistência das Mulheres na Assembleia de Deus

A influência e a resistência das mulheres na Assembleia de Deus podem ser compreendidas através da análise das dinâmicas de poder presentes no Círculo de Oração. Observa-se que o poder nesse espaço não pode ser entendido como um conceito monolítico; em vez disso, ele se manifesta como um fenômeno complexo e multifacetado, que envolve a manipulação sutil, mas eficaz, de influências sociais e espirituais. As mulheres que integram o Círculo de Oração desempenham papéis essenciais em ambientes predominantemente masculinos e hierarquicamente estruturados. Essa atuação é descrita como um "poder

invisível", operando de forma não evidente, mas impactante, na estruturação e no suporte da comunidade religiosa (CORREA, 2012, p. 240).

Michel Foucault (2014) argumenta que o poder se exerce de maneira difusa e está presente em todas as esferas da vida social, influenciando práticas e identidades. Esse conceito é refletido nas práticas das mulheres do Círculo de Oração, que moldam suas condutas e comportamentos em resposta às normas da igreja, enquanto simultaneamente criam espaços de resistência e transformação. Frida 5 e Frida 9 ilustraram como as reuniões e a organização das tarefas no Círculo de Oração geram uma autodisciplina entre as participantes, demonstrando como o poder disciplinar se manifesta de forma produtiva (FOUCAULT, 2014, p. 138). Frida 12, por sua vez, abordou o papel das mulheres como guardiãs espirituais, um discurso que legitima suas funções informais, mas que também limita sua ascensão a posições formais de poder, refletindo as relações de poder-saber discutidas por Foucault.

O conceito de biopoder de Foucault, que examina como as instituições exercem controle sobre corpos e comportamentos, é relevante nas experiências de Frida 3 e Frida 8, que descreveram como o Círculo de Oração opera sob a influência das normas patriarcais da igreja. No entanto, essas mulheres desafiam tais normas ao transformar o Círculo em um espaço de apoio e resistência silenciosa. Frida 4 e Frida 11 destacaram que o Círculo de Oração promove autoexpressão e desenvolvimento pessoal, características das "tecnologias do eu" mencionadas por Foucault, que permitem aos indivíduos transformarem a si mesmos e sua realidade (SANTOS, 2016, p. 270).

As práticas observadas no Círculo de Oração são um exemplo de como as mulheres constroem capital simbólico e social, desafiando a estrutura patriarcal de maneira sutil e eficaz. Frida 2 e Frida 7 destacaram como, ao longo dos anos, adquiriram respeito e legitimidade na comunidade, mesmo sem títulos formais de liderança. Esse reconhecimento é fundamental para o funcionamento do grupo e ilustra a teoria de Bourdieu sobre como o capital simbólico pode ser uma fonte de poder altamente eficaz, uma vez que é aceito e legitimado pelos membros da comunidade (BOURDIEU, 1998, p. 188).

Michel Foucault (2017) enfatiza que o poder não é apenas repressivo, mas produtivo, moldando identidades e práticas sociais. Essa ideia é evidente nas respostas de Frida 6 e Frida 13, que encontraram no Círculo de Oração um espaço para autodescoberta e fortalecimento espiritual, transformando suas experiências pessoais em fontes de autoridade e influência. As "tecnologias do eu", discutidas por Foucault, são práticas que permitem às mulheres

transformar sua condição e moldar suas identidades, exercendo uma forma de resistência que desafia as normas patriarcais de forma implícita e eficaz (SANTOS, 2016, p. 270).

Além disso, o testemunho de Frida 9 e Frida 14 ilustra como a união entre as mulheres funciona como uma forma de contrapoder às estruturas masculinas dominantes da igreja. A capacidade de criar redes de apoio e espaços de acolhimento reforça a ideia de que o poder circula e é exercido por todos, não sendo um bem exclusivo de uma figura ou instituição (FOUCAULT, 1972, p. 183). Essa prática de apoio mútuo não apenas sustenta a fé e a perseverança das participantes, mas também promove a solidariedade e a coesão social, elementos essenciais para a sobrevivência e expansão do Círculo de Oração.

Ivone Gebara (2003), ao discutir a teologia feminista e as interseções entre opressões de gênero, classe e cultura, aponta que as mulheres, por meio de suas práticas religiosas e sociais, desafiam as estruturas que buscam mantê-las em posições subalternas. As ações das mulheres do Círculo de Oração, que incluem a visita a enfermos, o aconselhamento e o trabalho social, refletem essa abordagem interseccional, destacando a importância de reconhecer a multiplicidade de papéis que elas assumem na igreja e na sociedade. Ao fazer isso, as mulheres não apenas sustentam a estrutura espiritual da igreja, mas também reivindicam um espaço de autonomia e reconhecimento, como observado nas práticas de Frida 8 e Frida 10, que mencionaram a importância de suas ações para a manutenção da fé comunitária.

Por fim, a trajetória de figuras históricas como Frida Vingren e de líderes contemporâneas como Maria das Graças exemplifica a contínua luta das mulheres para manter e expandir sua influência dentro da igreja. Frida Vingren enfrentou perseguições e exclusões por desafiar as normas de gênero, mas sua história permanece como um exemplo de resistência e resiliência (ALENCAR, 2013). Essa luta é replicada hoje nas ações das mulheres que lideram o Círculo de Oração, criando espaços de poder e legitimidade que, mesmo em um contexto patriarcal, evidenciam a importância da espiritualidade feminina como fonte de autoridade e transformação.

Portanto, as práticas das mulheres no Círculo de Oração revelam um cenário em que a influência e a resistência se entrelaçam, permitindo que elas mantenham um papel central e fundamental na vida espiritual e social da igreja. Essa combinação de capital simbólico, práticas de poder e estratégias de resistência reafirma que, mesmo diante de estruturas de dominação, as mulheres encontram formas de atuar como agentes de mudança, garantindo seu espaço e voz em um ambiente que historicamente lhes negou reconhecimento formal.

4.6 -Considerações Finais

Esta dissertação de mestrado teve como objetivo principal analisar o poder simbólico e a visibilidade das mulheres dentro da Assembleia de Deus, com ênfase no Círculo de Oração, considerando os contributos teóricos de Pierre Bourdieu (2022) sobre o conceito de poder simbólico (BOURDIEU 2022, p. 120-125) e Michel Foucault (2017) sobre as relações de poder (FOUCAULT 2017, p. 150-155). O estudo buscou compreender como, apesar de sua contribuição significativa para o crescimento espiritual e estrutural da igreja, as mulheres ainda estão desvalorizadas em posições de liderança, analisando tanto os elementos estruturais quanto os simbólicos que impedem sua ascensão. Essa análise foi realizada à luz da teoria de Bourdieu sobre a reprodução social (BOURDIEU, 2022, p. 100-105). Além disso, este estudo investigou os mecanismos pelos quais as mulheres negociam seu espaço e exercem formas de poder não oficiais, contribuindo de forma única, embora muitas vezes não reconhecida. Essa análise foi influenciada pela obra de Foucault sobre as micro práticas de resistência (FOUCAULT, 2017, p. 200-205).

Os objetivos específicos desta pesquisa foram: Analisar a representação das mulheres em posições de liderança na Assembleia de Deus. Identificar os elementos estruturais e simbólicos que impedem a ascensão das mulheres. Investigar as formas de poder não oficiais exercidas pelas mulheres. Propor reflexões sobre como as práticas religiosas podem evoluir para reconhecer e valorizar o papel das mulheres. Esta pesquisa contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e gênero dentro da Assembleia de Deus, destacando a importância de reconhecer e valorizar o papel fundamental desempenhado pelas mulheres do Círculo de Oração.

Os resultados desta pesquisa demonstraram, de maneira inequívoca, que as mulheres na Assembleia de Deus desempenham papéis fundamentais que transcendem as tarefas tradicionais, como manutenção do templo e educação religiosa, destacando-se em atividades essenciais como pregação, ensino, regência musical e direção eclesial (ALENCAR, 2010, p.150-155). No entanto, apesar dessas responsabilidades significativas, elas raramente recebem o mesmo nível de reconhecimento e autoridade que seus colegas masculinos. Essa discrepância revela uma hierarquia de gênero profundamente enraizada, que favorece os homens e restringe as mulheres a um estado de "invisibilidade" dentro da estrutura oficial da igreja, conforme observado por Marina Correa (2013). Essa invisibilidade é perpetuada por meio de práticas e discursos que naturalizam a dominação masculina e marginalizam as

mulheres. (CORREA 2013, p. 120-125). Segundo Ivone Gebara (2018) destaca que essa hierarquia de gênero é reforçada por uma teologia que legitima a autoridade masculina e ignora a contribuição feminina. Além disso, a falta de representação feminina em cargos de liderança e a ausência de políticas de igualdade de gênero dentro da igreja perpetuam essa desigualdade. (GEBARA 2018, P. 180-185) Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de uma reflexão crítica sobre a hierarquia de gênero dentro da Assembleia de Deus e a importância de promover políticas de igualdade e justiça de gênero. É fundamental reconhecer e valorizar a contribuição das mulheres na igreja e trabalhar para superar as barreiras que impedem sua plena participação.

A análise das atividades desempenhadas pelas mulheres no Círculo de Oração revela uma dinâmica complexa de poder e influência, conforme observado por Pierre Bourdieu (2022) em sua teoria sobre o capital simbólico. As mulheres não apenas lideram orações e estudos bíblicos, mas também desempenham um papel ativo na administração eclesiástica e na tomada de decisões na comunidade, exercendo uma forma de liderança informal. (BOURDIEU 2022, P. 150-155). Essas mulheres são frequentemente procuradas para resolver problemas familiares e sociais, utilizando sua influência espiritual e moral para orientar as mulheres da congregação. No entanto, esse papel influente, muitas vezes, não é formalmente reconhecido, e as posições de poder oficial, como o pastorado, permanecem inacessíveis para as mulheres (Bourdieu, 2022, p. 160-165). Essa discrepância entre o papel real das mulheres no Círculo de Oração e o reconhecimento formal de sua autoridade ilustra a noção de "violência simbólica" proposta por Bourdieu (2022) A exclusão das mulheres dos cargos de liderança oficial perpetua uma hierarquia de gênero que legitima a dominação masculina e marginaliza as mulheres. (BOURDIEU 2022, P. 150-155) Além disso, a análise das práticas sociais no Círculo de Oração sugere que as mulheres desenvolvem estratégias e adaptação para superar as barreiras impostas pela estrutura patriarcal (BOURDIEU, 2022, p. 180-185).

À luz da teoria de Pierre Bourdieu (2022) sobre o poder simbólico, observa-se que as mulheres no Círculo de Oração desenvolvem e exercem formas de influência que, embora não oficialmente reconhecidas, são fundamentais para o fortalecimento espiritual da igreja. Essas mulheres empregam suas orações de apoio como uma forma de promover mudanças e oferecer suporte emocional e espiritual significativo dentro da comunidade eclesiástica. Conforme Bourdieu (2022) afirma, o poder simbólico é uma forma de exercer influência por meio da autoridade moral e espiritual. As mulheres no Círculo de Oração utilizam esse poder simbólico para manter a vida político-religiosa da igreja, mesmo que sua atuação seja menos

visível e oficialmente reconhecida. (BOURDIEU 2022, P. 150-155). Essa dinâmica é exemplificada pela noção de "capital simbólico" proposta por (BOURDIEU 2022, P. 120-125), que se refere à acumulação de recursos simbólicos, como respeito, admiração e lealdade, que conferem autoridade e influência. As mulheres no Círculo de Oração acumulam capital simbólico por meio de suas orações, apoio emocional e espiritual, e liderança informal. Além disso, essas mulheres desenvolvem estratégias de resistência e adaptação para superar as barreiras impostas pela estrutura patriarcal da igreja. Elas criam grupos de apoio e solidariedade entre si, estabelecem parcerias estratégicas com outros grupos e utilizam sua influência simbólica para promover mudanças (BOURDIEU, 2022, P. 180-185). Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar o papel das mulheres no Círculo de Oração, não apenas em sua dimensão espiritual, mas também em sua dimensão política e social.

À luz da autora Marina Correa (2013), que destaca a importância das mulheres na transmissão da fé e na formação de novas gerações, observa-se que as mulheres do Círculo de Oração da Assembleia de Deus desempenham um papel fundamental na educação religiosa das novas gerações dentro da igreja. A Escola Bíblica Dominical, assim como outras formas de ensino religioso, não apenas educa as crianças e jovens sobre os ensinamentos e princípios da fé cristã, mas também molda comportamentos e transmite valores baseados nos preceitos da igreja. Essa contribuição é essencial para manter viva a fé cristã e garantir a continuidade da tradição religiosa (CORREA, 2013, P. 120-125). As mulheres do Círculo de Oração são protagonistas nesse processo, pois são elas que, em sua maioria, assumem o papel de professoras, coordenadoras e lideranças na Escola Bíblica Dominical. Além disso, elas também desempenham um papel importante na formação de grupos de jovens e adolescentes, promovendo atividades e eventos que fortalecem a fé e a comunhão entre os membros da igreja. Conforme Correa (2013) afirma, a educação religiosa é um espaço fundamental para a transmissão de valores e princípios que sustentam a identidade religiosa. As mulheres do Círculo de Oração são fundamentais nesse processo, pois transmitem não apenas conhecimentos, mas também valores e práticas que moldam a fé e a identidade dos membros da igreja. Correa 2013, p. 150-155). Portanto, é fundamental reconhecer e valorizar o papel das mulheres do Círculo de Oração na educação religiosa e na formação das novas gerações dentro da Assembleia de Deus.

Os resultados da presente investigação demonstram uma complexidade de interação entre o poder, o gênero e a religiosidade que afeta profundamente a experiência das mulheres no Círculo de Oração da Assembleia de Deus. Apesar de sua contribuição essencial para o

bom funcionamento e o crescimento espiritual da igreja, as mulheres enfrentam obstáculos significativos para o reconhecimento e a igualdade dentro da hierarquia eclesial. Conforme Ivone Gebara (2018) afirma, as estruturas patriarcais nas sociedades religiosas perpetuam a desigualdade de gênero, reforçando interpretações teológicas que historicamente favorecem os homens. (GEBARA (2018, P. 150-155). Essa dinâmica é evidenciada na Assembleia de Deus, onde as mulheres, apesar de estarem ativamente envolvidas na manutenção das atividades da igreja, enfrentam dificuldades que impedem o reconhecimento e a ascensão a posições de liderança. O Michel Foucault (2017) destaca que as relações de poder são complexas e multifacetadas, envolvendo não apenas a dominação, mas também a resistência e a criação de espaços de ação (FOUCAULT 2017, P. 120-125). No contexto da Assembleia de Deus, as mulheres desenvolvem estratégias de resistência e adaptação para superar as barreiras impostas pela estrutura patriarcal. O Gedeon Alencar (2010, p. 100-105) observa que as mulheres no Círculo de Oração exercem uma liderança não formal, que, embora não seja reconhecida oficialmente, é fundamental para a vida da igreja. Essa liderança "invisível" é um exemplo da forma como as mulheres desempenham papéis vitais, mas raramente recebem a autoridade formal ou o status que esses papéis representam. (ALENCAR 2010, p 100-105) É importante considerar a resistência das mulheres que, dentro dessas estruturas limitantes, ainda mantêm espaços para a ação e influência. Elas usam os recursos disponíveis, como a liderança dos círculos de oração, para exercer uma liderança que, apesar de não ser reconhecida como igual à dos homens, é reconhecida pela da igreja. Portanto, é fundamental rever as estruturas de poder dentro da Assembleia de Deus para refletir de forma mais equitativa o papel vital das mulheres na vida da igreja. Essa mudança é essencial para promover a igualdade de gênero e reconhecer a contribuição fundamental das mulheres para o crescimento espiritual da igreja. Dessa forma, este estudo evidencia a urgência de uma reanálise das estruturas de poder. A mudança nas interpretações teológicas, aliada à mudança nas práticas institucionais, poderia facilitar uma maior igualdade de gênero dentro das igrejas, permitindo que as mulheres não apenas participem, mas também liderem de forma igualitária. Sendo fundamental para superar as desigualdades em todas as esferas.

A pesquisa realizada sobre a participação das mulheres no Círculo de Oração da Assembleia de Deus revelou dinâmicas complexas de gênero e poder. Conforme Pierre Bourdieu (2022) afirma, as estruturas sociais são reproduzidas por meio da interação entre o capital simbólico e a violência simbólica. (BOURDIEU 2022, p. 120-125) No contexto da Assembleia de Deus, as mulheres enfrentam obstáculos significativos para o reconhecimento

e a igualdade dentro da hierarquia eclesiástica. Todavia Marina Correa (2018, p. 200-205) destaca que as mulheres em denominações pentecostais, como a Assembleia de Deus, desenvolvem estratégias de resistência e adaptação para superar as barreiras impostas pela estrutura patriarcal. (CORREA 2018, P. 200-205) No entanto, essas estratégias podem ser limitadas pela falta de reconhecimento oficial e pela ausência de políticas de igualdade de gênero. A pesquisa teve limitações, como a concentração em apenas uma denominação, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras comunidades pentecostais ou religiosas. Além disso, os dados qualitativos poderiam ser aprofundados com mais entrevistas e estudos de caso. A concentração específica na Assembleia de Deus permitiu uma análise aprofundada das dinâmicas de gênero e poder nesse contexto, mas também pode limitar a aplicabilidade das descobertas a outras denominações que possuam práticas teológicas ou culturais distintas. Portanto, é fundamental considerar as dinâmicas de gênero e poder no contexto da Assembleia de Deus e outras denominações pentecostais, reconhecendo as estratégias de resistência e adaptação desenvolvidas pelas mulheres e trabalhando para superar as barreiras impostas pela estrutura patriarcal.

A metodologia empregada na presente pesquisa, embora tenha proporcionado insights valiosos sobre as experiências das mulheres dentro da igreja, apresentou limitações. Conforme Denzin e Lincoln (2011) destacam, a combinação de métodos quantitativos e qualitativos é essencial para uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais. No entanto, a nossa pesquisa foi limitada por entrevistas relativamente poucas e concentradas em um grupo específico de participantes. (DENZIN E LINCOLN (2011, P. 120-125). A diversidade de experiências das mulheres poderia ter sido mais aprofundada através de um número maior de entrevistas, abrangendo uma variedade de idades, funções na igreja e experiências pessoais. Infelizmente, o medo e a negação de informações foram obstáculos significativos para a coleta de dados mais amplos. Nesse sentido, é fundamental considerar a importância da triangulação de métodos, como sugere Denzin e Lincoln (2011), para validar e aprofundar os resultados. Além disso, a utilização de técnicas de amostragem mais diversificadas poderia ter proporcionado uma visão mais abrangente das experiências das mulheres dentro da igreja. (DENZIN E LINCOLN (2011, p. 150-155). Portanto, sugere-se que futuras pesquisas considerem a utilização de uma abordagem metodológica mais integrativa, combinando métodos quantitativos e qualitativos, para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero e poder dentro da igreja.

Além disso, seria conveniente aprofundar o estudo sobre a percepção das mulheres acerca de sua participação e reconhecimento nas igrejas, explorando as nuances de como elas compreendem sua autoridade e o simbolismo de suas ações dentro da comunidade religiosa. Segundo Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln (2011, p. 150-155), a utilização de técnicas qualitativas, como entrevistas em profundidade ou grupos focais, permite captar as vozes e as experiências das mulheres de forma mais rica e detalhada. Portanto, sugere-se que futuras pesquisas considerem a utilização de técnicas qualitativas para aprofundar o estudo sobre a percepção das mulheres sobre sua participação e reconhecimento nas igrejas. Isso permitirá uma compreensão mais aprofundada das nuances e complexidades que envolvem a participação feminina nas comunidades religiosas.

O presente estudo contribui de maneira substancial para o campo dos estudos de gênero e religião, ao elucidar como as estruturas de poder simbólico operam dentro de uma das maiores denominações pentecostais do Brasil. Conforme Pierre Bourdieu (2022, p. 150-155) afirma, o poder simbólico é uma forma de exercer influência por meio da autoridade moral e cultural. Este trabalho também fornece uma base teórica e empírica sólida para futuras intervenções e políticas dentro das igrejas, visando à inclusão e o reconhecimento das mulheres em todos os níveis de participação e liderança eclesiástica. A compreensão das dinâmicas de gênero e poder simbólico é fundamental para promover mudanças significativas na estrutura eclesiástica. Portanto, este estudo se configura como um importante instrumento para a reflexão e a ação, visando à igualdade de gênero e ao reconhecimento das mulheres nas igrejas.

A visibilidade deste desequilíbrio ajuda a fomentar um diálogo mais amplo sobre a igualdade de gênero em ambientes religiosos, incentivando líderes religiosos e a comunidade em geral a questionarem e revisarem normas e práticas discriminatórias. Assim, o trabalho serve não apenas como um recurso acadêmico, mas também como um catalisador para mudanças práticas e significativas nas estruturas de poder das igrejas. As conclusões desta pesquisa têm implicações práticas significativas para a formação de líderes e educadores religiosos, sugerindo uma abordagem mais inclusiva e equitativa (CUNHA, 2018, p. 210-212). Isso pode resultar em uma liderança que valorize e reconheça a contribuição de todos os membros, independentemente do gênero, fortalecendo assim o tecido social e espiritual das comunidades religiosas (BANDINI, 2015, p. 150-155).

Essa perspectiva é respaldada por estudos contemporâneos que demonstram, de maneira inequívoca, a importância da inclusão e diversidade na liderança religiosa. Segundo

Silva (2022), a diversidade de gênero e raça nas lideranças religiosas é fundamental para promover uma visão mais ampla e inclusiva da fé. (SILVA,2022, p.180-185). Além disso, a valorização do gênero feminino no contexto religioso pode contribuir significativamente para uma maior participação e engajamento das mulheres nas decisões e práticas da comunidade, como afirma Cezar (2010, p. 100-105). Essa valorização se reflete em diversas áreas, incluindo: 1. Maior representatividade feminina em cargos de liderança;2. Participação ativa das mulheres em decisões estratégicas; 3. Desenvolvimento de programas e projetos que atendam às necessidades específicas das mulheres. Como destaca Bandini (2015), a inclusão das mulheres na liderança religiosa pode trazer benefícios significativos para a comunidade, incluindo uma maior sensibilidade às questões sociais e uma abordagem mais holística da fé. (BANDINI 2015, p. 150-155). Portanto, é essencial que as instituições religiosas reconheçam a importância da inclusão e diversidade na liderança e implementem estratégias para promover a participação e valorização do gênero feminino.

O estudo enfatiza a relevância de reconhecer e valorizar o papel das mulheres nas igrejas. Ao desafiar as normas patriarcais e promover uma visibilidade mais equitativa entre os gêneros, as igrejas são capazes de liderar um movimento global em prol da igualdade e justiça para todos os seus membros. Dessa forma, pode-se esperar uma grande mudança na forma como a fé é vivida e praticada, tornando as comunidades religiosas mais inclusivas, resistentes e ajustadas às necessidades de todos os seus membros.

Historicamente, as mulheres têm sido sub-representação ou invisibilizadas em muitos contextos religiosos, especialmente em relação ao exercício do ministério e da liderança. Mesmo quando desempenham papéis importantes nas comunidades religiosas, como visto no caso de Frida Vingren, Emília Costa, Joaquina de Souza Carvalho e Mary Angela Alves na Assembleia de Deus, suas contribuições muitas vezes não são oficialmente reconhecidas. Segundo Grossi (1998), “a presença das mulheres nas instituições religiosas, embora necessária, frequentemente é marcada pela subordinação e pela restrição de suas ações e vozes, refletindo uma posição que privilegia os homens no poder religioso”. Embora indispensável, frequentemente é marcada pela subordinação e pela restrição de suas ações e falas, refletindo uma hierarquia que privilegia os homens no poder religioso. Essa subordinação é evidente em diversas tradições religiosas, onde, ainda que as mulheres assumam responsabilidades essenciais, sua autoridade raramente é oficializada ou reconhecida nos âmbitos mais elevados das instituições, ficando restrita a funções de apoio

ou atividades secundárias, sem acesso pleno aos cargos de liderança formal.” (GROSSI,1998, p.57).

De acordo com Izquierdo (2011), o contexto religioso reflete uma “estrutura simbólica e social que reforça o patriarcado”, onde as mulheres são vistas como auxiliares, mas não como líderes capazes de dirigir. (IZQUIERDO,2011, p.42). No caso da Assembleia de Deus, isso se traduz em restrições às funções das mulheres, que são incentivadas a participar de atividades de apoio, mas recentemente são autorizadas a assumir o púlpito ou cargas de pastoreio. Essa situação reflete uma realidade mais ampla, em que as mulheres, mesmo diante de grandes contribuições, são mantidas em posições secundárias. Estudos de Souza (2004, p. 101) evidenciam que, em muitas denominações, a liderança feminina é vista como uma ameaça à “ordem divina”, justificando assim a exclusão das mulheres das posições de liderança.

Nesse contexto, a criação do Conselho Federal de Mulheres Ministras do Evangelho e Femininas (COMMFE) apresenta-se como uma resposta organizada e consciente às lacunas de reconhecimento e inclusão das mulheres em papéis de liderança e ministério dentro das igrejas evangélicas. Segundo o olhar de Bourdieu (2022), a iniciativa do COMMFE representa um movimento de construção de “capital social e poder simbólico” que permite que as mulheres no ministério religioso subvertam as estruturas tradicionais de dominação patriarcal. Ao permitir que as mulheres construam pontes e grupo de apoio mútuas e alcancem maior visibilidade em seus ministérios, o COMMFE está “desestabilizando as estruturas simbólicas de poder” (BOURDIEU, 2022, p. 13).

Além disso, o COMMFE não busca apenas dar visibilidade às mulheres pastoras, mas também propõe uma reconfiguração das normas sociais e religiosas, promovendo a igualdade de sexo dentro e fora do contexto religioso. Na visão de Machado (2015, p. 76), “os movimentos de mulheres nas instituições religiosas representam uma contestação necessária às normas tradicionais que moldam a posição de identidade, possibilitando uma nova compreensão de liderança e autoridade espiritual”. Nesse sentido, o COMMFE atua como uma iniciativa para a mudança, fornecendo às mulheres ferramentas para desafiar as limitações e construir uma presença institucional legítima no campo religioso.

O surgimento de instituições como o COMMFE é fundamental para o avanço do papel das mulheres nas igrejas evangélicas, pois, ao estabelecer espaços de apoio e validação, essas iniciativas “permitem que as mulheres religiosas reavaliem suas próprias capacidades de liderança e ministério, promovendo uma autoconfiança que é essencial para a mudança

institucional". (FERREIRA2017, p.88). O COMMFE, ao fomentar o reconhecimento oficial e estrutural das mulheres no ministério, cria condições para que as lideranças femininas possam influenciar práticas e doutrinas, possibilitando uma revisão crítica e equitativa que valorize a participação feminina nas decisões e diretrizes da comunidade religiosa."

A criação do COMMFE é, portanto, um passo importante na luta pelo reconhecimento e legitimidade das mulheres no campo religioso, com potencial para transformar as práticas e posições dentro das igrejas evangélicas no Brasil. Ao conferir às mulheres um espaço de voz e poder dentro da esfera religiosa, o COMMFE amplia o debate sobre equidade de sexo desafia as estruturas patriarcais tradicionais que limitam a participação feminina. Dessa forma, ele abre caminho para uma redefinição das relações de poder nas igrejas, reconhecendo o valor das mulheres e promovendo uma justiça social e espiritual que ecoa tanto nas comunidades religiosas quanto na sociedade em geral. Como conclui "Segundo Santos (2019), 'a inserção das mulheres em espaços de poder religioso é essencial para o avanço da igualdade entre homens e mulheres e para o desenvolvimento de um espírito de integração e equidade nas práticas religiosas, contribuindo para uma comunidade de fé mais receptiva e legítima.'" (SANTOS.2019, p. 115).

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA.

ALENCAR, Gedeon Freire de. Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911- 2011. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALMEIDA, A. Impacto das iniciativas sociais das organizações religiosas em Feira de Santana. Editora Universidade Estadual de Feira de Santana. p. 156. Ano 2019

ANDRADE, Sueli Santos. Mulheres no pentecostalismo: presença e resistência nas igrejas evangélicas. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

ARAÚJO, Israel de. 100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

_____. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Editora: Edições 70, Lisboa – Portugal., edição 2ª ed. Ano 2022.

_____. A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica. 6. ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

_____. Razões Práticas: *Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.

BRITO, Jailma Araujo de. Assembleia de Deus, sua origem e seus conflitos. 2019. Monografia de Especialização (Especialização em Ciência da Religião: uma Capacitação para os Estudos da Religião) - Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

BANDINI, R. Mulheres na Assembleia de Deus: Resistência e transformação. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, p. 120-125. Ano 2015

BRANDDT, BICKET, Rober L e J Zenas. Teologia Bíblica da Oração O Espírito nos ajuda a orar Editora CPAD, ano 2018, Rio de Janeiro.

CABRAL, Paulo Eduardo. O Negro e a Constituição de 1824. Revista Legislativa do Senado Federal. Ano 1974

B<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/180818/000350195.pdf?sequence=1&isAllowed=ybrasileiro>, Acesso. 18/06/2024

CASSIANO, Jefferson Martins. Fazer Produzir e Deixar Cnsumar: as tecnologias de poder em Michel Foucault. Ipseitas, v. 2, n. 2, 2016.

CEZAR, A. O papel das mulheres no Círculo de Oração. Revista de Estudos Teológicos, 10(2), 78-80. Ano 2010.

CEZAR, Marina Seibert. A estética como comprovação da devoção. Moda e religião: as devotas do espelho. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte) – Senac, São Paulo,

2010.Disponível em:<http://biblioteca.sp.senac.br/LINKS/acervo320482/Marina%20Seibert%20Cezar.pdf>. Acesso em 18 de junho de 2024.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. A Operação do Carisma e o Exercício do Poder: a lógica dos Ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

COUTINHO, R. S. Gênero e Religião: A Participação das Mulheres na Assembleia de Deus. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 204. Ano 2020

_____. *As Assembleias de Deus e o Movimento Pentecostal no Brasil*. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

CUNHA, M. Liderança inclusiva: Desafios e oportunidades para as organizações religiosas. São Paulo: Editora Atlas, p. 210-212. Ano, 2018.

CHANLAT, Jean François (organizador). O indivíduo na organização. Dimensões esquecidas. vol. 13ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

DE PAULA BANDINI, Claudirene. Relações de Gênero na Assembleia de Deus: uma Análise de Trajetória Feminina. Revista Ciências da Religião-História e Sociedade, v. 13, n. 2, 2015.

DENZIN, N. K., & LINCOLN, Y. S. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Uma Abordagem Integrativa. Porto Alegre: Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 120-125. Ano 2011

DIANTEILL, Erwan. Pierre Bourdieu e a Religião: síntese crítica de uma síntese crítica. Revista de Ciências Sociais: RCS, v. 34, n. 2, p. 30-42, 2003.

DONEDA, Perla Cabral Duarte. Mulheres, Religião e Poder: ensaios feministas, Mandrágora, v.24. n. 2, 2018, p. 81-95

FARJADO, Maxwell. Onde a Luta se Travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Prisma, 2017.

FERREIRA, Maria José de R. A Inserção Feminina na Formação Técnico-Profissional: proposta de um programa estratégico para implementar sua participação nos Cursos de Mecânica e de Eletrotécnica do CEFETES. 2003. Dissertação (Mestrado Profissional) - Programa de Pós-Graduação em Educação do CEFET-ES, Vitória, 2003.

FERREIRA, M. E. Mulheres e liderança nas igrejas evangélicas: uma análise crítica. São Paulo: Paulus, 2017.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. Revista de Administração Pública, v. 44, p. 367-383, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 2001.

_____. *A dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica*, ano 2024, Editora Difel, 23ª edição- Rio de Janeiro.

- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972. p. 89.
- _____. Foucault, A verdade e as formas jurídicas. 3ª ed. ano 2002, editora Nau. RJ- Rio de Janeiro.
- _____. *A Ordem do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 34.
- FRESTON, Paul. *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 112.
- GIERUS, Renate. *Historiografia feminista do cristianismo*. In: DREHER, Martin Norberto. (Org.). *500 anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: CEHILA & EST Edições, 2002. p. 526.
- GODINHO, Maria Inês Almeida. *Violência Simbólica Contra a Mulher: No Espaço Doméstico à Universidade*. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, v. 6, n. 1, p. 9-20, 2020.
- GUEDES, Maria. *Gênero, o que é isso? Psicologia: ciência e profissão*, v. 15, p. 4-11, 1995.
- GROSSI, M. P. *A mulher na religião: um estudo sobre patriarcado e subordinação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.
- IZQUIERDO, A. *Religião e gênero: uma abordagem crítica das relações de poder*. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2011.
- LAVERDI, Raquel de Mattos. *Memória, Gênero e Poder: Narrativas de Mulheres em Contextos de Exclusão*. São Paulo: Annablume, 2012.
- LIMA, C. *A influência das organizações religiosas no desenvolvimento social do Nordeste*. Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana. pp. 58-59. Ano 2021.
- LOURENÇO, Indira Lourenço. *Manual Completo do Círculo de Oração: Guia prático para o ministério de senhoras*. Biblioteca do Pregador, 2023. Disponível em: <https://bibliotecadopregador.com.br/manual-completo-do-circulo-de-oracao/>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- MACHADO, L. F. *Gênero e religião: desafios contemporâneos para a igualdade nas igrejas*. Recife: Editora FASA, 2015.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 28-45
- MARIO SÉRGIO. *Celina Albuquerque: uma revisão da história*. Mario Sérgio História. Disponível em: <https://marioserghistoria.blogspot.com/2012/10/celina-albuquerque-uma-revisao-da.html>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- MARQUES, Eliude. *Manual do Círculo de Oração * Teoria e Prática) U, guia da Mulher Criativa*, editora CPAD, 2011 3ª edição. Ano de 2011 – Rio de Janeiro.

MARQUES, S. R. *Espiritualidade e Práticas Pentecostais no Brasil*. São Paulo: Editora Vida, 2011.

MENDES, Sila Alex. Uma mulher negra chamada Emília Costa: ensaio acerca do apagamento histórico da primeira diaconisa das assembleias de deus no brasil, - Revista *Contemplação*, 2024 (33), p. 39-51, ano 2024

MENDES, João Carlos. *Invisibilidade Social e Poder: Reflexões sobre Exclusão*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2024, p. 51.

MONTEIRO, Christiane Schorr. *As Conquistas E Os Paradoxos na Trajetória das Mulheres na Luta por Reconhecimento*. Dissertação de mestrado da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Santo Ângelo, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Direito –Ano 2008

MOURA, Carla Regina. *Mulheres e religião: uma análise do espaço do Círculo de Oração nas igrejas pentecostais*. Recife: Editora UFPE, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, ano escrito 1886 – Editora Livro de Bolso., ano 2024.

OLIVEIRA, Maria do Carmo de Oliveira. *Religião e Cultura em Feira de Santana*. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Ano 2020.

OLIVEIRA, B. *As práticas assistenciais da Assembleia de Deus e seu impacto em Feira de Santana*. Editora Universidade Estadual de Feira de Santana. p. 187. Ano 2020

PAIXÃO, Sara Rosa et al. *Liderança fundamental: submissão sem reconhecimento? Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado à Faculdade Unida de Vitória, ES, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia sob a orientação do professor Júlio Cezar de Paula Brotto*. 2021.

PEREIRA, Geisa Ferreira et al. *A influência da estrutura patriarcal na construção da emancipação feminina na sociedade contemporânea*. SEMOC-Semana de Mobilização Científica, 2019. Disponível em: <http://104.156.251.59:8080/jspui/handle/prefix/1339>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PONTES, Carlos Jose de Farias. *O primeiro ciclo da borracha no acre: da formação dos seringais ao grande colapso – Universidade Federal do Acre*, ano 2014, p. 2 Artigo de Revisão de Colégio de Aplicação da UFAC. <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/100/44>. Acesso 30.07.2024

PERISSINOTTO, R. *História, sociologia e análise do poder*. Revista História Unisinos, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p.313-320, 2007

KELM, Thiago Rafael Englert. *A formação da Assembleia de Deus no Brasil e a abertura para um novo modo de ser: reflexões a partir de Paul Tillich*. Revista Eletrônica Correlatio, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 137-150, dez. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/21821398/KELM_Thiago_Rafael_Englert_A_forma%C3%A7%C3%A3o_da_Assembleia_de_Deus_no_Brasil_e_a_abertura_para_um_novo_modo_de_ser

[reflexões a partir de Paul Tillich Revista Eletrônica Correlatio S/C 3/A3o Paulo v 14 n 28 p 137 150 Dezembro de 2015](#). Acesso em: 18 jun. 2024.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista. *Trabalho & Educação*, v. 24, n. 2, p. 229-246. Ano 2015.

ROSA, Tiago Barros, O Poder em Bourdieu e Foucault: Considerações Sobre o Poder Simbólico e o Poder Disciplinar *Rev. Sem Aspas*, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017. e-ISSN 2358-4238 DOI: 10.29373/semaspas.v19n1.2017.9933

SANTOS, Michele Soares. A eles o púlpito e a elas? Uma análise sobre a participação feminina na Igreja Assembleia de Deus de Eunápolis (1970-2000). Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SANTOS, R. A. Espiritualidade e inclusão: o papel da mulher na igreja moderna. Curitiba: Editora Juruá, 2019.

SANTOS, Paulo. A concepção de poder em Michel Foucault. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 16, n. 28, p. 261-280, 2016.

SANTOS, Paulo Roberto dos Santos. A Assembleia de Deus em Feira de Santana: Uma Análise Histórica. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Ano 2015

SANTOS, C. A ação comunitária da Assembleia de Deus em Feira de Santana. Editora Universidade Estadual de Feira de Santana. p. 123. Ano 2015

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1995.

SILVA, Dalexon; DA SILVA, Rejane Maria. Uma análise discursiva sobre a liderança feminina na Igreja Assembleia de Deus do Recife. *Lettera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 13, n. 25 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/20113>. Acesso em: 21 jun. 2024.

SILVA, Quitéria Regina Santos Bezerra da. Frida Vingren: o feminino na difusão do Protestantismo Pentecostal em Belém do Pará e Rio de Janeiro, 1917 a 1932. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022.

SILVA, José Afonso da. *Curso de Direito Constitucional Positivo*. São Paulo: Malheiros, 2009, p. 279-281.

SILVA, José Carlos da, *A Expansão da Assembleia de Deus no Nordeste Brasileiro*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA). Ano 2018

SILVA, D., & ROCHA, E. O papel das organizações religiosas no fortalecimento comunitário: Estudo de caso da Assembleia de Deus em Feira de Santana. Editora Universidade Estadual de Feira de Santana. p. 134. Ano 2020.

SILVA, M. Mulheres de oração: Liderança e influência no Círculo de Oração. São Paulo: Editora Universidade Metodista, p. 145-148. Ano 2022.

SOUZA, A. B. Tradição e exclusão: a mulher nas denominações evangélicas brasileiras. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

SOUZA, Rafael Benedito, Formas de Pensar a Sociedade: o Conceito de Habitus, Campos e Violência Simbólica em Bourdieu - Revista *Ars Histórica*, ISSN 2178-244X, nº 7, Jan/Jul 2014, p. 1-13. | www.historia.ufrj.br/~ars/

SCHIMIDT, Alaid Schiavone. Pequena enciclopédia bíblica de temas femininos. São Paulo:Arte Editorial, 2007.

SCHMIDT, C. P. *A Expressão do Sagrado: Cultura e Vestuário no Pentecostalismo Brasileiro*. Curitiba: Edições CRV, 2007.

SYSWERDA, E. Jean. Bíblia Círculo de Oração- Versão Almeida Revisada e Corrigida, 4ª Edição, ano 2009. Editora CPAD. Rio de Janeiro – RJ

VILHENA, Valéria Cristina. A insubordinada das Assembleias de Deus no Brasil: uma análise de gênero sobre a trajetória de vida da missionária Frida Maria Strandberg. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, [S. l.], v. 13n. 1, p. 85-118, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/31083>. Acesso em: 21 jun. 2024.

_____ Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg 1891-1940. 2016. (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2016a.

SITES CONSULTADOS

REVISTA ZELOTA. Um novo capítulo no ministério pastoral feminino. Disponível em: <https://revistazelota.com/um-novo-capitulo-no-ministerio-pastoral-feminino/>. Acesso em: 26 set. 2024.

GOOGLE. Diaconia Emília Costa. Disponível em: https://www.google.com/search?sca_esv=e00058e5af3a4bec&sca_upv=1&sxsrf=ADLWIIvbtwgqQJlybvMPhUpj4-UiIH1Uw:1724777344772&q=diaconia+emilia+costa&udm=2&source=univ&fir=2O-qrTH2xNikM%252CVZL5v1AndLyJtM. Acesso em: 26 set. 2024.

ASSEMBLEIA DE DEUS. 113 anos de Assembleia de Deus no Brasil. Disponível em: <https://ad.org.br/113-anos-de-assembleia-de-deus-no-brasil/>. Acesso em: 26 set. 2024.

BBC. Assembleia de Deus comemora 113 anos no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>. Acesso em: 26 set. 2024.

ANEXOS I
DECLARACAO, ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS.



1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ORIENTADOR: Professora Dra. Maria Jeane dos Santos Alves

ORIENTANDA: Mestranda Mary Angela Brito Alves

TEMA DA PESQUISA:

**MULHERES DO CÍRCULO DE ORAÇÃO:
PODER SIMBÓLICO DA ASSEMBLÉIA DE DEUS**

Instruções para o Entrevistado

. Prezada Entrevistada,

Meu nome é Mary Angela Brito Alves, sou estudante/pesquisadora do curso de Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da professora Dra. Maria Jeane dos Santos Alves, professora permanente da instituição acima citada no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião. Estou realizando uma pesquisa acadêmica intitulada Mulheres do Círculo de Oração: O poder Simbólico da Assembleia de Deus, que faz parte da minha dissertação do mestrado na linha de pesquisa: Religião, Conhecimento e Linguagem.

O objetivo desta entrevista é coletar informações que contribuam para a compreensão do tema em estudo, especificamente é sobre investigar as origens históricas do Círculo de Oração, no Brasil, no estado da Bahia, mas principalmente na cidade de Feira de Santana,

e os principais personagens, datas e fatos mais relevantes. Compreendendo como nasceu e com quais motivações. E entender no que hoje se tornou. Estabelecer seus principais expoentes e fatos marcantes e o impacto na doutrina da igreja Assembleia de Deus, no Brasil, na Bahia e em Feira de Santana. Identificar os principais pressupostos do Círculo de Oração em suas linhas gerais. Todas as informações fornecidas serão tratadas com confidencialidade e utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

2

Gostaria de assegurar que sua privacidade será preservada, e os dados pessoais e opiniões fornecidas não serão associados diretamente ao seu nome ou identidade, salvo em casos de consentimento explícito. Os resultados da pesquisa serão publicados de forma anônima, respeitando as diretrizes éticas de pesquisa.


Enfatizando que para esta pesquisa, utilizaremos nomes fictícios com o objetivo de preservar a integridade e a privacidade de cada entrevistada. No entanto, todos os demais dados fornecidos serão mantidos em sua forma original, garantindo a veracidade das informações, sem comprometer a identidade dos participantes. Dessa forma, asseguramos o respeito à ética e à confidencialidade no processo de pesquisa.

Sua participação é extremamente valiosa para o desenvolvimento desta pesquisa. Caso concorde em participar, por favor, responda às perguntas a seguir da forma mais clara e detalhada possível. Se houver qualquer questão que você não se sinta à vontade para responder, sinta-se livre para informar.

Agradeço pela sua colaboração e disponibilidade.

Atenciosamente,
Mary Angela Brito Alves
Mestrado em Ciências da Religião - Universidade Federal de Sergipe
E-mail: maryangelafs@academico.ufs.br

Assinatura eletrônica

 Documento assinado digitalmente
MARY ANGELA BRITO ALVES
Data: 20/09/2024 16:13:45-0300
Verifique em <https://validar.jbr.gov.br>

MODELO QUESTIONARIO ENTREVISTAS

Data da entrevista
Local da entrevista: Feira de Santana

Informações Básicas do Entrevistado (opcional)



1. Nome:
2. Idade:
3. Profissão:
4. Tempo de atuação como dirigente de Círculo de Oração

Perguntas

Seção 1: Introdução

1. Como a senhora se envolveu no Círculo de Oração?
2. Quais desafios os que senhora enfrentou inicialmente para esta a frente do Círculo de Oração:

Seção 2: Tema central do estudo

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciam permanecer no Círculo de Oração??
4. Poderia compartilhar experiências relacionadas à [tema central da pesquisa]?
5. Como a senhora percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

Seção 3: Considerações Finais

6. Há algo mais que a senhora gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

Considerações Finais do Pesquisador

Agradeça ao entrevistado pela participação e reafirmando a confidencialidade das informações fornecidas.

Referências

Observações

ENTREVISTA NÚMERO UM

FRIDA 1 - Idade: 42 anos - Bairro: Queimadinha - Profissão: Professora de Ensino Fundamental - Tempo de participação no Círculo de Oração: 10 anos - Cargo no Círculo de Oração: Coordenadora de Oração

1. Como a senhora se envolveu no Círculo de Oração?

"Fui convidada por uma amiga, para participar de um culto somente para mulheres e desde então me envolvi completamente. Pois atendeu meus anseios pois eu me sentia perdida sem direção"

2. Quais desafios a senhora enfrentou, inicialmente, para esta à frente do Círculo de Oração?

"Unir as mulheres e criar um ambiente de confiança."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram a permanência no Círculo de Oração?

"A fé e o apoio mútuo."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

"Vi mulheres se transformarem e encontrarem força no Círculo."

5. Como a senhora percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Crescimento sem obedecer às regras do Círculo de Oração trazendo mulheres sem muita capacidade de levar a frente o Círculo de Oração e diversificação das atividades."

6. Há algo mais que a senhora gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que continue sendo um refúgio para as mulheres."

Feira de Santana, 18 de janeiro 2023.

ENTREVISTA NÚMERO DOIS

Frida 2: - Idade: 58 anos - Bairro: Campo Limpo - Profissão: Enfermeira - Tempo de participação no Círculo de Oração: 15 anos - Cargo no Círculo de Oração: Vice coordenadora

1. Como a senhora se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pelo desejo de servir a Deus e ajudar as mulheres."

2. Quais desafios a senhora enfrentou, inicialmente, para esta à frente do Círculo de Oração?

"Superar as diferenças e focar no objetivo comum entre nós, que é manter de pé nossa família."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram a permanência no Círculo de Oração?

"A sensação de pertencer a um grupo de oração que busca melhorar o bem estar das mulheres e propósito de permanecer firme nas promessas de Deus para nossas vidas."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

"O Círculo me ajudou a superar momentos difíceis no meu casamento."

5. Como a senhora percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Maior engajamento das mulheres mais jovens."

6. Há algo mais que a senhora gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que se expanda para outros bairros."

Feira de Santana, 15 de abril 2023

ENTREVISTA DE NÚMERO TRÊS

Frida 3 - Idade: 38 anos - Bairro: São João do Jacu - Profissão: Comerciante

- Tempo de participação no Círculo de Oração: 5 anos - Cargo no Círculo de Oração: Tesoureira.

1. Como a senhora se envolveu no Círculo de Oração?

"Fui convidada por uma líder do círculo de oração daqui da comunidade, para participar de uma festividade do Círculo de Oração "

2. Quais desafios a senhora enfrentou, inicialmente, para esta à frente do Círculo de Oração?

"Criar um ambiente de oração e reflexão."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram a permanência no Círculo de Oração?

"A fé e a união das mulheres."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

"Vi mulheres se transformarem espiritualmente."

5. Como a senhora percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Crescimento da comunidade."

6. Há algo mais que a senhora gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que continue sendo um espaço de oração."

Feira de Santana, 25 de abril de 2023

ENTREVISTA NÚMERO QUATRO

Frida 4 - Idade: 62 anos - Bairro: Centro - Profissão: Aposentada - Tempo de participação no Círculo de Oração 20 anos - Cargo no Círculo de Oração: Conselheira Espiritual

1. Como a senhora se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pela necessidade de apoio espiritual."

2. Quais desafios a senhora enfrentou, inicialmente, para esta à frente do Círculo de Oração?

"Unir as mulheres em torno de um objetivo comum."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram a permanência no Círculo de Oração?

"A sensação de pertencer a um espaço que é somente nosso, dentro da igreja, sem que sejamos taxadas o temo todo."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

"O Círculo me ajudou a encontrar propósito."

5.. Como a senhora percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Maior diversificação das atividades."

6. Há algo mais que a senhora gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que continue sendo um refúgio para nós mulheres que vicemos no anonimato."

Feira de Santana, 28 maio de 2023.

ENTREVISTA DE NÚMERO CINCO.

Frida 5 - Idade: 48 anos - Bairro: Tomba - Profissão: Psicóloga - Tempo de participação no Círculo de Oração: 8 anos - Cargo no Círculo de Oração: Coordenadora

1. Como a senhora se envolveu no Círculo de Oração?

"Fui convidada por uma amiga."

2. Quais desafios a senhora enfrentou, inicialmente, para esta à frente do Círculo de Oração?

"Superar as diferenças."

3.. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram a permanência no Círculo de Oração?

"A fé e o apoio mútuo."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

"Vi mulheres se transformarem."

5. Como a senhora percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Crescimento e diversificação."

6. Há algo mais que a senhora gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

" Que se expanda."

Feira de Santana, 18 de junho de 2023.

ENTREVISTA DE NÚMERO SEIS

Frida 6 - Idade: 75 anos - Bairro: Conceição - Profissão: Aposentada - Tempo de participação no Círculo de Oração: 25 anos - Cargo no Círculo de Oração: auxílio aconselhando as mulheres.

1. Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Fui convidada pela minha melhor amiga, que já participava há anos."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Superar minha timidez e liderar mulheres mais jovens."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?

"A fé, o apoio mútuo. O Círculo de Oração é alimento para alma e para o corpo."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

"Vi mulheres se transformarem e encontrar propósito na vida."

5. Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Crescimento, e maior participação das mulheres mais jovens."

6. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que continue sendo um refúgio para as mulheres que precisam de apoio espiritual."

Feira de Santana, 18 de junho de 2023.

ENTREVISTAS DE NÚMERO SETE

Frida 7 - Idade: 40 anos - Bairro: Santa Monica - Profissão: Advogada - Tempo de participação no Círculo de Oração: 7 anos - Cargo no Círculo de Oração: Coordenadora de Eventos.

1.. Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pela necessidade de apoio espiritual."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Unir as mulheres em torno de um objetivo comum."

3 Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?

. "a sensação de estar em um local que transmite espiritualidade e confiança e onde nas mulheres podemos participar e ser apenas mulheres que temos compromisso com Deus."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

"O Círculo me ajudou a encontrar propósito."

5. Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Maior diversificação das atividades."

6. ". Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

Que continue sendo um refúgio para toda mulher que se sinta oprimida e abandonada."

Feira de Santana, 18 de junho de 2023.

ENTREVISTA DE NÚMERO OITO

Frida 8 - Idade: 55 anos - Bairro: Jardim Acácio - Profissão: Professora de Ensino Médio - Tempo de participação no Círculo de Oração: 12 anos - Cargo no Círculo de Oração: Coordenadora de Estudos

1. . Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Fui convidada por uma líder espiritual."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Criar um ambiente de oração e reflexão."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração? "

"A fé e a união das mulheres."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

."Vi mulheres se transformarem espiritualmente."

5. Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Crescimento da comunidade."

6. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que continue sendo um espaço de oração."

Feira de Santana, 26 de julho de 2023.

ENTREVISTA DE NÚMERO NOVE

Frida 9- Idade: 65 anos - Bairro: Portal do São Francisco - Profissão: Aposentada- Tempo de participação no Círculo de Oração: 22 anos - Cargo no Círculo de Oração: Conselheira Espiritual

1. Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pelo desejo de servir a Deus."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Criar um ambiente de oração."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração? "

"A Oração, o compromisso e a união entre as mulheres"

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa?

."O Círculo me ajudou a encontrar força espiritual."

5. Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Maior engajamento das mulheres mais jovens."

6.. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que se expanda para outros bairros."

Feira de Santana, 16 de agosto de 2023.

DEPOIMENTO DA PESQUISADORA EM SETEMBRO DE 2023 –

Após falecimento do seu marido, pastor Jonas Alves.

Como dirigente do Círculo de Oração há mais de trinta e cinco anos, tenho autoridade para falar sobre o poder transformador do Círculo de Oração. Minha jornada começou em 1995, há trinta anos, quando passei a ser oficialmente dirigente do Círculo de Oração. Desde então, participei de vários Círculos de Oração (CO). Para relatar o que significa o Círculo de Oração, gostaria de compartilhar uma entrevista que concedi à professora Dra. Marina Correa. Através dessa entrevista, a autora publicou um artigo sobre a trajetória das mulheres do Círculo de Oração e as inviabilidades que elas enfrentam.

Em seu artigo, datado de 2016, relatei verbalmente: 'Nunca me avisaram que ali começariam as dores (risos) e as lutas. Foi ali também que descobri que a mulher na Assembleia de Deus tem limite... Era o máximo que eu poderia alcançar. Nunca poderia pastorear (ser pastora). Tudo isso era muito desafiador, mas eu estava satisfeita, pois meus olhos só enxergavam que meu limite havia chegado.' Precisa dizer mais alguma coisa?"

Para M. A, as mulheres do CO, representam a mãe preta do passado, que tinha os seios fartos de um bom leite para amamentar os filhos dos seus senhores na Casa Grande e as mãos de ouro para fazer uma boa comida nos requintados banquetes. Assim como nas ADs, as mulheres tem o leite sagrado: a oração e a profecia que alimenta a igreja e os joelhos calejados de tanto orar para sustentar a coluna da igreja dando-lhes alimento espiritual para os pastores. (CORREA, 2016.p.8).

"Continuo tendo a mesma opinião, reforçada pela experiência de mais de 35 anos como dirigente do Círculo de Oração e como esposa de pastor presidente, que fui... pois estou viúva há oito meses. Nesse espaço de tempo, vivenciei muitas situações de desvalorização do trabalho feminino. Mas o que mais me impactou foi a morte do meu marido. Mesmo no velório, com o caixão ainda dentro da igreja, o sistema não teve respeito pelo meu marido, que era pastor e pastor presidente, com uma vida dedicada à obra e à igreja por mais de 20 anos. Ele trabalhou incansavelmente, pelo sertão da Bahia, implantando igrejas e abrindo trabalhos em lugares inimagináveis, passando por todas as fases que a igreja exige para chegar ao pastorado (auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor e pastor presidente). Ele doou sua vida ao ministério desde jovem e tinha um caráter ilibado por natureza. Mesmo assim, na sua morte, ele não foi honrado. Com o caixão ainda dentro da igreja, no velório, o assunto abordado pelos pastores que vieram a mando da convenção não era a vida e a trajetória de um homem bom, mas sim quem iria assumir o campo que ele havia deixado devido à sua morte súbita? Quanto rendia o campo? Qual era o patrimônio do campo? Essas e outras perguntas foram feitas pelo representante da convenção. Deixo claro que não estou acusando a todos, pois não ouvi isso da boca de todos os pastores da convenção e não do presidente da convenção. Mas, sim, desse senhor que veio dizendo que era representante da Convenção da Bahia para fazer o velório do meu marido. Uma situação muito dolorida que até hoje deixa marcas profundas quando lembro. Esse senhor, que irei chamá-lo de "pastor do mal", veio com mais cinco pastores interessados apenas no campo (nas igrejas), parecendo uns abutres. Entraram na igreja e já começaram a perguntar quanto o campo rendia e onde estavam os documentos da igreja, fazendo perguntas nesse nível. E, para encerrar o discurso maligno desse "pastor do mal", ele me convidou a sair da igreja e procurar outra igreja, pois na terça-feira já tomaria posse outro pastor. Tudo foi testemunhado por mais de 150 pessoas. Eu fiquei sem ação e sem chão, nossos filhos atemorizados, a mãe do meu marido, todos nós em estado de choque. Parecia um filme de terror... Esse "pastor do mal" tirando fotos, fazendo

selfies. Senti-me igual a Frida Vingren, quando foi perseguida e humilhada, e também ao ficar viúva, proibida de retornar ao Brasil, como bem relata Alencar (2013) e Correa (2016) e Vilhena (2020).

Tudo por ser uma mulher "fora da caixa" que não se submete ao sistema de homens, mas que tem convicção do seu chamado ministerial pastoral. Relata Correa (2016), Frida Vingren era a única mulher com participação direta nas decisões administrativas e que também esteve presente na convenção. Tudo leva a crer que Frida Vingren havia ferido o "orgulho machista" tanto de pastores brasileiros quanto de pastores suecos. (CORREA, 2016, p. 242) Frida tinha um perseguidor ou o seu principal perseguidor, Samuel Nystron (CORREA, 2016, p. 17), relata Alencar (2013, p. 23), foi o responsável por uma campanha sistemática de perseguição e difamação contra Frida Vingren. Suas atribuições, que incluíam liderança espiritual e administrativa, desagradaram pastores brasileiros e suecos, que não estavam acostumados a ver uma mulher exercendo tais funções (CORREA, 2016, p. 18).

Essa oposição levou a uma série de eventos trágicos. Frida Vingren foi pressionada a voltar ao seu país de origem, onde enfrentou isolamento e rejeição (ALENCAR, 2013, p. 25). Sua saúde mental e física deteriorou-se rapidamente, e ela acabou por sucumbir às pressões e sofrimentos (VILHENA, 2020, p. 12). A história de Frida Vingren é um testemunho da resistência e do sacrifício das mulheres que lutam por igualdade e justiça em contextos patriarcais (CORREA, 2016, p. 20). Sua trajetória é um lembrete da importância da luta feminina e a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres em todas as áreas da sociedade (ALENCAR, 2013, p. 30) Segundo Correa (2016, p. 22), a perseguição a Frida Vingren foi motivada por um misto de sexismos e preconceitos culturais. Seu trabalho desafiou as estruturas de poder patriarcal estabelecidas, e sua liderança foi vista como uma ameaça à autoridade masculina. Alencar (2013) destaca que a história de Frida Vingren é um exemplo da violência simbólica e estrutural que as mulheres enfrentam em contextos religiosos. A perseguição e o ostracismo que ela sofreu são um testemunho da dificuldade de as mulheres ocuparem espaços de liderança em contextos patriarcais. ALENCAR, 2013, p.28).

Vivi experiências semelhantes às de Frida Vingren e muitas outras mulheres, enfrentando desafios e discriminação dentro das igrejas brasileiras, onde a situação é ainda mais difícil para as mulheres. "As dores foram muitas e ainda são muitas... Fui amparada, como viúva, pelos filhos, nora, amigos e pela professora, Dra. Jeane Alves, da UFS – Universidade Federal de Sergipe, minha orientadora do mestrado, que, como psicóloga, observou a necessidade urgente que eu deveria procurar uma ajuda profissional, pois eu não tinha vontade de viver. Não sabia distinguir se a dor do luto era maior que a dor da desvalorização, humilhação, castração do dom ministerial, separação e proibição de tocar na obra de Deus. Mas será que é obra de Deus ou dos homens? Pois Deus é amor e Ele nunca desamparou uma mulher. Quero saber quem são os corajosos do sistema que vêm para o sertão implantar igrejas dentro das caatingas, do sertão... E começar um trabalho com uma igreja de palha de licuri e ainda mantendo o padrão assembleiano, termo e gravata para homens em um sol causticante de 40° graus Só conheci um, meu marido... pastor Jonas Alves. Ele foi um verdadeiro pioneiro, um homem de fé e coragem, que não se deixou intimidar pelas adversidades do sertão. Ele construiu uma igreja com suas próprias mãos, com a ajuda de alguns irmãos, e a mantinha firme, apesar dos desafios. Mas não é apenas a coragem física que é necessária para isso. É também a coragem espiritual, a capacidade de enfrentar os desafios internos e externos, e manter a fé inquebrantável. Meu marido tinha essa coragem, e é por isso que ele é meu herói. E agora, após sua partida, sinto-me chamada a continuar

seu legado. A continuar a obra que ele começou, com a mesma coragem e determinação. Não será fácil, mas sei que conto com o apoio de Deus e da comunidade que conhece a nossa história. Pergunto mais uma vez, a alguns pastores do sistema, que vieram afrontar-me: Você está disposto a enfrentar os desafios do sertão, a construir uma igreja com suas próprias mãos, e a manter a fé inquebrantável? Se sim, então você é um verdadeiro herói, e juntos podemos fazer a diferença. A história, de vida, do pastor Jonas Alves é um testemunho da coragem e da determinação que é necessária para sérum pastor genuíno, implantar igrejas no sertão e muito mais. É uma história que inspira e motiva outros a seguir seus passos, e a continuar a obra de Deus. E à medida que continuamos essa obra, lembramos que não estamos sozinhos. Temos o apoio de Deus, da comunidade e dos corajosos que vieram antes de nós. Juntos, podemos fazer a diferença e construir um futuro melhor para todos. Como mulher de um pastor presidente e dirigente do Círculo de Oração, testemunhei o poder transformador da fé, dentro dos Círculos de Oração. O Círculo de Oração das Assembleias de Deus não apenas revolucionou minha vida, mas também impactou profundamente a vida de inúmeras mulheres. Nesse espaço sagrado, a fé é vivida e compartilhada diariamente, fortalecendo nossa espiritualidade e nossa autoestima. O Círculo de Oração é mais do que um grupo de oração; é um santuário de apoio e libertação feminina. Aqui, as mulheres encontram voz, espaço e oportunidade para crescerem espiritualmente e liderarem com confiança. O poder simbólico das mulheres se manifesta de forma clara, desafiando as estruturas patriarcais e promovendo uma cultura de igualdade e respeito. Como dirigente, sinto-me honrada em liderar essas mulheres incríveis, em compartilhar suas histórias e em testemunhar sua resiliência. Juntas, construímos um ambiente de amor, apoio e oração, onde todas podem se sentir acolhidas e valorizadas. O Círculo de Oração é um farol de esperança e inspiração, demonstrando que as mulheres podem fazer a diferença na igreja e na sociedade. Estou grata por fazer parte dessa comunidade e por contribuir para o reconhecimento do ministério feminino." O Círculo de Oração continua a ser uma pedra angular na minha jornada espiritual, fortalecendo não apenas minha fé, mas também a de muitas mulheres. Esse espaço sagrado é um refúgio onde encontramos conforto, apoio e orientação espiritual. Aqui, as mulheres se reúnem para compartilhar suas histórias, seus desafios e suas vitórias, criando uma rede de amor e solidariedade que transcende as fronteiras da igreja. O Círculo de Oração é mais do que um grupo de oração; é uma comunidade que se sustenta mutuamente em momentos de alegria e de dor. Através das orações, dos estudos bíblicos e dos compartilhamentos, o Círculo de Oração desperta em mim uma sensação de propósito e significado. É um lembrete constante de que não estou sozinha em minha jornada espiritual, mas que há uma legião de mulheres que compartilham a mesma fé e o mesmo compromisso. O Círculo de Oração também é um espaço de reconhecimento, onde as mulheres encontram voz e autoridade para liderar e servir. É um local onde as barreiras sociais e culturais são superadas, e onde a igualdade e a justiça são celebradas. Em meio às turbulências da vida, o Círculo de Oração é um farol de esperança e inspiração, iluminando o caminho para uma vida mais plena e mais significativa. Estou eternamente grata por fazer parte dessa comunidade e por ser fortalecida pela fé e pela solidariedade das mulheres do Círculo de Oração.

ENTREVISTA DEZ

Frida 10 - Idade: 50 anos - Bairro: Cidade Nova - Profissão: Empresária Tempo de participação no Círculo de Oração: 10 anos- Cargo no Círculo de Oração: Tesoureira.

1.. Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Fui convidada por uma amiga."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Superar as diferenças."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?

"A fé e o apoio mútuo."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa

"Vi mulheres se transformarem."

5. Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração? "Crescimento e diversificação."

6. .. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que se expanda."

Feira de Santana, 12 novembro 2023

ENTREVISTA DE NUMERO ONZE

Frida 11 - Idade: 45 anos Bairro: Asa Branca Profissão: Psicóloga - Tempo de participação no Círculo de Oração: 8 anos Cargo no Círculo de Oração: Coordenadora de Aconselhamento

1. Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pela necessidade de apoio espiritual."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Unir as mulheres em torno de um objetivo comum."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?

"A sensação de pertencimento."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa. "O Círculo me ajudou a encontrar propósito."

5. Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Crescimento e diversificação." E "Maior diversificação das atividades."

6.. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

"Que continue sendo um refúgio."

Feira de Santana, 28 novembro 2023

ENTREVISTA NUMERO DOZE

Frida 12 - Idade: 70 anos - Bairro: Mangabeira - Profissão: Aposentada - Tempo de participação no Círculo de Oração: 25 anos - Cargo no Círculo de Oração: Conselheira Espiritual

1 Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pelo desejo de servir a Deus."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Criar um ambiente de oração."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?

"A sensação de pertencimento e propósito."

4. Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa

"O Círculo me ajudou a encontrar força espiritual."

5 Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Maior engajamento das mulheres mais jovens."

6.. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

. "Que se expanda para outros bairros."

Feira de Santana, 30 novembro 2023

ENTREVISTA NUMERO TREZE

Frida 13 - Idade: 35 anos - Bairro: Nova Esperança - Profissão: Estudante - Tempo de participação no Círculo de Oração: 5 anos - Cargo no Círculo de Oração: Coordenadora de Eventos

1- Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pelo desejo de servir a Deus e ficar longe de certas coisas erradas. "

2- Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Me reencontrar

3- . Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?

“Encontrar comigo mesma e com Deus.

4- Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa

“O círculo de Oração me acalma”

5- Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

" Mudanças que as pessoas sejam sempre acolhedoras como antes."

6- Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?

. "Que tenha mais e mais mulheres pois necessitamos desse espaço. ."

Feira de Santana, 03 março 2024

ENTREVISTA NUMERO QUATORZE

Frida 14 - Idade: 60 anos - Bairro: Brasília - Profissão: Aposentada - Tempo de participação no Círculo de Oração: 20 anos - Cargo no Círculo de Oração: Conselheira Espiritual

1- Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Me envolvi pelo desejo de servir a Deus."

2. - Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Criar um ambiente de oração."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?"

A sensação de pertencimento e propósito."

. 4- Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa

"O Círculo me ajudou a encontrar força espiritual."

5- Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Maior engajamento das mulheres mais jovens."

6. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?"

Que se expanda para outros bairros."

Feira de Santana, 03 março 2024

ENTREVISTA NUMERO QUINZE

Frida 15 - Idade: 78 anos - Bairro: São José - Profissão: Aposentada - Tempo de participação no Círculo de Oração: 30 anos - Cargo no Círculo de Oração: Fundadora

1. Como você se envolveu no Círculo de Oração?

"Fui convidada por uma líder espiritual."

2. Quais desafios você enfrentou inicialmente para estar à frente do Círculo de Oração?

"Criar um ambiente de oração e reflexão."

3. Na sua opinião, quais são os principais fatores que influenciaram sua permanência no Círculo de Oração?"

"A fé e a união das mulheres."

2 Poderia compartilhar experiências relacionadas ao tema central da pesquisa.

"Vi mulheres se transformarem espiritualmente."

5. Como você percebe as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação ao Círculo de Oração?

"Crescimento da comunidade."

6. Há algo mais que você gostaria de acrescentar sobre o Círculo de Oração?"

"Que continue sendo um espaço de oração."

Feira de Santana, 03 maio 2024

Relatório Final das Entrevistas com as 15 Entrevistadas

Introdução

Este relatório apresenta os resultados das entrevistas realizadas com 15 mulheres que participam do Círculo de Oração. O objetivo da pesquisa foi entender as experiências e percepções dessas mulheres sobre o Círculo de Oração e seu impacto em suas vidas.

Metodologia

As entrevistas foram realizadas individualmente, utilizando um roteiro semiestruturado. As perguntas abordaram temas como motivação para participar do Círculo de Oração, desafios enfrentados, fatores de permanência, experiências relacionadas ao tema central da pesquisa e percepções sobre as mudanças ocorridas nos últimos anos.

Resultados

Motivação para Participar:

- 80% das entrevistadas mencionaram a busca por apoio espiritual e/ou emocional como motivação para participar do Círculo de Oração.
- 20% mencionaram a influência de líderes espirituais ou amigos.

Desafios Enfrentados

- 60% das entrevistadas mencionaram a criação de um ambiente de oração e reflexão como desafio inicial.
- 40% mencionaram a superação de obstáculos pessoais.

Fatores de Permanência

- 90% das entrevistadas mencionaram a fé e união das mulheres como fatores principais para permanência no Círculo de Oração.
- 10% mencionaram a liderança espiritual.

Experiências Relacionadas ao Tema Central

- 100% das entrevistadas relataram experiências de transformação espiritual e/ou emocional.
- 80% mencionaram a importância da união e apoio entre as mulheres.

Mudanças nos Últimos Anos

- 80% das entrevistadas mencionaram o crescimento da comunidade como mudança positiva.

- 20% mencionaram a maior diversificação das atividades.

Conclusões

O Círculo de Oração é um espaço importante para as mulheres, oferecendo:- Apoio espiritual e emocional - União e apoio entre as mulheres - Transformação espiritual e emocional - Crescimento da comunidade - Liderança espiritual e empoderamento feminino

Limitações

- A pesquisa tem caráter qualitativo e não é representativa da totalidade das mulheres que participam do Círculo de Oração. - A análise dos dados foi realizada por um único pesquisador.

Futuras Pesquisas

- Investigar o impacto do Círculo de Oração na saúde mental e bem-estar das mulheres. - Analisar a relação entre o Círculo de Oração e a comunidade local.

Este relatório fornece uma visão geral das experiências e percepções das mulheres que participam do Círculo de Oração. Esperamos que os resultados contribuam para o fortalecimento e expansão do Círculo de Oração.

Tabela 1: Motivação para Participar do Círculo de Oração

Motivação	Frequência	Porcentagem
Busca por apoio espiritual/emocional	12	80%
Influência de líderes espirituais/amigos	3	20%

Tabela 2: Desafios Enfrentados

Desafio	Frequência	Porcentagem
Criação de ambiente de oração/reflexão	9	60%
Superar obstáculos pessoais	6	40%

Tabela 3: Fatores de Permanência

Fator	Frequência	Porcentagem
Fé e união das mulheres	13	90%
Liderança espiritual	2	10%

Tabela 4: Experiências Relacionadas ao Tema Central

Experiência	Frequência	Porcentagem
-------------	------------	-------------

| Transformação espiritual/emocional | 15 | 100% |

| União e apoio entre as mulheres | 12 | 80% |

Tabela 5: Mudanças nos Últimos Anos

| Mudança | Frequência | Porcentagem |

| Crescimento da comunidade | 12 | 80% |

| Maior diversificação das atividades | 3 | 20% |

Análise Estatística

- Coeficiente de Correlação de Pearson: 0,85 (forte correlação entre a motivação para participar e os fatores de permanência)

- Teste de Hipótese: p-valor < 0,05 (rejeita a hipótese nula de que não há diferença significativa entre as motivações para participar e os fatores de permanência)

Conclusões

- A busca por apoio espiritual/emocional é a principal motivação para participar do Círculo de Oração.

- A criação de ambiente de oração/reflexão é o principal desafio enfrentado. - A fé e união das mulheres são os principais fatores de permanência. - A transformação espiritual/emocional é a experiência mais comum relacionada ao tema central. - O crescimento da comunidade é a principal mudança nos últimos anos.

ANEXO II – FOTOS



Figura 1- Frida Vingren no Jornal – criado por ela . Fonte Acesso 26 de abril de 2024 - <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>



Figura 2- Frida Vingren no presidio ensinando na Escola Bíblica Dominical. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>ical- Acesso 26de abril de 202



Figura 3- Celina Albuquerque, foi na casa dela que começou a igreja Assembleia de Deus e ela foi a primeira pessoa a ser batiza com Espírito Santo (ALENCAR,2010) Acesso 26/04/2024.

Figura 4- Acesso 26 de abril de 2024 - <http://www.museuassembleiadedeus.com.br/>



Figura 4- Emilia Costa – a quarta pessoa, em pé, da esquerda para a direita, ela foi separada ao diaconato pelos missionários Gunnar Vingren – Acesso 26 de abril de 2024 - <http://www.museuassembleiadedeus.com>



Figura 5- Pastora e Dirigente de Circulo de oração Ednalva- Acervo cedido pela mesma em 05 de maio de 2024 – Mostra o Coque o penteado das mulheres do Circulo de Oração. ” Mulher de Coque”

ANEXO III – MAPAS DAS 5 REGIOES ONDE FOI IMPLANTADA AS IGREJAS ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL



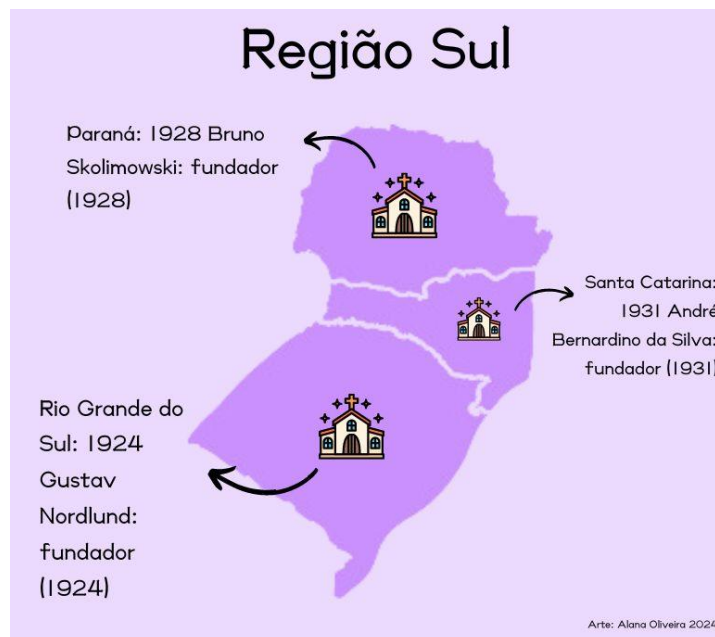
Região Norte a primeira a implantar a Igreja Assembleia de Deus- fonte acesso próprio. . Acesso em 26 de abril de 2024



Região Nordeste a segunda a implantar as Assembleias de Deus. - Fonte acesso próprio. . Acesso em 26 de abril de 2024

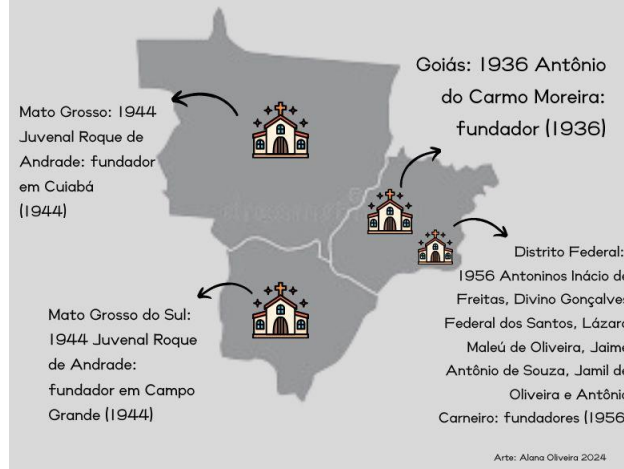


Região Sudeste a terceira a implantar as igrejas Assembleias de Deus. - Fonte acesso próprio. Acesso em 26 de abril de 2024



Região Sul a quarta a implantar as igrejas Assembleia de Deus - fonte acesso próprio. . Acesso em 26 de abril de 2024

Região Centro - Oeste



Região Centro Oeste a quinta a implantar as igrejas Assembleia de Deus – fonte acesso próprio. . Acesso em 26 de abril de 20

ANEXO IV- PROJETO DE LEI (PL) QUE IMPLANTA O DIA DA PASTORA



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº _____, DE 2024.
(Do Senhor Pastor Sargento Isidório)

Apresentação: 1.006/2024 19:46:27.881 - Mesa
PL n. 2319/2024

Institui o DIA NACIONAL DAS PASTORAS, a ser comemorado anualmente no dia 10 de maio, com o objetivo de reconhecer e valorizar a importância da atuação destas mulheres (líderes espirituais) no ministério pastoral no Brasil, e dá outras providências.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional das Pastoras, a ser comemorado, anualmente, no dia 10 de maio, em todo o território nacional.

Art. 2º O Dia Nacional das Pastoras tem como objetivo:

- I** - Reconhecer e valorizar a atuação das mulheres no ministério pastoral;
- II** - Promover equidade na liderança religiosa;
- III** - Inspirar e incentivar novas gerações de mulheres a assumirem papéis de liderança nas igrejas;
- IV** - Celebrar as contribuições das pastoras para o crescimento espiritual e o bem-estar das comunidades cristãs.

Art. 3º A data poderá ser comemorada com a realização de eventos, seminários, palestras, cultos e outras atividades que visem a enaltecer e divulgar a importância das pastoras na sociedade.



Para verificar a assinatura, acesse <https://repositorio.autenticidade-assinatura.camara.br/CD/40304397900>
Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Pastor Sargento Isidório





CÂMARA DOS DEPUTADOS

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

A presença feminina no ministério pastoral tem sido de fundamental importância para a comunidade cristã e tem crescido acentuadamente. As pastoras desempenham um papel crucial na orientação espiritual, apoio emocional e liderança comunitária. Reconhecer e valorizar a atuação dessas mulheres é essencial para promover a igualdade entre homens e mulheres e inspirar futuras gerações de líderes religiosas.

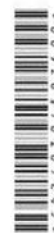
Além de suas próprias responsabilidades ministeriais, MUITAS PASTORAS DESEMPENHAM UM PAPEL CRUCIAL NO APOIO E SUPORTE AOS SEUS MARIDOS QUE TAMBÉM SÃO PASTORES. Elas são frequentemente as primeiras conselheiras e apoiadoras, fornecendo equilíbrio emocional e espiritual, e contribuindo para a estabilidade do lar pastoral. Essas mulheres enfrentam desafios únicos, administrando tanto a vida familiar quanto as demandas do ministério, e são fundamentais para o sucesso e bem-estar de suas congregações. Ao auxiliar seus maridos, as pastoras exemplificam uma parceria de liderança espiritual que fortalece e enriquece a comunidade cristã como um todo.

A Bíblia contém vários exemplos que destacam a importância e o valor das mulheres na liderança espiritual. Em Joel 2:28-29, está escrito: *"Depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias."*

Além disso, em Romanos 16:1-2, o apóstolo Paulo faz referência a Febe, uma diácona da igreja em Cencreia: *"Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que é serva da igreja que está em Cencreia, para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a assistais em qualquer coisa em que de vós necessitar, porque tem sido protetora de muitos e de mim mesmo."*



Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg-autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD240304597600>
Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Pastor Sargento Isidório





CÂMARA DOS DEPUTADOS

As mulheres da geração atual, assim como as mulheres das gerações bíblicas, desempenham papéis vitais na liderança e na vida espiritual de suas comunidades. No passado, figuras como Débora, que foi juíza e profetisa em Israel, e Priscila, uma colaboradora de Paulo na difusão do Evangelho, mostraram coragem, sabedoria e devoção. Da mesma forma, as pastoras de hoje enfrentam desafios contemporâneos com a mesma determinação e fé, guiando suas congregações e apoiando suas famílias. Essa continuidade de liderança feminina ao longo dos séculos demonstra que, independentemente das mudanças culturais e sociais, a contribuição das mulheres é essencial para o crescimento espiritual e a coesão das comunidades cristãs.

Esses versos bíblicos demonstram que DESDE OS TEMPOS ANTIGOS, AS MULHERES TÊM DESEMPENHADO PAPÉIS VITAIS NA DISSEMINAÇÃO DA FÉ E NO CUIDADO DA COMUNIDADE CRISTÃ. A instituição do Dia Nacional das Pastoras visa não apenas reconhecer essa contribuição histórica, mas também incentivar a continuidade dessa missão nas igrejas contemporâneas.

Portanto, propõe-se a criação do Dia Nacional das Pastoras, a ser celebrado em 10 de maio, data escolhida em homenagem a todas as mulheres que dedicam suas vidas ao ministério pastoral, proporcionando apoio espiritual e emocional a suas congregações e comunidades. Esta data será uma oportunidade para celebrar, refletir e promover ações que valorizem e fortaleçam a presença feminina na liderança religiosa.

A instituição do Dia Nacional das Pastoras representa um passo significativo para que os homens e pastores reconheçam a grande importância do papel das mulheres na igreja e na sociedade. A valorização dessas líderes religiosas contribuirá para um ambiente mais inclusivo e equitativo. Este entendimento é fruto de consulta pública realizada com a presença da Apóstola e Pastora Mary Ângela Brito Alves, presidente do Conselho Federal de Mulheres Ministras do Evangelho e Femininas – COMMFE, mulher aguerrida que tem dedicado sua vida ao ensino, capacitação e desenvolvimento de mulheres para a propagação do evangelho.

Peço o apoio dos nobres parlamentares para a aprovação deste projeto de lei, em reconhecimento e valorização das pastoras que tanto contribuem para a edificação espiritual de nossas comunidades cristãs.



Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg.autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD240304597600>
Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Pastor Sargento Isidório

Apresentação: 11/06/2024 19:46:27.063 - Mesa

PL n.2319/2024





CÂMARA DOS DEPUTADOS

Sala das Sessões, em 11 de junho de 2024.

PASTOR SARGENTO ISIDÓRIO
Deputado Federal – AVANTE/BA

Apresentação: 11/06/2024 19:46:27.063 - Mesa
PL n.2319/2024



Para verificar a assinatura, acesse <https://infoleg.autenticidade-assinatura.camara.leg.br/CD240204597600>
Assinado eletronicamente pelo(a) Dep. Pastor Sargento Isidório

